

ELIZA SALGADO DE SOUZA

PANORAMA DO ESPORTE EM MANAUS - 1897 a 1911

Belo Horizonte

2017

ELIZA SALGADO DE SOUZA

PANORAMA DO ESPORTE EM MANAUS - 1897 a 1911

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos do Lazer, da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Estudos do Lazer.

Orientador: Prof. Dr. Cléber Augusto Gonçalves Dias- UFMG

Belo Horizonte

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG

2017

S719p Souza, Eliza Salgado de
2017 Panorama do esporte em Manaus - 1897 a 1911 [manuscrito] / Eliza Salgado de Souza – 2017.
96 f., enc.:il.

Orientador: Cleber Augusto Gonçalves Dias

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.

Bibliografia: f. 10-93

1. Lazer – Aspectos sociais – Teses. 2. Esportes – Teses. 3. Manaus (AM) – História – Teses. I. Dias, Cleber Augusto Gonçalves. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. III. Título.

CDU: 379.8

Ficha catalográfica elaborada pela equipe de bibliotecários da Biblioteca da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais.



Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional
Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer
Email: ppgiel@eeffto.ufmg.br Telefone: (31) 3409-2335

EEFFTO
ESCOLA DE EDUCAÇÃO
FÍSICA, FISIOTERAPIA
E TERAPIA OCUPACIONAL

UFMG

ATA DA 127ª DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

ELIZA SALGADO DE SOUZA

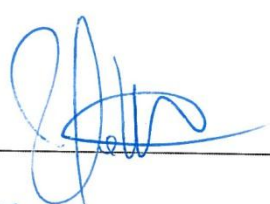
Às 14h00min do dia 26 de julho de 2017 reuniu-se na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG a Comissão Examinadora de Dissertação, indicada pelo Colegiado do Programa para julgar, em exame final, o trabalho "*Primórdios do esporte em Manaus – 1897 a 1911*", requisito final para a obtenção do Grau de Mestre em Estudos do Lazer. Abrindo a sessão, o Presidente da Comissão, Prof. Dr. Cléber Augusto Gonçalves Dias, após dar a conhecer aos presentes o teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra para a candidata, para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos examinadores, com a respectiva defesa da candidata. Logo após, a Comissão se reuniu, sem a presença da candidata e do público, para julgamento e expedição do resultado final. Foram atribuídas as seguintes indicações:

Membros da Banca Examinadora	Aprovada	Reprovada
Prof. Dr. Cléber Augusto Gonçalves Dias (Orientador)	☒	☐
Profa. Dra. Maria Cristina Rosa (UFMG)	☒	☐
Prof. Dr. Carlos Fernando Ferreira da Cunha Junior (UFJF)	☒	☐

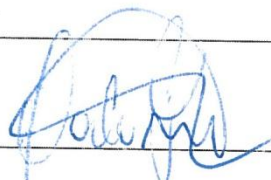
Após as indicações a candidata foi considerada: Aprovada

O **resultado final** foi comunicado publicamente, para a candidata pelo Presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar o Presidente encerrou a reunião e lavrou a presente ATA que será assinada por todos os membros participantes da Comissão Examinadora.

Belo Horizonte, 26 de julho de 2017.

Prof. Dr. Cléber Augusto Gonçalves Dias 

Profa. Dra. Maria Cristina Rosa 

Prof. Dr. Carlos Fernando Ferreira da Cunha Junior 

In memoriam de José Januário Campos, José Fina Salgado Campos e Luzia Salgado de Souza, meus avós e minha mãe, que dedicaram suas vidas a família, permitindo, com tanto trabalho, que pudéssemos sonhar com dias melhores.

AGRADECIMENTOS

Gilberto Gil canta em uma música, onde ele diz: “andar com fé eu vou, que a fé não costuma faia”. Pra ter essa fé que ele canta e nos encanta na música, precisamos acreditar em alguém ou alguma coisa, que nos faça segurar firme e não perder as esperanças. No meu caso é um alguém, ou melhor, são duas divindades, o qual tenho fé. A eles gostaria de agradecer, primeiramente. A Nossa Senhora de Fátima, santa que aprendi a ser devota com minha mãe e a Deus, esse ser misterioso tão presente em várias vidas. Obrigada meu Deus e minha Nossa Senhora de Fátima por não terem me desamparado!

Em segundo lugar, queria agradecer a oportunidade, singular, de frequentar uma excelente universidade pública. Oportunidade essa, que em nossa sociedade ainda é um privilégio para poucos. A Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), essa instituição de ensino que me acolheu em um momento turbulento da minha vida, dedico o meu segundo agradecimento. Também gostaria de agradecer a todos os professores dessa instituição, que tive o prazer de conhecer, por compartilhar o conhecimento de forma tão contagiante. A essas pessoas, meus sinceros agradecimentos. Queria de agradecer, em especial, ao Prof. Sílvia Ricardo pela enorme contribuição em minha formação, não apenas profissional, mas pessoal, humana. Salve Sílvia! Serei sempre grata!

De maneira especial, gostaria de agradecer também, o meu orientador, pessoa serena, paciente... paciente... muito paciente, animada, amiga, divertida (...) e um pesquisador inigualável que é para mim, um dos melhores pesquisadores que existe atualmente. Um ser fora do normal, que tem grande domínio no assunto de História do Lazer e está a todo o momento realizando leituras a fim de ampliar seu conhecimento sobre o assunto. Obrigada Cléber! Salve!

Também queria agradecer aos meus companheiros desse percurso, que tantas alegrias me proporcionaram. João, Luciana, Karla, Hérnan, Poliana Rocha obrigada por terem compartilhado tantas conversas e vivências! Estão marcados... porém, no meu coração!

Gostaria de agradecer, de maneira especial, duas pessoas que também compartilharam desse processo, Marcela e Flávia. Essas são duas pessoas maravilhosas que dividiram tantos momentos alegres, os sorrisos, as tristezas, as incertezas (...) durante esse percurso. Obrigada, saibam que vocês não são como os cometas que passam em nossa vida, mas como as estrelas que ficam!

Queria agradecer aos meus amigos de graduação que sem dúvida contribuíram para formação, a Hernanda, Poliana, Jonatha, Thaís, Carlos e outros que dividiram sorrisos, alegrias, tristezas aprendizagens. Muito obrigada! Em especial queria agradecer a Gleice

Ferreira. Pessoa que é um exemplo! Que além de dividir sorrisos, alegrias, me amparou em um momento de dificuldade, na realidade em mais de um! Obrigada!

Gostaria de agradecer de maneira mais que especial a Joyce. Na realidade, acho que deveria ter agradecido a ela junto com divindades, pois tenho certeza que foi Deus ou minha Nossa Senhora de Fátima que a colocou em minha vida e deu força para suportar tamanha loucura que vivi nesse processo. Obrigada Joyce, pela paciência, pelas noites sem dormir, pelo seu olhar cuidadoso, pelas broncas, pela força, pelos sorrisos, pelo aconchego, pelo cuidado, pelo carinho (...), por tudo que você fez e continua fazendo por mim e na minha vida! Se anjos existem, acredito que você seja o meu!

Também queria agradecer a minha família, em especial a Irinéia (minha irmã) e ao seu José Belarmino (meu pai), pois tenho certeza que se não fosse o incentivo dos dois eu provavelmente não estaria aqui. A Irinéia por segurar a barra sozinha enquanto tive que me dedicar ao trabalho e ao meu pai por me apoiar financeiramente e por ter paciência e o carinho representado pela sua presença em minha vida! Muito obrigada!

Gostaria de agradecer aos meus outros 6 irmãos, Geraldo, Eliene, Elisângela, Pedro, Célio, Mauro, pelos aprendizados e carinho que muito importaram a minha formação. Gostaria de agradecer aos meus sobrinhos, Lucas, Letícia, Nathália, Hebert, João Paulo e Robert, por serem essa luz maravilhosa na minha vida!

Queria agradecer a minha família como um todo! Incluo na minha família uma pessoa muito especial que traz energias tão boas, uma paz sem igual (...), Bruna. Obrigada pelos anos de amizade e por dividir também esse processo!

Ao Hisla, grupo coordenado pelo meu orientador, queria agradecer as contribuições e aprendizados.

Ao PET-Educação Física e Lazer por todas as vivências e experiências que marcaram minha vida! Em especial Débora Oliveira, Daniel, Sara e Marcos Buba, obrigada! Aos atores do Programa Escola Aberta que compartilham tantos aprendizados e me apoiaram e ajudaram nessa caminhada!

Ao Programa de Pós Graduação em Estudos do Lazer por ter sido a estrada que percorri nessa formação.

À Capes pela bolsa que tanto me ajudou!

A todos que contribuíram direta e indiretamente o meu mais sincero agradecimento.

"O inferno dos vivos não é algo que será; se existe, é aquele que já está aqui, o inferno no qual vivemos todos os dias, que formamos estando juntos. Existem duas maneiras de não sofrer. A primeira é fácil para a maioria das pessoas: aceitar o inferno e tornar-se parte deste até o ponto de deixar de percebê-lo. A segunda é arriscada e exige atenção e aprendizagem contínuas: tentar saber reconhecer quem e o que, no meio do inferno, não é inferno, e preservá-lo, e abrir espaço."

(Ítalo Calvino).

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo investigar e descrever a organização esportiva na cidade de Manaus no final do século XIX e início do XX. Para tanto, tomou-se como ponto de partida a fundação de um clube esportivo, o Sport Club Amazonense, em 1897, delimitando o recorte temporal até 1911, quando se interrompe o funcionamento do Prado Amazonense, importante local de realização e apreciação do turfe na cidade, e há uma intensificação da organização do futebol. Para realizar a pesquisa foram consultados periódicos da época disponíveis na Hemeroteca Digital. Nesse período Manaus se tornou um importante centro importador e exportador, sofrendo várias transformações que levaram a mudanças estruturais e sociais. Em meio a esse espectro os clubes esportivos e os locais para a prática dos esportes, passam a fazer parte das possibilidades de sociabilidade da cidade. A princípio destacam-se dois clubes, O Sport Club Amazonense e o Grupo Cyclista Amazonense. O primeiro pela realização de esportes e festas e o segundo pela organização de passeios e corridas de bicicleta pela cidade. Todavia, com a virada do século XIX para o XX, novas agremiações são fundadas e espaços construídos especificamente para a apreciação e prática dos esportes, o Velódromo Amazonense, local das corridas de bicicleta e o Prado Amazonense, local das corridas de cavalo.

Palavras – chave: Manaus. História do Esporte. Esportes. Imprensa.

ABSTRACT

This study aimed to investigate and describe the organization of sports in the city of Manaus in the late 19th and early 20th centuries. For both, took as its starting point the foundation of a sport club, the Sport Club of Amazonas, in 1897, delimiting the clipping temporal until 1911, when it stops the operation of the Prado Amazonense, important place of realization and appreciation of the turf in the city, and there is an intensification of the organization of football. To accomplish the research were consulted periodicals of the time available in the Hemeroteca Digital. During this period Manaus became an important center importer and exporter, undergone many transformations that led to structural changes and social. In the midst of this spectrum sports clubs and places for the practice of sports, become part of the possibilities of sociability of the city. The principle are two clubs, Sport Club of Amazonas and the Group Cyclista Amazonense. The first by the practice of sports and parties and the second by organizing tours and races through the city. However, with the turn of the 20th century, new clubs are founded and built spaces specifically for the consideration and practice of sports, the Velódromo Amazonense, site of racing bike and the meadow of Amazonas, site of horse racing.

Keywords: Manaus. History of Sport. Sports. Press.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 - Praça General Osório, 1909.....	29
FIGURA 2 - Programa das corridas do dia 15 de novembro.	33
FIGURA 3 - Local onde foi construído o velódromo, círculo amarelo, e suas duas entradas, em vermelho.	46
FIGURA 7 - Walthor e Lawson.....	56
FIGURA 8 - Offmann e Walthour.....	56
FIGURA 9 - Coriolano Durand.	59
 QUADRO 1 - Clubes fundados em Manaus século XIX e XX	 88

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	10
2 AS PRIMEIRAS ORGANIZAÇÕES ESPORTIVAS DE MANAUS.....	14
2.1 Sport Club Amazonense	17
2.2 Grupo Cyclista Amazonense	27
2.3 Mudanças à vista – a organização esportiva do século XX.....	36
3 VELÓDROMO AMAZONENSE	44
3.1 A organização das corridas e seus programas	47
3.2 As corridas de bicicletas e as estratégias de atração do público.....	53
3.3 Corridas de sensação: as variações das disputas	54
3.5 A tandem	60
3.6 Corrida a pé	62
3.7 Stoessel: o campeão amazonense	63
3.8 O grande clássico do ciclismo: Pará-Manaus	65
3.9 Corridas mirabolantes.....	67
4 PELO PRADO AMAZONENSE: O TURFE EM MANAUS	70
4.1 Organização do turfe em Manaus	73
4.2 Entre confusões e tribofes: as corridas de cavalo em Manaus	77
4.3 “Moralizando” o turfe: Derby Club.....	82
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	87
FONTES	90
REFERÊNCIAS	91

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Foi a partir da elaboração do trabalho de conclusão de curso, que a história do esporte em Manaus se tornou interesse de estudo. Nesse trabalho, uma das primeiras agremiações esportivas da cidade, o Sport Club Amazonense, foi objeto de investigação, onde vasculhando a imprensa para tal, foi possível perceber a presença do esporte, de maneira abundante e instigante, em um período posterior ao Sport Club Amazonense. O contato com essas fontes fez com que surgisse o interesse na continuidade dessa pesquisa, onde a intenção passara a ser a ampliação da compreensão de como se deu o desenvolvimento dos esportes na cidade manauara.

Nesse sentindo, esta dissertação teve como objetivo investigar e descrever o desenvolvimento da história do esporte em Manaus no final do século XIX e início do XX, procurando ampliar a visão, propiciada pela pesquisa do trabalho de conclusão de curso. Para tanto, tomou-se como ponto de partida a fundação no Sport Club Amazonense em 1897, procurando inquirir novos olhares, delimitando o recorte em 1911, quando se interrompe o funcionamento do Prado Amazonense, importante local de realização e apreciação do turfe na cidade, e há uma intensificação da organização do futebol.

De acordo com Melo, podemos dividir em cinco fases os estudos que dizem respeito à História do Esporte no Brasil. A primeira que engloba as produções publicadas na virada do final do século XIX e XX. A segunda, 1920-1940, onde se tem uma preocupação mais acentuada com a história da educação física e da ginástica, todavia com a história servindo para provar e legitimar posições pré-estabelecidas. A terceira, 1940-1980, marcada pelo aumento da produção. Nessa fase há diferença no que se refere à compreensão metodológica e teórica. A quarta fase, 1980, se destaca pela crítica e pelo anúncio de redimensionamento dos estudos anteriores. E, a quinta, a partir da década de 1990, atual fase, é caracterizada pela História do Esporte ser configurada mais claramente como campo de investigação, tendo uma maior sistematização e institucionalização. Nesse processo foi importante a organização de um grupo de pesquisa e a realização de encontros sobre o tema. Desse momento em diante, a História do Esporte passou a ganhar mais notoriedade com maior abertura em eventos científicos, teve a fundação de uma revista específica (*Recorde: Revista de História do Esporte*)¹, além de estar mais presente em periódicos, etc².

¹ Essa é a primeira revista dedicada à História do Esporte, seu assunto central é “a trajetória, no tempo e no espaço, das práticas corporais institucionalizadas (esporte, educação física, dança, ginástica, capoeira, entre outras), bem como das atividades de diversão/lazer, em todos os períodos históricos”. MELO, Victor. Por que

Entretanto, apesar da configuração do campo de investigação e das novas perspectivas, a concentração de estudos sobre a história do esporte ficou focada nos centros de poder político e econômico, o que reforçou “a suposta centralidade e influência dos acontecimentos das maiores cidades brasileiras, nomeadamente do Rio de Janeiro e de São Paulo, sobre as demais regiões do país”. Nesse sentido, narrativas históricas nacionais, “aparecem como o resultado de um conjunto mais ou menos arbitrário de reduções e generalizações, onde práticas e imaginários de determinados grupos específicos, de regiões específicas, se apresentarão como representações válidas para toda a nação”³.

Esse é o caso dos estudos sobre a história do esporte em Manaus, onde pouco se sabe sobre seu desenvolvimento. Ao buscar estudos sobre a história do esporte na cidade amazonense foram encontrados apenas dois trabalhos sobre o tema. A dissertação de Tarcísio Serpa Normando, nomeada “Jogos de bola, projetos de sociedade: por uma história social do futebol na Belle Époque Manauara”, que trata da história social do futebol em Manaus no início do século XX. Essa dissertação resultou na produção de um artigo publicado na revista digital *Lecturas, Educación Física y Deportes*⁴, nomeado “Nas praças, nas ruas e nos rios: a Amazônia esportiva em sua belle époque”, onde o autor apresenta os esportes mais retratados nos jornais em Manaus. E, do livro de Abraim Baze chamado “Luso Sporting Club - a Sociedade Portuguesa no Amazonas”⁵. Nesse livro, o autor reúne várias memórias do Luso Sporting Club, clube que se firmou no âmbito do futebol, fundando em 1912.

Este trabalho, que está concatenado com um projeto mais amplo que tem por objetivo estudar a História do esporte nos sertões do Brasil, onde esses esforços para entender melhor determinadas regiões do Brasil, constituem-se em esforços para entender mais e melhor o próprio Brasil⁶, pretende lançar luz sobre questões relacionadas ao desenvolvimento histórico do esporte em Manaus. Tendo em vista que a história do esporte vai cruzar com muitas outras histórias nas diversas dimensões da sociedade (política, cultural, social,

uma revista brasileira de história do esporte? Breves palavras sobre esse periódico. **Recorde: Revista de História do Esporte**, v. 1, n. 1, jun. de 2008.

² MELO, Victor. FORTES, Rafael. História do esporte: panorama e Perspectivas. **Fronteiras**, Dourados, MS, v. 12, n. 22, p. 11-35, jul./dez. 2010.p.20, 21.

³ DIAS, Cléber. História do esporte no sertão brasileiro: memória, poder e esquecimento. **Materiales para la Historia del Deporte**, v.x, p.24-36, 2012. Ver também: DIAS, Cléber. Esporte e cidade: balanços e perspectivas. **Tempo**, v. 17 n. 34, p. 33-44, Jan./ Jun. 2013; PIRES, Roberto; DIAS, Cléber; LEITE, Marcos. História e memória do esporte em Jequié. **Recorde**, v. 7, n. 1, p. 1-23, jan./jun. 2014.

⁴ Para mais informações sobre a revista digital *Lecturas, Educación Física y Deportes* consultar <http://www.efdeportes.com/>.

⁵ BAZE, A. **Luso Sporting Club-a Sociedade Portuguesa no Amazonas**. Manaus, editora Valer, 2007.

⁶ * DIAS, Cléber. **História do Esporte no sertão do Brasil**. Rede Interinstitucional de Pesquisa em História Regional do Esporte, p.16.

econômica, etc)⁷. E, que “através de cada realização no universo do esporte-iluminada pelo olhar historiográfico, sociológico e antropológico – podemos compreender como a sociedade funciona, como cada cultura se expressa, como a política se estabelece ou como a economia se modifica”⁸.

Para realizar essa tarefa, foram consultados jornais disponíveis na Hemeroteca Digital⁹. Esses jornais foram selecionados utilizando o sistema de busca oferecido no site¹⁰. Como afirma Tosh estas publicações eram disseminadas com pouca consideração para a posteridade. Elas se destinavam mais a informar, influenciar, iludir ou entreter os seus leitores. Além do mais, segundo Ribeiro, “a imprensa é um ator histórico, político e social, um órgão propagador de ideias e, também, negociador de conflitos”¹¹. Contudo, por meio da sua utilização dessas publicações é possível entender, de certo modo, a organização dos esportes em diferentes épocas.

Dessa busca foram encontrados os jornais *A Federação*¹² (1895 a 1900), *Commercio do Amazonas*¹³ (1870 a 1912), *Jornal do Commercio*¹⁴ (1904 a 1979), *Correio do Norte*¹⁵ (1906 a 1912), *Diario Oficial*¹⁶ (1893-1900), *Quo Vadis?*¹⁷ (1902 a 1904), *Correio Sportivo*¹⁸ (1910, 1911 e 1916) e *Diário de Manaus*¹⁹ (1890 a 1894). Além dos jornais, foram utilizados o *Almanach administrativo, histórico, estatístico e mercantil da província do*

⁷ MELO, Victor. FORTES, Rafael. História do esporte: panorama e Perspectivas. **Fronteiras**, Dourados, MS, v. 12, n. 22, p. 11-35, jul./dez. 2010.

⁸ MELO, V.; DRUMOND, M.; FORTES, R.; SANTOS, J. **Pesquisa Histórica e história do esporte**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013.

⁹ Portal de periódicos nacionais, da Fundação Biblioteca Nacional, que proporciona consulta ao seu acervo de periódicos pela internet. Para mais informações e consultas, ver: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>.

¹⁰ Foi utilizado o filtro que oferece a pesquisa por local, período, periódicos e palavra chave. Nele foram selecionados os seguintes itens: AM, todos os períodos e periódicos com a palavra-chave *sport*. Faz-se necessário informar que na medida em foram sendo achadas outras palavras chaves, como *velódromo* e *prado*, estas foram utilizadas.

¹¹ RIBEIRO, P. D. Tavares. **Do burgo podre ao leão do norte: o Jornal do Commercio e a modernidade em Manaus (1904-1914)**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2014.

¹² Este jornal era órgão do Partido Republicano Federal, de publicação diária. Ele tinha assinaturas semestrais e anuais para a capital e interior.

¹³ De acordo com Ribeiro, este jornal foi fundado em 1869 por Gregório José de Moraes e a princípio foi um porta-voz dos presidentes da Província. O jornal circulou na capital e no interior. RIBEIRO, P. D. Tavares. **Do burgo podre ao leão do norte: o Jornal do Commercio e a modernidade em Manaus (1904-1914)**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2014.

¹⁴ Segundo Ribeiro, o **Jornal do Commercio** foi fundado por Joaquim Rocha dos Santos em 2 de janeiro de 1904, circulando na capital e no interior. Em 1907, depois da morte do seu fundador, foi comprado por Vicente Reis. Esse é o jornal que foi mais utilizado na elaboração do trabalho. RIBEIRO, P. D. T. Ibidem.

¹⁵ Este jornal era órgão do Partido Revisionista do Estado do Amazonas. De acordo com Ribeiro, foi fundado por Heliodoro Balbi em 1906. Era de publicação diária e circulava na capital e interior. RIBEIRO, P. D.T. Ibidem.

¹⁶ Era o porta-voz do Estado Federado do Amazonas.

¹⁷ Era um jornal que se intitulava órgão de interesses populares, de circulação diária, para capital, interior e estrangeiro.

¹⁸ Se intitulava órgão do de propaganda esportiva, inaugurado em 1910.

¹⁹ Era um jornal de propriedade de uma associação. Seu responsável era Dr. Agésilão P. da Silva. Tinha assinatura para a capital e para o estrangeiro.

Amazonas para o anno de 1884 e os Relatórios dos presidentes dos estados brasileiros (AM) – 1891 a 1930.

Esta dissertação está dividida em três momentos. O primeiro capítulo, onde será apresentado um contexto geral da cidade de Manaus e as agremiações esportivas que foram encontradas no final do século XIX e início do XX. Será feita uma descrição de como essas sociedades se organizavam, procurando mostrar as mudanças que se efetuaram com a virada do século XIX para o XX.

O segundo capítulo tratará do Velódromo Amazonense, espaço construído em 1904, onde ocorriam as corridas de bicicleta. Neste tópico será abordado sobre sua fundação, organização dos programas das corridas e estratégias para atrair o público ao velódromo.

No terceiro capítulo, será dedicado ao Prado Amazonense, local, onde aconteciam as corridas de cavalo. Este começou a ser organizado em 1906 e logo assumiu um lugar de destaque na sociedade em questão. A fundação, organização das corridas, as confusões e tribofes e a tentativa de moralização do prado com a organização de uma agremiação serão os assuntos deste capítulo.

2 AS PRIMEIRAS ORGANIZAÇÕES ESPORTIVAS DE MANAUS

A veiculação de informações relativas ao universo esportivo em Manaus parece datar do final do século XIX. Notícias como a de um tal Dr. Tissie, que tratava do uso do velocípede - dizia que o velocípede era um “excelente” exercício para a respiração, desde que fossem tomados alguns cuidados, tais como: tinha que ser moderado, em terreno plano e a velocidade não deveria exceder de 18 a 20 quilômetros para indivíduos experientes e 12 a 15 quilômetros para os iniciantes²⁰. Ou sobre o clero, autorizado pelo papa a fazer uso da bicicleta no campo. E, outros eclesiásticos que jogavam florete²¹. Passaram a circular na cidade e contribuir para a propagação de um imaginário referente à prática esportiva. Tais informações são veiculadas em um momento de transformações de ordem econômica, e sociais, onde a cidade se torna objeto de intervenções no sentido da modernização²². A economia, a demografia e a estrutura urbana da cidade, bem como os comportamentos e hábitos culturais de sua população, passaram por mudanças relativamente rápidas - foi nesse momento que as elites iniciaram uma identificação própria, enaltecendo a cidade e objetivando suas sincronias com o que era avaliado como moderno e civilizado em eixos do sudeste e de fora do país²³.

Manaus sofrera uma aguda transformação nos últimos anos do século XIX. Segundo Dias “A cidade sofre a partir de 1890 seu primeiro grande surto de urbanização, isto graças aos investimentos propiciados pela acumulação de capital, via economia agrária extrativista-exportadora, especificamente a economia do látex”.

A comercialização da borracha, cuja matéria prima encontrava-se com abundância na região, desencadeou uma série articulada e complexa de mudanças na vida da cidade, que ao lado de Belém, funcionara como um dos principais pontos para exportação do produto²⁴. O

²⁰ Interessante observar que esse mesmo artigo do Dr. Tissie foi encontrado por Schetino no Jornal do Brasil no Rio de Janeiro. SCHETINO, A. M. **Pedalandando na modernidade**: a bicicleta e o ciclismo na transição do século XIX para o XX. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008. Já em Manaus ela foi encontrada do Diário de Manaus. Velocípede. *Diário de Manaus*, 31 dez. 1892, n.2, p.1.

²¹ O clero mundanisando-se. **A Federação**, Manaus 22 dez. 1895, n.351, p.2.

²² DAOU, Ana Maria. Instrumentos e sinais de civilização: origem, formação e consagração da elite amazonense. **História, ciência, saúde**, v.6 (suplemento), p.867-888, set. 2000.

²³ SANTOS JUNIOR, Paulo. A imposição da modernidade na Manaus da borracha. **Cadernos de Pesquisa do CDHIS**, n. 36/37, ano 20, p. 119-131, 2007.

²⁴ Esse não foi o único momento em que Manaus passou por mudanças provocadas por um *boom* econômico. De acordo com Peixoto, a cidade vivenciou quatro desses momentos, que foram de curta duração e levaram a retração e até a letargia. O primeiro foi o seu nucleamento inicial até as primeiras décadas do século XIX; o segundo se localiza entre a década de 1830 e fins da década de 1870, onde a cidade tem dois reordenamentos político-administrativos que são a implantação do Código do Processo (1833) e a criação da Província do Amazonas (1850); o terceiro é o que está sendo tratado, expansão e crise da economia de exportação da borracha; e o quarto com a implantação da Zona Franca de Manaus em meados dos anos sessenta. PINHEIRO,

início da extração e exportação do látex no Amazonas deu-se em 1827, quando 31 toneladas do produto foram comercializadas. Em 1880, esse volume já era de 7 mil toneladas, atingindo a marca de 17 mil toneladas em 1887, num crescimento produtivo acumulado de quase 55.000%, o que equivale a um crescimento médio anual superior a 900%, por um período de 60 anos. Em 1908, esta quantidade atingiu o patamar de 18 mil toneladas, quando, pela primeira vez, Manaus superou Belém no total de borracha exportada. Considerando a organização predominante da economia brasileira, voltada para a exportação de produtos agrícolas, a borracha já figurava como produto nacionalmente importante, representando 28% do total das exportações brasileiras em 1890. Em 1912, este percentual atingiria a impressionante marca de 40%, quase se igualando a fatia ocupada pelo café, principal produto brasileiro de exportação da época²⁵.

O ciclo de prosperidade promovido pela economia da borracha atraiu grande número de migrantes e imigrantes para Manaus. A população de Manaus mais que dobrou num período de 28 anos, saltando de 29 mil habitantes em 1872, para mais de 60 mil em 1900; número que atingiria os 80 mil em 1908. “Passaram a viver na capital não só as elites agro-exportadoras, mas grandes negociantes, técnicos, profissionais diversos e uma gama de trabalhadores que exerciam suas atividades na cidade que se expandia”²⁶.

Esse crescimento populacional possibilitou considerável ampliação na rede de contatos e mesmo no universo cognoscível de muitos habitantes, pois o contato mais frequente e estreito com pessoas, objetos e costumes de outros lugares tende a exercer influências sobre os hábitos da população. Já em 1884, a entrada e a saída do porto de Manaus eram operadas por empresas de Nova York, Liverpool e Belém, além da própria Manaus, com ligações comerciais que se estendiam até o Peru, Colômbia, Bolívia, Venezuela, Guiana Inglesa, Equador, Itália, Inglaterra e Estados Unidos, sem mencionar outros portos brasileiros. Isso, de certa forma, reforça a reflexão que os esportes e outros divertimentos deportaram em Manaus com maior efetividade no final da década do século XIX e início do século XX, “acompanhando ingleses, alemães, italianos, franceses, portugueses, e espanhóis: novos

L. B. S. P. Manaus na rota da Copa e o dilema de mudar com o passado ou contra o passado. **Revista Estudos Amazônicos**, p. 3-17.

²⁵ WEINSTEIN, B.. **A borracha na Amazônia: expansão e decadência (1850-1920)**. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1993.

²⁶ SANTOS JUNIOR, Paulo. A imposição da modernidade na Manaus da borracha. **Cadernos de Pesquisa do CDHIS**, n. 36/37, ano 20, p. 119-131, 2007.

marinheiros do capital que identificaram na província do Amazonas oportunidades comerciais relevantes”²⁷.

Neste mesmo ano, a cidade registrava expressivo comércio varejista, que incluía bilhares, casas de pasto, hospedarias, armazém de vinhos, botequins, mercearias, empórios, joalherias, livraria, lojas de moda, mercearias, padarias, tavernas, além de inúmeros profissionais liberais e outros prestadores de serviços, como açougueiros, barbeiros ou advogados²⁸.

Foi nesse período que o governador Eduardo Ribeiro pôs em prática um projeto para reformar a estrutura urbana da capital do Estado: o Plano de Embelezamento de Manaus, que concorreria enormemente para que a cidade fosse conhecida como a Paris das Selvas. Mais que expectativas simplesmente estéticas, como o nome do plano sugerem suas iniciativas também se radicava em necessidades de ordem material. Os governos do Amazonas e do Pará concorriam diretamente pelos benefícios do processo de exploração econômica do látex. Para isso, era necessário superar a falta de mão de obra, cronicamente apontada por empresários e políticos como obstáculo difícil de transpor, mas também criar condições atraentes para o capital internacional envolvido nesse ramo de negócios. É sintomático nesse sentido que empresas estrangeiras estivessem à frente do fornecimento de vários serviços públicos urbanos, como o de transporte, saneamento ou iluminação urbana. Entre as empresas estrangeiras e economicamente importantes que atuavam em Manaus à época, destacam-se a *Manáos Harbour*, a *Amazon Telegraph*, a *Booth Line* ou a *Manáos Tranways and Light*²⁹.

Com efeito, foi precisamente neste contexto que aparece na cidade a figura do *sportman*³⁰, com seus clubes esportivos e suas práticas. De maneira semelhante ao desenvolvimento histórico dos esportes em outros locais³¹. Em Manaus, as novas práticas

²⁷ NORMANDO, T. S. **Jogos de bola, projetos de sociedade**: por uma história social do futebol na Belle Époque manauara. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2003.

²⁸ *Almanach administrativo, histórico, estatístico e mercantil da província do Amazonas para o anno de 1884*. Manaus: Typographia do Amazonas de José Carneiro dos Santos, 1884.

²⁹ MESQUITA, O. M. **La Belle Vitrine**: o mito do progresso na refundação de Manaus (1890/1900). 439 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005.

³⁰ De acordo com Capraro sportman era quase um sinônimo de *gentleman*, aquele que tinha um perfil refinado. CAPRARO, A. M. **Foot-ball, uma prática elitista e civilizadora**: investigando o ambiente social e esportivo paranaense do início do século XX. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2002

³¹ Ver: JUNIOR, E. G. O esporte e a modernidade em São Paulo: práticas corporais no fim do século XIX e início do XX. **Movimento**: Porto Alegre, v. 19, n. 4, p. 95-117, 2013; SOARES, P.G.; MORORÓ, A. Futebol e práticas corporais no final do século XIX e início do XX em Juiz de Fora/MG. **Record**: Revista de História do Esporte, v. 4, n. 2, 2011.

funcionaram como indicadores bastante visíveis de uma nova dinâmica social. Articulado a um processo mais geral de intensificação das interações sociais nos espaços públicos, o início da organização de práticas esportivas tentava suprir expectativas simbólicas de uma elite social bastante ciosa por demonstrar ostensivamente sua nova pujança econômica, bem como sua afinidade cultural com as elites de outros centros urbanos tidos por mais modernos e civilizados.

Na verdade, campos de esportes funcionavam mesmo como a materialização prática de aspirações de cosmopolitismo e progresso que afetavam certos grupos da cidade, compondo parte do cenário que pretendia dramatizar uma sociedade pulsante e em vertiginoso progresso. Os esportes seriam, ou deveriam ser, de acordo com o sistema de crenças que parecia animar seus primeiros adeptos, mais uma demonstração inequívoca de que a modernidade, afinal, havia chegado a Manaus.

2.1 Sport Club Amazonense

[...] Club que em tão pouco tempo de existência tem já conseguido inúmeros triumphos - os nossos elogios pelos esforços e dedicação que hão sempre revelado para a inalterável manutenção dos credits de que muito merecidamente goza a sociedade que representam - sem contestação nenhuma **a primeira de Manáos** [grifos meus]³².

Tido como o primeiro clube esportivo de Manaus, o Sport Club Amazonense foi fundado em 24 de outubro de 1897. Esse clube organizava seções de bicicleta, tiro, esgrima, ginástica e jogos atléticos, além de partidas de tênis, jogo da bola e torneios. Todavia, ele se destacava pela organização de festas em seus salões, que ora eram organizadas pelo próprio clube, ora por parte da sociedade.

O Sport Club Amazonense tinha estatuto³³ próprio, que foi publicado na íntegra no jornal *Diário Oficial*. Esse documento contém informações quanto aos objetivos do clube, a forma de admissão, os direitos e deveres dos sócios, sua logística de funcionamento e organização financeira³⁴.

³² *Sport Club. A Federação*, Manaus 3 abr. 1899, n.386, p.1.

³³ Estudos sobre associações recreativas ou sociais têm se valido de estatutos como fontes fundamentais de análise, destacando suas possibilidades de revelar hierarquias de valores e regras que mantinham tais associações, bem como os aspectos que lhes pareciam importante ser preservados ou reproduzidos. Como exemplo nesse sentido, entre muitos possíveis, ver RAMOS, E. H. C. L.; WEBER, R. Sociabilidades nacionalizadas: clubes sociais do sul do Brasil no contexto da Primeira Guerra Mundial. **Revista de História Regional**, v.20, n.1, p. 149-164,

³⁴ Todas as informações referentes ao estatuto do Sport Club Amazonense podem ser encontradas na seguinte fonte: Estatutos do *Sport Club Amazonense*. **Diário Oficial**, Manaus 15 maio. 1898, n.1279, p.1-4.

Para administrar o clube havia uma diretoria³⁵ que era inspecionada por uma comissão fiscal e julgada em assembleia com a participação de no mínimo vinte sócios. As atividades e encaminhamentos que se davam, eram determinados por grupos e comissões designados pela diretoria. Foi dessa maneira que se deu a proposta de criação da seção de esporte náutico do clube, onde um grupo de sócios parecem ter se dirigido ao jornal para anunciar tal pretensão que estava em construção³⁶.

Ser um sócio do Sport Club Amazonense não era para qualquer habitante de Manaus, pois, era necessário passar por uma série de procedimentos. O candidato a sócio deveria gozar de bom conceito e ocupar posição social decente; ser adepto reconhecido em qualquer um dos ramos de diversões compreendidos no programa do clube; ter o nome apresentado por um dos seus sócios em pleno gozo dos seus direitos; e ser aprovado pela diretoria, a quem deveria ser dirigida a proposta³⁷.

Nessa proposta, que seria destinada à diretoria do clube, deveria constar a declaração da idade, naturalidade, estado civil, profissão e residência do proposto. E finalmente, caso o candidato preenchesse todos os requisitos, deveria pagar a jóia de admissão, diploma, estatutos e regulamento que eram 100\$000 e arcar com a mensalidade de 10\$000. Para dimensionar o custo real destes valores e perceber o quão proibitivo eles poderiam ser, diga-se que o ganho diário de um trabalhador em Manaus em 1906 era de aproximadamente 6\$000, de acordo com estimativa fornecida por Dias³⁸.

Sendo assim, os procedimentos para ser um sócio concorriam para uma disposição em tentar manter seus círculos de relação mais hermeticamente cerrados entre si, por meio de uma composição de classe mais homogênea, o que não impedia necessariamente, porém, cisões e divergências nos seus comportamentos ou nos seus valores.

Os esportes eram tidos como indicadores de civilidade e modernidade. No Brasil, em várias ocasiões, a exibição pública de *status* e prestígio atuara como um importante fator para a fundação de clubes esportivos³⁹. Em Manaus essa situação não era diferente. A elite estava “ávida para mostrar seu *status* advindo da riqueza da comercialização da borracha”.

³⁵ A diretoria era formada por um presidente, um vice-presidente, dois secretários, um tesoureiro e seis diretores, que seriam eleitos anualmente.

³⁶ *Sport Club. Commercio do Amazonas*, Manaus 24 jun. 1898, n.227, p.1.

³⁷ Estatutos do *Sport Club Amazonense. Diário Oficial*, Manaus, 15 maio. 1898, n.1279, p. 1.

³⁸ DIAS, E. M.. *A ilusão do Fausto* - Manaus 1890 – 1920. Manaus Editora Valer, 1999, p.131.

³⁹ Vários trabalhos, tratando de diferentes regiões do Brasil, têm enfatizado o papel que teve o uso distintivo do esporte para o seu processo de difusão entre os fins do século XIX e princípios do século XX. Entre outros, ver CAPRARO, A. M. **Foot-ball, uma prática elitista e civilizadora**: investigando o ambiente social e esportivo paranaense do início do século XX. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2002. LUCENA, R. F. **O esporte na cidade**: aspectos do esforço civilizador brasileiro. Campinas: Autores Associados, 2001.

Nesse sentido, o Sport Club Amazonense fazia parte dos esforços de concretização desse ideário. Seus objetivos eram de “propagar e desenvolver o gosto pelos exercícios concernentes aos múltiplos ramos que pode abranger sua própria designação, especialmente a velocipedia, gymnastica, esgrima, patinação e jogos athleticos, além dos demais jogos não prohibidos” e de promover “recreios e diversões uteis” compatíveis com o meio social dos seus membros e clima⁴⁰.

Tais objetivos evidenciavam esse ideário que se pretendia alcançar naquela época, considerando que havia duas categorias de atividades. A primeira era aquela que se pretendia alcançar, ou seja, a realização dos esportes e diversões “úteis”. A segunda era a das atividades que se pretendia combater, evitar, criando uma distinção, os jogos proibidos e as diversões inúteis. Esses jogos e diversões inúteis eram aqueles considerados “aviltantes do espírito humano”, como a roleta, o jogo de bilhar e a “jogatina” nos navios, na Praça de São Sebastião e em áreas sobre vigilância sanitária⁴¹. Isto é, eram os jogos de azar, onde era dito que o sujeito colocava a sorte como definidora da sua vitória ou derrota.

Embora, a velocipedia, ginástica, esgrima, patinação e jogos atléticos estivessem entre os esportes pretendidos a princípio, os que de fato fariam parte da vida esportiva do clube seriam a esgrima⁴², o tiro, ciclismo, ginástica, remo e jogo da bola. Eles seriam propagados por meio das seções, concursos e campeonatos.

Não se sabe, ao certo, como eram as seções de tiro organizadas pelo Sport Club Amazonense, todavia foi possível observar que ocorriam concursos entre os sócios. Esses concursos eram anunciados pela imprensa que divulgava a chamada para inscrição. “No próximo domingo haverá no Sport Club a magnífica diversão do tiro ao alvo para a qual estão convidados os sócios que desejam inscrever-se”⁴³. Sua periodicidade parecia ser a cada dois meses. Em cada concurso de tiro era necessário a participação de três “juízes” que, provavelmente, conferiam e somavam a pontuação de cada tiro. Geralmente, ao término dessa competição a imprensa divulgava o resultado e comentava como estava o “clima” no local. Como, por exemplo, no 6º concurso, onde era dito que “houve muita animação entre os atiradores”,⁴⁴ ou no sétimo, onde foi informado que havia “concorrência regular”⁴⁵.

Simultaneamente as seções e concursos de tiro, o ciclismo era desenvolvido no clube. Certa vez, por ocasião do jornal *Commercio do Amazonas* ter feito um artigo tentando

⁴⁰ Estatutos do Sport Club Amazonense. **Diario Oficial**, Manaus, 15 maio. 1898, n.1279, p.1.

⁴¹ MOURA, K. B. **Caixeiros**: organização e vivências em Manaus (1906 – 1929), p.112.

⁴² Não se sabe como ocorria a organização da esgrima no clube, apenas que ela acontecia.

⁴³ **A Federação**, Manaus 26 jul. 1900, n.710, p.1.

⁴⁴ **Commercio do Amazonas**, Manaus 26 jul. 1898, n.241, p.1.

⁴⁵ **Commercio do Amazonas**, Manaus 13 set. 1898, n. 278, p.1.

mostrar a utilidade da bicicleta em outra cidade, era deixado escapar que foram vistos no Sport Club Amazonense mais de 40 ciclistas⁴⁶. Isso, provavelmente, aconteceu no edifício à rua Municipal, lugar que em 1907 tinha 130 casas e moravam 619 adultos (homens e mulheres) que deveriam ter notado essa movimentação em um determinado ponto da rua⁴⁷. A bicicleta era um artefato novo que ainda parecia sofrer “inúmeros preconceitos”. Os jornais tentavam defender seu uso, mostrando sua utilidade em outros países.

Na França se está actualmente empregando com êxito no serviço militar, concorrendo assim para a defeza nacional. Na vida pratica official o seu primeiro serviço foi servir de meio de transporte aos estafetas, que modestamente corriam de um a outro ponto levando comunicações e transmittindo ordens. No nosso paiz ainda se lhes não conhecem as vantagens praticas, continuando a servir como Sport de recreio.⁴⁸

Além da seção de bicicleta, o clube procurava participar de corridas organizadas na cidade, como em uma ocasião onde se pretendia homenagear a chegada do ex-governador Eduardo Ribeiro. Nessa oportunidade, o Sport Club Amazonense só não teve a participação efetiva dos seus ciclistas, porque ocorreu um desentendimento com outro clube que organizava o programa da corrida⁴⁹. Essa situação parece ter nutrido a ideia no Sport Club Amazonense de se investir na construção de um velódromo na cidade. O clube realizou seis seções para tratar de sua construção, chegando a organizar uma comissão que daria o parecer sobre o projeto, já que para construí-lo teria que realizar um empréstimo⁵⁰. Porém, não se sabe se o projeto chegou a ser efetivado.

A seção de ginástica do clube funcionava regularmente, oferecendo aulas que pareciam ter grande e regular frequência. Realizadas todas as noites, em um salão próprio, contando com jogos de halteres e lecionadas pelo Sr. Alfredo Lemos, apontado pela imprensa local como um dos responsáveis pelo progresso no desenvolvimento do estudo da ginástica em Manaus, dizia-se mesmo que as aulas eram bastante concorridas⁵¹. Aulas de ginástica integravam o repertório mental e gestual de parte da população de Manaus ao menos desde 1884, quando instituições de ensino secundário da cidade assimilaram a prática em seus

⁴⁶ **Commercio do Amazonas**, Manaus 31 ago. 1898, n.271, p.2.

⁴⁷ Resencamento de Manáos 1907. **Jornal do Commercio**, Manaus 12 abr. 1907, n.1001, p.2.

⁴⁸ **Commercio do Amazonas**, Manaus 31 ago. 1898, n.271, p.2.

⁴⁹ As corridas. **Commercio do Amazonas**, Manaus 17 dez. 1899, n.89, p.1.

⁵⁰ Sport Club. **Commercio do Amazonas**, Manaus 17 jan. 1899, n.375, p.2.

⁵¹ Sport Club Amazonense. **Commercio do Amazonas**, Manaus, 30 jul. 1898, n.245, p.2; Seção Sportiva. **Commercio do Amazonas**, Manaus, 03 set. 1898, n.274, p.2.

currículos⁵². Na década seguinte, a partir de 1893, ao lado das evoluções militares, esgrima, natação e jogos escolares, a ginástica seria incorporada por outras instituições de ensino, ampliando seu alcance, embora ainda bastante restrito às elites, que basicamente compunham o público frequentador dessas instituições educacionais. Nesses casos, conforme dizia os regulamentos do Ginásio Amazonense, tratava-se de uma ginástica “exclusivamente higiênica e educativa, sem caráter acrobático”⁵³. A concepção de ginástica propugnada por este regulamento opunha-se claramente às modalidades praticadas no circo, que também tinham lugar em Manaus nessa época⁵⁴. No Sport Club Amazonense, totalmente de acordo com os hábitos festivos dos seus sócios, a prática da ginástica, muitas vezes concebida como mais um gênero de esporte, encerrava um conteúdo com pretensões higiênicas e sanitárias, embora servisse também como oportunidade para a realização de festas e bailes dançantes⁵⁵.

As pessoas que praticavam a ginástica nas aulas do Sr. Alfredo Lemos, pareciam ser as mesmas que estariam envolvidas em outras atividades esportivas promovidas pelo clube, evidenciando uma difusão social ainda limitada das novas práticas, restritas apenas a pequenos grupos. Quando o Sport Club organizou uma competição náutica no Rio Negro, anunciada com grande entusiasmo em princípios de setembro de 1898, foi preciso interromper temporariamente as aulas de ginástica, pois a maioria dos alunos estava inscrita na regata. Esse evento foi organizado em homenagem ao dia 5 de setembro (data que elevou Manaus a condição de Província). Nesta ocasião, tiveram seis páreos, entre eles um de honra, com embarcações de 2 a 6 lugares, nos quais para participar era necessário realizar a inscrição. Além disso, os vencedores seriam premiados com medalhas. Para esse tipo de competição havia, pelo menos, o juiz de chegada. Essa figura era alguém convidado pela organização que no fim das contas, acabou sendo um redator do jornal *Commercio do Amazonas*⁵⁶.

Como de costume, a imprensa local envolveu-se ativamente com o evento através da publicação de notícias sobre a regata, que claramente tentavam alimentar expectativas ao redor da competição.

Com grande animação para a regata que no dia 5 do próximo mês se realizará no formoso Rio Negro. Consta-nos que todos os páreos serão renhidamente disputados. Os amadores deste gênero de Sport continuam exercitando-se em remar e ainda no domingo de tarde tivemos ocasião de ver o rio sulcado por numerosos escaleres.

⁵² **Almanach administrativo, histórico, estatístico e mercantil da província do Amazonas para o anno de 1884.** Manaus: Typographia do Amazonas de José Carneiro dos Santos, 1884, p.72.

⁵³ Regulamento do Gymnasio Amazonense. **Diario Oficial**, Manaus, 8 mar. 1896, n.662, p.1-2.

⁵⁴ Cf. **Diario Oficial**, Manaus, 28 maio 1895, n.438, p.3.

⁵⁵ Sport. **Commercio do Amazonas**, Manaus, 24 jul. 1898, n.240, p.2; Seção Sportiva. **Commercio do Amazonas**, Manaus, 03 set. 1898, n.274, p.2.

⁵⁶ **Commercio do Amazonas**, Manaus 18 ago. 1898, n.260, p.1.

Todo este movimento tendente a subtrair-nos á apatia da vida de Manaus se deve exclusivamente a esse grupo de rapazes que a despeito da má vontade que encontrou em certa classe da nossa sociedade e através de dificuldades de toda espécie que se lhe opuseram, conseguiu ainda assim organizar uma sociedade que hoje não teme o confronto das melhores que há no Pará. Se até política quisessem fazer com ela!... A verdade, porém, é que o Sport Club progride e faz honra á nossa Capital ⁵⁷.

No período estudado houve uma situação que levou as seções de ginástica, ciclismo e jogos atléticos a serem interrompidas no início de 1899. O motivo dessa interrupção era a participação de sócios que não estavam em dia com a mensalidade do clube e outras pessoas que não comprovavam sua identidade. Com isso, em abril deste mesmo ano, o clube deliberou que as seções fossem reatadas, não podendo, porém, “tomar parte em qualquer ramo de diversão os socios que não estiverem em pleno gozo de seus direitos e bem assim os que não provarem a sua indetidade no acto da respectiva inscrição”⁵⁸.

Ao final de abril de 1899 o clube anunciou que iria realizar um “grande match’s tennis”, onde dois “campeões” que haviam chegado à Manaus do Sul da União iriam tomar parte da disputa. Não se sabe quem eram os dois “campeões”, porém isso demonstra a ligação que o clube tinha com outras regiões do país.

O clube também tinha em seu rol de atividades um jogo que era praticado no Rio de Janeiro desde 1764, o jogo da bola. Este foi inaugurado oficialmente no dia dezoito de dezembro de 1898, em um domingo à tarde. Sua aceitação no clube foi de tal forma, que em 1900 para comemorar o dia da Proclamação da República estava sendo anunciado o “Campeonato Annual do Jogo da Bola” ⁵⁹. Campeonato esse, que exigia dos seus participantes a inscrição⁶⁰ e do clube a compra de material novo como, por exemplo, novas bolas⁶¹. No jogo da bola se buscava o recorde que era anunciado no jornal⁶². Esse recorde era “medido” em partidas que chegavam a totalizar duas em um evento. Ao final do campeonato eram apresentados os resultados, descritos da seguinte maneira:

-1º 16 Bolas:

Nino 107; Weaver 130, Probst 150; Bessler 126; Araujo 247; Hxempler 183; Orlando 156; Pereira 192; Müller 116; Rodolpho 112;

- 2º 14 Bolas

Araujo 301; Hxempler 88; Pereira 143; Rodolpho 64; Weaver 161, Probest 111; Nino 90; e Monteiro 65⁶³.

⁵⁷ Seção Sportiva. **Commercio do Amazonas**, Manaus, 30 ago. 1898, n.270, p.2.

⁵⁸ **Commercio do Amazonas**, Manaus 29 abr. 1899, n.453, p.1.

⁵⁹ **Commercio do Amazonas**, Manaus 23 out. 1900, n.70, p.2.

⁶⁰ **Commercio do Amazonas**, Manaus 23 out. 1900, n.70, p.2.

⁶¹ **Commercio do Amazonas**, Manaus 24 out. 1899, n.52, p.2.

⁶² **Commercio do Amazonas**, Manaus 11 out. 1899, n.43, p.1.

⁶³ **Commercio do Amazonas**, Manaus 24 out. 1899, n.52, p.2.

De acordo com Victor Melo o jogo da bola no “Rio de Janeiro, chegou, vida da Península Ibérica, conhecida como jogo da bola de pau e guardava semelhanças com o boliche. Uma pelota de madeira era atirada por uma pista de terra ou tábua, para derrubar pinos que tinham diferentes pontuações”⁶⁴. Se esse exemplo for trazido para Manaus, é possível ter a seguinte conclusão: 1º 16 bolas e 2º 14 bolas, se referindo a duas “partidas” diferentes, uma com dezesseis bolas e outra com quatorze bolas. Os nomes que seguem de números como, por exemplo, Nino 107 e Weaver 130, deveria se tratar da pontuação que cada um conseguiu na “partida”.

Embora os esportes representassem parte significativa do rol de atividades do Sport Club Amazonense, eram as festas que tinham mais destaque nos jornais. Isso, pois, elas representavam um momento onde as mulheres e os homens estariam envolvidos numa mesma atividade no clube, o que acarretaria maior visibilidade e adesão, possibilitando uma aproximação da sociedade visada. Tanto que, suas dependências eram cedidas para festas e reuniões, era utilizada na recepção de pessoas ilustres e serviu de palco para comemorações de datas consideradas importantes na cidade.

Alegrou-me bastante uma noticiinha , que li no Domingo em uma das folhas desta Capital; noticia esta, que annunciava uma sauterie, resolvida quase á ultima hora, pelo Sport Club. Que tal? Eu que já me sentia rheumatico por falta de exercícios gymnasticos dansei bastante umas Walsas, Schottschs, Quadrilhas, etc; porém tudo á americana! Sim; porque eu sou americano –não nego fogo-! E ainda fallam em dansa![...] E assim, passei distraído a noite de Domingo. Que o Sport nos proporcione sempre d’estas sauteries é o que desejo. Ao menos, não terei mais rheumatismo....⁶⁵.

De fato, o Sport Club Amazonense passou a proporcionar mais *sauteries*. A partir de 1899 o clube instaurou a ideia de realizar *sauteries* mensais como uma possível estratégia para agradar aos sócios que não eram familiarizados com os esportes e para manter a saúde financeira do clube, visto que os ingressos dessas festas eram os recibos das mensalidades do clube. “De ordem da Directoria, convindo aos Srs. Sócios para a sauterie mensal que este Club realisarà no dia 6 do corrente. O ingresso será o recibo do mez de Dezembro p. passado”⁶⁶.

Além das festas mensais, o clube costumava ceder suas dependências para comemorações. Esse foi o caso do baile em homenagem a abolição da escravidão⁶⁷ que gerou polêmicas dentro e fora do clube, que foram materializadas por meio dos jornais *Commercio*

⁶⁴ MELO, V. Mudanças no padrões de sociabilidade e diversão: o jogo da bola no Rio de Janeiro (séculos XVIII e XIX). *História (São Paulo)*, v.35, n.105, p.3.

⁶⁵ *A Federação*, Manaus 6 nov. 1898, n.244, p.2.

⁶⁶ *Commercio do Amazonas*, Manaus 4 jan. 1899, n.365, p.2.

⁶⁷ A abolição da escravidão em Manaus aconteceu em 1884, 4 anos antes da data oficial do Brasil. NÉRY, F. J. S. *O país das amazonas*. Livraria Itatiaia Editora, 1979. Traduzido por Ana Mazur Spira.

do Amazonas e Amazonas. Uma dessas polêmicas foi ocasionada por “um pequeno auxílio pecuniário para maior deslumbramento da festa” concedido pelo vice-governador do Estado. Para o jornal *Amazonas*, esse auxílio parecia ser inapropriado, havendo manifestações contrárias. Já o *Commercio do Amazonas* pedia “por Deus ou por Baccho” para que os contrários ao ocorrido os deixassem sossegados, pois a pátria não corria perigo, porque o vice-governador deu “um subsídio concedido gentilmente do seu bolsinho vice-presidencial e não dos cofres públicos”⁶⁸. A outra polêmica diz respeito à concessão dos salões para a realização do baile. Para um cronista do jornal *Commercio do Amazonas*, o clube, ao ceder suas instalações, “cumpru um dever e satisfaz a aspirações de todos os seus associados que não conhecem os manejos políticos e intrigas das facções que se digladiam na conquista do poder”⁶⁹. Logo para o *Amazonas*, a decisão de ceder os salões foi motivo para a demissão de um dos membros da diretoria. O que foi contestado pelo *Commercio do Amazonas* que alegava ter sido o motivo da sua demissão “a impossibilidade de comparecer diariamente no Club, como director de mez, e ahi ficar até que se retire o ultimo sócio... o que succede sempre depois da meia noite”⁷⁰. Essas versões que circulavam pelas páginas do *Commercio do Amazonas* revelavam tensões mais ou menos latentes entre os seus sócios, tanto no que diz respeito à cessão de uso de suas instalações, quanto no que diz respeito à escravidão. Isso mostra que as ideias do grupo que compunha o Sport Club Amazonense não eram homogêneas. Todavia, elas não impediram a realização do baile que parece ter servido de “ponto de encontro” para aqueles que desejavam ser distintos e seletos⁷¹.

Embora o clube fosse uma organização particular, com várias restrições e exigências para o acesso às suas instalações, parte das motivações para sua fundação e funcionamento justificava-se na possibilidade de acontecimentos privados ganharem uma dimensão pública. No Brasil, em várias ocasiões, a exibição pública de status e prestígio atuara como um importante fator para a fundação de clubes esportivos⁷². Em Manaus, não foi outro o motivo pelo qual se destacou tão enfaticamente na imprensa local a dimensão, literalmente, “distintiva” e “seleta” do Sport Club Amazonense.

⁶⁸ Sport Club. *Commercio do Amazonas*, Manaus 14 jul. 1898, n.232, p.1.

⁶⁹ 10 de julho. *Commercio do Amazonas*, Manaus, 7 jul. 1898, n.226, p.1.

⁷⁰ Sport Club. *Commercio do Amazonas*, Manaus 14 jul. 1898, n.232, p.1.

⁷¹ Sport Club. *Commercio do Amazonas*, Manaus 12 jul. 1898, n.230, p.1.

⁷² Vários trabalhos, tratando de diferentes regiões do Brasil, têm enfatizado o papel que teve o uso distintivo do esporte para o seu processo de difusão entre os fins do século XIX e princípio do século XX. Entre outros, ver CAPRARO, A. M. **Foot-ball, uma prática elitista e civilizadora: investigando o ambiente social e esportivo paranaense do início do século XX**. 2002. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Paraná, Curitiba. LUCENA, R. F. **O esporte na cidade: aspectos do esforço civilizador brasileiro**. Campinas: Autores Associados, 2001.

Nesse sentido, outras comemorações viriam reforçar essa noção, como a festa da virada de ano (1898-1899). Apesar de ser restrita, um folhetim a descrevia detalhadamente. Laura, a redatora, inicia o folhetim explicando que “incontestavelmente a sauterie realizada no Sport Club Amazonense, na noite de 31 de dezembro, foi uma das mais bellas festas” que havia assistido. Sua alegação para tal afirmação eram os participantes e a organização da festa. Para ela, o que havia de mais “selecto” em Manaus, lá estava “deslumbrante de satisfação.” Inclusive, “revelando nos olhares francos e expansivos a alegria intima de que estavam possuídos.” Quanto à organização, a redatora informava que na entrada do salão “elegantemente preparado” estava uma comissão formada por membros do Sport Club Amazonense⁷³ que recebiam todas as senhoras pelos braços e as acompanhava até determinada parte do salão, “parecendo concorrentes a um concurso de amabilidades.” Ao entrar na festa as convidadas recebiam um “cartãozinho” com um número. Esse cartão serviria para o sorteio de “um broche de ouro representando um bandolim com um rolo de música sobre as cordas”. Tal cartão era pendurado pelas convidadas sob o leque ou no cinto. Depois de descrever algumas características da festa, Laura se detém a contar uma relação que aquela celebração a permitia fazer sobre um lugar que visitara. Em seguida, ela passa a falar das roupas de algumas pessoas presentes na festa como, por exemplo, de dona Sinhá Pingarilho que “trajava um vestido elegantíssimo de fustão branco com flores naturaes no cinto e duas adhalias vermelhas, também naturaes, uma sobre a lapella esquerda da jaqueta e outra compondo o penteado.” E, da dona “Lulinha Palhano – trazia uma toilette cor de rosa, e sempre graciosa, no seu porto distincto e nobre, distribuía sorrisos com as suas amigas.” Ambas eram tidas como trajadas “elegantemente” pela cronista. Algumas descrições dos trajes eram acompanhadas de observações sobre a fisionomia e a naturalidade da pessoa. Como foi feito com dona Yayá Sá, pernambucana, que parecia um pouco preocupada para a cronista que comentava em tom de fofoca: “Que teria elegante pernambucana”?

Quando a *sauterie* atingiu às doze horas da noite, foi tocado o hino nacional, algumas pessoas levantaram alguns vinhos e no “Buffet um grupo de senhoras e cavalheiros brindou o jovem anno de 99 com taças de champagne.” Nesse momento, foi realizado o sorteio do brinde pelo presidente do clube que sorteu o número 36. Laura finalizou o folhetim dizendo ter se retirado “satisfeitíssima”, deixando ainda muita animação na casa da festa e saudando o presidente do Sport Club Amazonense “pelo brilhantismo da sua festa”⁷⁴.

⁷³ Faziam parte dessa comissão: Moura Alves, Antonio Silva, Antonio Bentes, Raymundo Silva e Raymundo Pereira.

⁷⁴ **Commercio do Amazonas**, Manaus 5 jan. 1899, n.366, p.1.

Diferente de outras temáticas dos jornais, as crônicas de festas, geralmente, eram escritas por mulheres, como a que se passara no Sport Club Amazonense. As mulheres ganharam espaço nas crônicas sociais, sendo que o reconhecimento desse gênero ganhou maior dimensão a partir da década de 80 do século XIX. Nas crônicas, os jornais tendiam “a destacar a elegância e refinamento das mulheres em festas e recepções públicas, que serviam de pretexto para exibicionismo ostentatórios das grandes damas”⁷⁵. Assim como foi o caso da crônica de Laura.

Durante os dois primeiros anos de existência do Sport Club Amazonense, suas dependências pareciam ser utilizadas como “sala de estar” da cidade. Nelas eram recebidas pessoas “ilustres” que estavam de passagem pela cidade ou que haviam retornado. Esse era o caso de dois interpretes da obra de Shakespears. Os dois eram da Itália e, provavelmente, vieram se apresentar em algum teatro da cidade. Os dirigentes do Sport Club Amazonense ajudaram na recepção dos artistas que até assinaram o livro de honra do clube⁷⁶. Outro exemplo que pode ser citado se refere ao presidente do Partido Republicano e ex-governador do Amazonas, Eduardo Gonçalves Ribeiro. Nessa ocasião, os salões do Sport Club Amazonense foram, novamente, cedidos para uma comissão de amazonenses, onde estava previsto um “grande sarau” que seria oferecido ao ex-governador⁷⁷. Esse sarau, provavelmente, teve a participação de, aproximadamente, 650 pessoas, número de convites que foram distribuídos⁷⁸.

Com isso, o Sport Club Amazonense ganhava notoriedade entre parte da sociedade. A tal ponto que seria homenageado juntamente com a Associação Comercial e Associação dos Empregados do Comercio em um festival no Eden-Teatro.⁷⁹ E, por um integrante do Circo Americano que dedicou a função daquele dia a “elegante sociedade Sport Club Amazonense”⁸⁰. Além disso, na comemoração do primeiro ano de existência do clube, festejado juntamente com a data da Proclamação da República, o governador concedeu permissão para que seus salões fossem iluminados à luz elétrica e que uma banda militar tocasse na porta da sua sede social⁸¹.

Foi por meio dessas festas que o clube encontrou a principal ferramenta para a sua legitimação perante parte daquela sociedade, pois os esportes ainda não estavam disseminados

⁷⁵ PINHEIRO, M. L. U. **Folhas do Norte**: Letramento e periodismo no Amazonas (1880 - 1920). Edua, 2015, p.295.

⁷⁶ **Commercio do Amazonas**, Manaus, 13 maio. 1899, n.462, p.1.

⁷⁷ **Commercio do Amazonas**, Manaus 6 dez. 1899, n.64, p.6.

⁷⁸ **Commercio do Amazonas**, Manaus 17 dez. 1899, n.89, p.1.

⁷⁹ **Commercio do Amazonas**, Manaus 20 ago. 1899, n.5, p.2.

⁸⁰ **Commercio do Amazonas**, Manaus 4 out. 898, n.295, p.1.

⁸¹ **Commercio do Amazonas**, Manaus 11 nov. 1898, n.325, p.2.

ao ponto de conferir uma aproximação à sociedade visada e o reconhecimento necessário para manter uma organização como o Sport Club Amazonense. Dessa forma, as festas fariam parte de suas entranhas com as *sateuries* mensais e seus salões seriam ora utilizados, ora cedidos para comemorar datas consideradas importantes e recepcionar figuras “ilustres”, fazia parte dos esportes, como uma via de mão dupla. Além de ser um momento, onde havia a participação efetiva das mulheres.

O Sport Club Amazonense desaparece das páginas dos jornais em meados de 1900. Ao que tudo indica um dos fatores que contribuiu para tal, foi a inauguração dos salões do Teatro Amazonas⁸², que passou a ser “sala de estar” da cidade. Além do mais, outro clube se constituiu na cidade em 1898. Este tinha como foco o ciclismo, esporte que ficaria muito conhecido no início do século XX.

2.2 Grupo Cyclista Amazonense

(...) hontem, uma autoridade sanhudamente respeitadora dos bons costumes e outras coisas correlativas entendeu que o sr. Soares, proprietário da <Casa Haveneza>, flanando em bycicleta e mostrando meio palmo das canellas – por signal bem magrisellas, offendia a moralidade, suggerindo talvez ideias algo [o]bnóxias e fazendo fever pensamentos inconfessáveis, porque trazia meia...curta. E, exclamava féramente inflamado em moralíssimo zelo: ou veste meias altas ou recolhe-se a casa. Peremptorio! E o sr. Soares, triste cyclista, recolheu-se effectivamente aos penates por não poder calçar meias...de senhora e evitar de dormir no xilindró por usar meias...de homem!⁸³

Essa notícia data de 12 de junho de 1898, foi retirada do jornal *Commercio do Amazonas*. O seu autor, não identificado, argumentava que em outros países, tais como Inglaterra, França e Alemanha, onde o ciclismo “reinava” como uma “verdadeira instituição” era de rigor, mormente em passeio, utilizar um vestuário ao mesmo tempo elegante, simples e cômodo. Um exemplo dessa vestimenta seria utilizar uma camisola de lã ou seda, de variadas cores, quase sempre sem mangas; calção de flanela azul ou branca, folgado e terminando nos joelhos; e finalmente de sapatos apropriados e meias curtas deixando descoberto parte da perna. Ele ainda esclarecia, que nesses países a legislação relativa à moralidade e bons costumes era rigorosamente cumprida e que ninguém havia se ofendido com a vestimenta dos ciclistas. Entretanto, em Manaus, como indica o autor, onde os carregadores e carroceiros

⁸² DAOU, A. M. *A cidade, teatro e o “paiz da seringueiras”*: práticas e representações da sociedade amazonense na passagem do século XIX – XX. Rio de Janeiro: Rio Book's, 2014.

⁸³ *Commercio do Amazonas*, Manaus 12 jun. 1898, n.230, p.1.

andavam de perna a mostra e as mulheres se lavavam nos igarapés, uma autoridade se ofendeu com um ciclista que mostrava suas magricelas canelas.

Esse ciclista era o Sr. Soares, negociante bem conhecido em Manaus que parece não ter lamentado o ocorrido em casa ⁸⁴. No outro dia, no mesmo jornal havia uma notícia, que parecia ser do mesmo autor, informando que o chefe de segurança da cidade iria “mandar baixar as ordens competentes aos seus subalternos afim de que estes não tornem, como arroubos de moralidade, a impedir os cyclistas de darem os seus passeios com os seus canellins a vé-la”. Para justificar tal atitude do chefe de segurança, o autor deu novos exemplos do vestir-se com parte do corpo a mostra. Como no Rio de Janeiro, no Velódromo Nacional, nas corridas públicas noturnas, onde os corredores compareciam com os braços e gambias desnudadas; em Itacoatiara, onde os catraieiros e um grande número de habitantes mostravam dessassombradamente “seus negros pernis”; na Inglaterra, onde soldados escoceses chamados *highlanders* que usavam por calças a pele das pernas com o ornamento dos respectivos pêlos que lhes é peculiar. Por fim, informou que os ciclistas podiam passear com toda a decência, mostrando o contorno da perna, do joelho ao tornozelo e retificou:

[...] para tranquilidade do Sr. Soares e em homenagem respeitosa a verdade, - o que hontem avançamos um tanto levianamente, com relação ás suas pernas: - Não! Não são magrisellas! Antes pelo contrario ⁸⁵.

O Sr. Soares, protagonista do ocorrido, se chamava Joaquim da Costa Soares, parecia ser de origem portuguesa ⁸⁶, e era um dos donos de todas as transações das casas comerciais denominadas Casa Havaneza e Barbeiro Elegante, além de tesoureiro da Sociedade Beneficente Portuguesa. ⁸⁷ Ao que tudo indica, o Sr. Soares foi o presidente do Grupo Cyclista Amazonense, grupo precursor do ciclismo em Manaus. ⁸⁸ O ocorrido com ele demonstrava o conflito entre a chegada de novas ideias, que acompanhavam outro modo de se vestir, com as ideias arraigadas na cidade. Segundo Santos “O período de remodelação de Manaus trouxe novos olhares sobre a cidade, uma redefinição da identidade e representações

⁸⁴ Aniversário. **A Federação**, Manaus 29 dez. 1898, n.296, p.8.

⁸⁵ **Commercio do Amazonas**, Manaus 13 jul. 1898, n.231, p.1.

⁸⁶ Essa identificação foi possível, devido a uma característica peculiar da comunidade portuguesa do Amazonas, os nomes de seus estabelecimentos começavam com a letra “J”, o que Benchimol, denominou de “era dos Jotas”. BENCHIMOL, S. A. **Formação social e cultural**. 3ª Ed – Manaus: Editora Valer, 2009, p. 85.

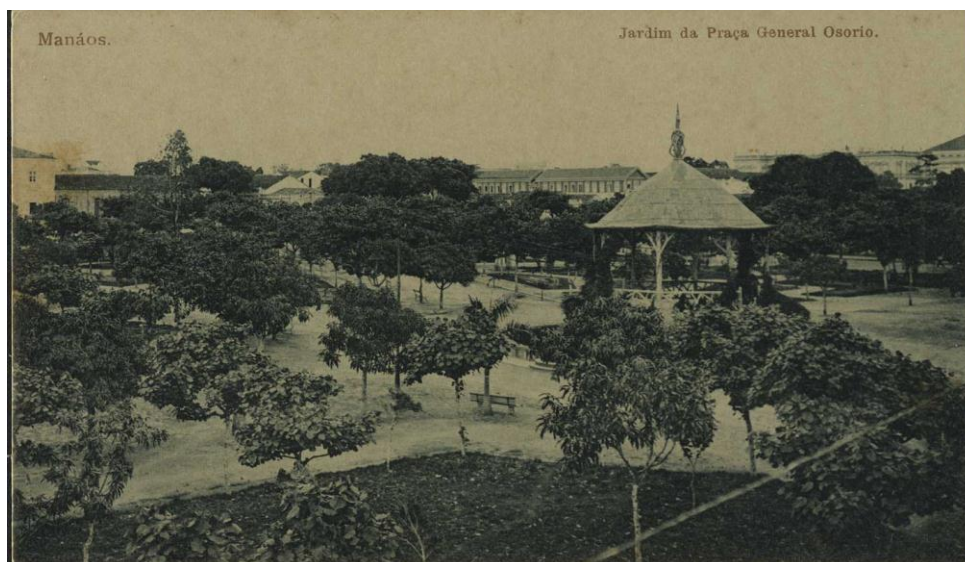
⁸⁷ Declaração. **Diário Oficial**, Manaus 1 nov. 1896, n.845, p.4.; Beneficente Portuguesa. **Commercio do Amazonas**, Manaus 1 dez. 1900, n.111, p.1.

⁸⁸ Grupo Ciclista Amazonense. **Commercio do Amazonas**, Manaus 20 nov. 1898, n.332, p.2.

diferenciadas dos outros espaços por parte de seus próprios habitantes, especialmente suas autoridades e elites”⁸⁹. Como também, uma nova maneira de se portar e se vestir.

O Grupo Cyclista Amazonense era um clube que organizava, esporadicamente, passeios, passeatas e corridas de bicicletas em Manaus, a partir 1898. Seus passeios e passeatas eram realizados pelas ruas da cidade e as corridas na Praça General Osório⁹⁰ no largo 36. Como na cidade não havia um velódromo, algo que já podia ser observado, por exemplo, no Rio de Janeiro⁹¹ e São Paulo⁹², a praça era improvisada para as corridas. Dessa improvisação um novo local surgia, o Velódromo Nacional que tinha uma “pista” com 250 metros de extensão.

FIGURA 1 - Praça General Osório, 1909.



Fonte: Retirada do site da Biblioteca Nacional.

As passeatas e passeios organizados pelo Grupo Cyclista Amazonense não ocorriam com frequência regular e se restringiam a participação dos integrantes do clube. A imprensa divulgava informações do evento como horário, local de saída, data, número de participantes e sobre seu andamento. Um exemplo disso pode ser verificado na notícia de uma passeata que foi organizada em 1899. “Hoje este grupo fará uma grande passeata pelas ruas da

⁸⁹ SANTOS JUNIOR, P. M. A imposição da modernidade na Manaus da Borracha. **Cadernos de pesquisa do CDHIS**, v.20, n. 30/37, p. 119 – 131. 2007.

⁹⁰ Oriunda do largo da Campina, a praça foi extinta, hoje no local encontra-se o complexo esportivo do Colégio Militar e Dom Bosco. DUARTE, D. **Manaus entre o passado e o presente**. Editora mídia ponto comm, v.1, p.57. 2009.

⁹¹ Ver SCHETINO, A. M. **Pedalando na modernidade**: a bicicleta e o ciclismo na transição do século XIX para o XX. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008.

⁹² Ver GAMBETA, W. R. **A bola rolou**: o velódromo Paulista e os espetáculos de futebol (1895- 1916), Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, 2013.

cidade. Informam nos que quase todos os membros deste Club não faltarão ao passeio combinado, devendo sair as 4 horas da tarde, do largo de S. Sebastião”⁹³. E, na corrida do dia 26 de fevereiro do mesmo ano, onde compareceram 27 ciclistas, número inferior ao esperado - justificado pela chuva que abateu sobre cidade no dia⁹⁴.

A imprensa também procurava elogiar e incentivar a prática.

Gostamos deveras de ver a animação e o desenvolvimento que entre nós vae tomando o sport velocipedico, devido exclusivamente a este grupo que não poupa esforços para d'elle fazer uma verdadeira instituição. É preciso não desanimar em tão bom caminho⁹⁵.

Além de se mostrar conectada com as notícias de corridas de bicicletas em outros lugares do Brasil. Certa vez, em 1898, foi noticiado o resultado do 4º páreo de 12.000 metros da corrida do dia 19 de junho no Velo Club, do Rio de Janeiro. Como a corrida parecia ser exótica devido à distância, em Manaus não se deixou de anunciá-la. Informaram que seu vencedor foi Nelson que percorreu 75 voltas no velódromo⁹⁶.

Para participar das corridas era necessário realizar inscrição. As inscrições eram realizadas em estabelecimentos comerciais dos organizadores como, por exemplo, a Casa Havaneza, Porta Larga e a Livraria Clássica Jayme & Camara⁹⁷. Geralmente, as corridas tinham três etapas de divulgação na imprensa, nas quais ocorriam as chamadas para a inscrição, programa das corridas e resultados.

O primeiro indício sobre a elaboração de uma corrida pelo Grupo Cyclista Amazonense data de 31 de julho de 1898. A inscrição “Está aberta na Casa Havenesa e no estabelecimento dos Srs. Jayme & Camara, a inscrição para a grande corrida, de bycicletas que este grupo pretende realizar no proximo domingo as 4 ½ horas da tarde”. Essa corrida que foi organizada em 7 páreos, ou seja, sete momentos diferentes onde haveria disputa entre os

⁹³ Grupo Ciclysta amazonense. **Commercio do Amazonas**, Manaus 22 jan. 1899, n.379, p.2.

⁹⁴ Grupo Cyclista Amazonense. **Commercio do Amazonas**, Manaus 28 fev. 1899, n.406, p.1.

⁹⁵ Grupo Ciclysta amazonense. **Commercio do Amazonas**, Manaus 22 jan. 1899, n.379, p.2.

⁹⁶ **Commercio do Amazonas**, Manaus 26 jul. 1898, n.241, p.1.

⁹⁷ O estabelecimento Porta Larga era uma joalheria localizada na rua Municipal número 30, entre a livraria Ferreira Penna e o Barbeiro Elegante, de posse de Pinto & Comp. Já a Livraria Classica Jayme & Camara estava localizada na rua Guilherme Moreira e era de propriedade de Jayme do Canto Albuquerque e Joaquim Jacintho da Camara. Ao que tudo indica, Pinto era José Joaquim Pinto de França, ciclista que disputava páreos organizados nas corridas do Grupo Cyclista Amazonense e Arthur Moura Ribeiro que em 1908 viria a ser o tesoureiro da Sociedade do Tiro Brasileiro no Amazonas. Enquanto Jayme do Canto Albuquerque e Joaquim Jacintho atuavam como juizes nas corridas. Ver: Segunda Apparição à imprensa. **A Federação**, Manaus 25 dez. 1898, n.292, p.2. Ao commercio e as repartições publicas. **Diario Oficial**, Manaus 19 out. 1895, n.551, p.8. Sociedade do Tiro Brasileiro no Amazonas. **Jornal do Commercio**, Manaus 12 mar. 1908, n.1424, p.3. **Commercio do Amazonas**, Manaus 13 dez. 1898, n.347, p.1.; Ao commercio e as repartições publicas. **Jornal do Commecios**, Manaus, 23 jul. 1904, n.176, p.3.; Velodromo Nacional. **A Federação**, Manaus 15 nov. 1898, n.253, p.2.

ciclistas. Cada páreo recebia um nome – alguns desses nomes homenageavam pessoas, ou instituições ou datas - e tinha uma premiação específica. Para essa corrida foram divulgados os páreos e a sua premiação, esta última ficou exposta na Casa Havaneza no dia anterior ao da corrida⁹⁸. O primeiro páreo se chamava “Grupo Cyclista” e tinha como prêmio um álbum para retratos; o segundo era o “Baré” cujo prêmio era um chapéu e uma bengala; o terceiro era um páreo infantil que ganhou a denominação de “Campeão”, onde seriam premiados os dois primeiros colocados, um com uma abotoadora e o outro com uma caneta, ambos os objetos eram de ouro; o quarto era o “31 de julho” que tinha como prêmio um “elegante” objeto para cima da mesa; o quinto homenageava um coronel que ofereceu para o vencedor três “lindos” botões de ouro; o sexto era o “Velocidade” que tinha dois prêmios, um alfinete de ouro oferecido por um ciclista e um estojo para barba; o sétimo e último páreo era o “Consolação” que tinha como prêmio uma “rica” caixa com perfumaria de Lubin⁹⁹. Os prêmios oferecidos aos vencedores das corridas geralmente eram produtos comercializados nas casas dos organizadores das corridas. Como, por exemplo, as joias encontradas na Porta Larga.

A divulgação e exposição dos prêmios pareciam denotar a necessidade de incentivar a adesão dos ciclistas, pois ao que tudo indica, nessa corrida houve a abertura para pessoas que não eram integrantes do Grupo Cyclista Amazonense.

Está aberta na Casa Havenesa e no estabelecimento dos srs. Jayme & Camara, a inscrição para a grande corrida, de bycicletas que este grupo pretende realizar no proximo domingo as 4 ½ horas da tarde. Sabemos que há grande animação para a corrida, devendo ser distribuidos premios valorosos aos cyclistas vencedores. Esta festa sportiva terá logar na praça General Osorio, que já está sendo convenientemente preparada. Não podemos rebater aplausos ao grupo cyclista amazonense, que, de accordo com os fins a que se destina e á medida de suas forças, vae promovendo diversões populares, muito necessarias ao meio em que vivemos. Bravos ao grupo¹⁰⁰!

Três dias depois o resultado da corrida foi publicado. Nele era informado os nomes dos vencedores, as distâncias percorridas, o tempo gasto de cada páreo e que a “concurrência a essa festa da futura associação, foi enorme, o que deve ter animado o grupo para promover outras diversões do mesmo genero”¹⁰¹.

⁹⁸ **Commercio do Amazonas**, Manaus 30 jul. 1898, n.245, p.1.

⁹⁹ Grupo Cyclista Amazonense. **Commercio do Amazonas**, Manaus 3 ago. 1898, n.248, p.1.

¹⁰⁰ Grupo Cyclista Amazonense. **Commercio do Amazonas**, Manaus 28 jul. 1898, n.243, p.1.

¹⁰¹ Grupo Cyclista Amazonense. **Commercio do Amazonas**, Manaus 3 ago. 1898, n.248, p.1.

Ao que parece, essa corrida conferiu certa visibilidade ao grupo, de tal maneira que integraram, com a realização de uma corrida, a programação de comemoração da Proclamação da República¹⁰².

O governo do Estado resolveu festejar a Proclamação da República em terras brasileiras e prepara um programma todo popular que publicaremos mais tarde.

- A força federal dará, segundo somos informados, uma formatura na praça “General Osorio”.

- O *Sport Club*, a brilhante sociedade que entre nós tem feito jus a consideração e auxílio de todos, abrirá seus vastos salões, dando um magnífico baile.

- À praça “General Osorio” dizem-nos que o Grupo Cyclista Amazonense fará uma magnífica corrida.

- Outros festejos se preparam ainda para o grande dia nacional. Em tempo opportuno publicaremos o programma de todas as festas¹⁰³.

A corrida organizada pelo Grupo Cyclista Amazonense contou com a divulgação de seu programa que continha a data, o local, o horário, nome dos juízes e suas funções, atrações, prêmios e páreos. Marcada para acontecer no dia 15 de novembro à tarde, na Praça General Osório no Velódromo Nacional, a corrida foi composta por 9 páreos que foram estruturados da seguinte forma: número do páreo, nome, metros (voltas) e corredores como, por exemplo, o primeiro, que se chamava “Amazonas”, tinha 1000 metros (4 voltas) e três corredores. Nessa programação havia um páreo infantil, o terceiro com 500 metros. O páreo “Consolação” para todos os que perderam e o páreo “Campeão” para todos os que ganharam. Cada páreo teria o sinal de partida dado com um tiro de revólver “Nagham”. Além disso, as disputas seriam executadas ao som de uma banda de música de um dos batalhões policiais que estaria posicionado no coreto ao centro da pista. Os três primeiros corredores de cada páreo seriam premiados com medalhas, sendo o primeiro com medalha de ouro, o segundo com medalha de prata e o terceiro com medalha de cobre. Os prêmios seriam entregues por uma comissão no dia 21 a bordo do vapor que realizaria o passeio fluvial. Para a execução da corrida foram necessários 5 tipos de juízes, um juiz de partida, um de confirmação, um de chegada, quatro de raia, quatro “chronometros”. Dentre os juízes estavam Jayme do Canto Albuquerque, juiz “chronometro”, Joaquim Jacintho da Camara, juiz “de confirmação” e Joaquim da Costa Soares, superintendente geral. Ambos eram comerciantes que cediam seus estabelecimentos para o recebimento de inscrições¹⁰⁴.

¹⁰² Essa programação foi realizada em dois dias, o dia 15, data do feriado nacional, e o dia 21 data em que a notícia da proclamação da república chegou à Manaus. 15 de nov. **A Federação**, Manaus 9 nov. 1898, n.247, p.1.

¹⁰³ 15 de novembro. **A Federação**, Manaus 9 nov. 1898, n.247, p.1.

¹⁰⁴ Velódromo Nacional. **A Federação**, Manaus 15 nov. 1898, n.253, p.2.

FIGURA 2 - Programa das corridas do dia 15 de novembro.

VELODROMO NACIONAL

Praça general Osorio (180)

Hoje, 15 de Novembro de 1898

Às 3 e meia horas da tarde

Grandes corridas de bicycletas, promevidas pelo grupo cyclista amazonense, com o honroso concurso do Governo do Estado, e em commemoração d' grandiosa data de 15 de Novembro.

Juizes

De partida—Capitão-tenente Hess.
De confirmação—J. J. da Camara.
De chegada—João A. d'Oliveira Santos.

De raia—José Ferreira Sobrinho, Deolindo Pimentel, Constantino Pires e João Rocha.

Chronometros—David Schill, Jayme Albuquerque, Miguel Barretto e José J. Cardozo.

SUPERINTENDENTE GERAL.
JOAQUIM DA COSTA SOARES

No coreto ao centro da pista tocará a banda de musica d'um dos batalhões policiaes.

O signal de partida será dado por um tiro de rewolver Naghan.

Premios

Medalhas de cobre, prata e ouro, as quaes serão entregues aos vencedores, por uma commissão, no dia 21 do corrente a bordo do vapor em que tiver logar o passeio fluvial.

PROGRAMMA

1.º Paeo—AMIZOSIA—1000 metros (4 voltas)
Corredores
João Marques, Albano Nobre e Alfredo Bezerra.

2.º Paeo—AFFONSO DE CARVALHO—1000 metros (4 voltas)
Corredores
Joaquim Monteiro, Rodolpho Vasconcellos e José Corrêa dos Santos.

3.º Paeo—FAXTIL—500 metros (2 voltas)
Corredores
Armando Antongini, Deodoro Freire e Nuno Cardozo Filho.

4.º Paeo—GRUPO FLUVIAL—1250 (3 voltas)
Corredores
Albano Nobre e José Abrantes

5.º Paeo—15 DE NOVEMBRO—3000 metros (20 voltas)
Corredores
Pinto (Bacamarie)—René (Le Foule)

6.º Paeo—G. C. AMAZONENSE—1500 metros (16 voltas)
Corredores
João Marques, José Abrantes e Antonio Machado

7.º Paeo—VELOZ—750 metros (3 voltas)
Corredores
Alfredo Magalhães e José Santos

8.º Paeo—CONSOLIDAÇÃO—2000 metros (8 voltas)
Corredores
Todos os cyclistas que tiverem perdido nos paeos anteriores.

9.º Paeo—CAMPEÃO—3000 metros (12 voltas)
Todos os cyclistas que tiverem ganho nos paeos anteriores.

Este programma está sujeito a qualquer modificação que se offerecer.

No dia 16 de novembro o jornal *A Federação* publicou uma nota dizendo que os páreos da corrida foram “valorosamente” disputados pelos “campeões” e que a assistência foi “extraordinária”, reinando tudo na mais “completa animação”¹⁰⁵. Porém, no dia 17 o mesmo jornal publicaria uma descrição mais detalhada dos festejos em um texto denominado “As festas do dia 15 de novembro”. Nele o jornal *A Federação* dizia sentir-se “feliz em descrever nas suas columnas os festejos realizados no dia 15 de Novembro [...]”. Com muitos elogios ao povo que foi tido como a grande força que ampara as sociedades e impulsiona o progresso e o engrandecimento das nações, que pensa e não se deixa levar pelo despeito e pelas ambições injustificáveis, eram feitas considerações sobre o dia 15, que era tido não apenas como a data da vitória de um partido, mas como o maior feito da democracia e do mais admirável triunfo de uma aspiração nacional.

Depois de fazer um apanhado da programação, a notícia emitida no jornal informava sobre as corridas. Era dito sobre o público que esteve presente e o resultado. Segundo consta, a corrida aconteceu conforme o anunciado, contando com a participação de 5 mil pessoas que tomaram parte na festa que teve uma “feição toda moderna”. Em seguida, foi descrito o resultado, onde era apresentado o nome do corredor e o tempo gasto na realização da corrida. Um exemplo disso pode ser dado baseado no oitavo páreo que teve como vencedor René David conhecido sportivamente¹⁰⁶ como Le Foutu com o tempo gasto de 4 minutos e 38 segundos¹⁰⁷.

Além de elogiar o Grupo Cyclista Amazonense e propagar a ideia de que suas atividades davam a cidade uma “feição moderna”, a imprensa também censurava o modo de agir do “povo” nas corridas, procurando enquadrá-lo naquilo que era tido como civilizado. Como na corrida do dia 4 de dezembro, que foi realizada para comemorar a Restauração da Independência de Portugal¹⁰⁸. Para se ter noção, geralmente a imprensa ao informar sobre a realização de uma corrida, tratava da frequência e resultados dos páreos. O que não aconteceu na corrida do dia 4, onde o assunto foi o modo de agir do “povo”.

Com bastante affluencia de povo, teve logar hontem a corrida de bycicletas no velodromo “General Osorio”.

Peza-nos ter de censurar aqui *excessos de entusiasmo* de uma parte dos espectadores, que não são gentis, vaiando aos dignos moços, para quem a victoria não sorriu n’aquelle torneio.

¹⁰⁵ **A Federação**, Manaus 16 nov. 1898, n.254, p.1.

¹⁰⁶ Termo utilizado no jornal *Correio Sportivo* para explicar o uso de cognomes.

¹⁰⁷ O Grupo Cyclista Amazonense. **A Federação**, Manaus 17 nov. 1898, n.255, p.1.

¹⁰⁸ Velódromo Nacional. **Commercio Amazonas**, Manaus 4 dez. 1898, n.341, p.1.

O facto é que o povo amazonense encontra encantos nesse divertimento, e que os dignos cyclists que o promovem merecem um pouquinho mais de delicadeza da parte de uns tantos grupos que se exageram nas manifestações de entusiasmo pelo seu *part pris*.

Aos vencedores, palmas, ovações; aos vencidos...consolação.

Esperamos pela ultima vez registrar , noticiando corridas do “Grupo Cyclistico Amazonense”, esse facto desagradavel, **que não nos honra, a nós que somos um povo civilizado e educado** [grifos meus].

De resto, tudo o mais correu muito bem, sendo digna de nota o respeito e a disciplina dos distintos *sportmen*, a quem felicitamos pela brilhante festa, com que commemoraram a passagem da gloriosa data portugueza – 1º de Dezembro¹⁰⁹.

De acordo com Pinheiro, os “grandes” jornais veiculados no Amazonas traziam consigo o agravante de estarem atrelados a projetos políticos e visões sociais consolidadas no interior dos grupos dominantes. Com a expansão econômica a elite tendeu a ter um fascínio pela modernidade e progresso que era reproduzido nos jornais, e os comportamentos que não se encaixavam nesse ideal, eram reprimidos havendo uma tensão entre o público “ideal” e o público efetivo¹¹⁰. Assim como ocorreu nas corridas realizadas pelo Grupo Cyclista Amazonense, onde se tentava instruir o que era ser educado e civilizado.

Na época era comum receber pessoas consideradas “ilustres” na cidade com a organização de um festejo. Esse foi o caso da recepção do ex-governador Eduardo Ribeiro que seria homenageado com a realização de uma corrida de bicicleta, organizada pelo Grupo Cyclista Amazonense juntamente com a comissão de festejo. Para participar dessa corrida era necessário fazer inscrição no estabelecimento Porta Larga, local que também serviu para a exposição dos prêmios. A corrida foi composta por cinco páreos que seriam representados por uma cor diferente - os corredores receberiam uma fita referente a cor do páreo que iriam disputar. Ao invés de ser realizada no Velódromo Nacional, ela aconteceria na Avenida Eduardo Ribeiro, a partir do Teatro Amazonas até a rua Municipal¹¹¹. Todavia, devido a um desentendimento entre o Grupo Cyclista Amazonense e o Sport Club Amazonense a corrida não ocorreu.

Infelizmente não será possível se realizar as corridas de bicyclettas, anunciadas para hoje a tarde.

O grupo cyclista não chegou a um accordo, ao que nos informou, com a comissão de festejos. Desejavam a exclusão do Sport Club.

¹⁰⁹ O grupo Cyclistico Amazonense. **A Federação**, Manaus 06 dez. 1898, n.274, p.1.

¹¹⁰ Daou traz uma ideia semelhante ao que acontecia no teatro. DAOU, A. M. **A cidade, teatro e o “paiz da seringueiras”**: práticas e representações da sociedade amazonense na passagem do século XIX – XX. Rio de Janeiro: Rio Book’s, 2014.

¹¹¹ O primeiro páreo “15 de novembro” teria a cor da fita verde, o segundo “5 de setembro” fita amarela, o terceiro “Amazonia Infantil” fita branca, o quarto “18 de setembro” fita azul e o “Barés” fita encarnada. Ver: **Commercio do Amazonas**, Manaus 8 dez. 1899, n.84, p.2.

Lamentamos profundamente este facto não querendo saber de que lado está a razão. Tratava-se duma festa popular em obediência a um programma, e parece-nos que deviam ser apagadas as rivalidades e esquecidas as dissensões¹¹².

Durante esse período, dois ciclistas se destacavam nas corridas organizadas pelo Grupo Cyclista Amazonense, eram o Gomes e Pinto¹¹³. A importância desses dois nomes era tanta que eles estavam cotados para disputar o quinto páreo de uma corrida realizada no dia 16 de abril de 1899, mas, um deles sofreu um incômodo, sendo adiado o páreo para o dia 23 do mesmo mês. Nesse dia apenas os dois ciclistas correram no Velódromo Nacional¹¹⁴.

O Grupo Cyclista Amazonense parece se desfazer quando um velódromo é construído na cidade, ou seja, ele passa a integrar o quadro da empresa que gerenciava o novo velódromo.

2.3 Mudanças à vista – a organização esportiva do século XX

Com a chegada do século XX ocorrem mudanças no cenário esportivo de Manaus. Os dois clubes que antes se destacavam nos jornais saem de cena, para a entrada de novas organizações esportivas na cidade. O Sport Club Amazonense parece perder visibilidade com a inauguração dos salões do Teatro Amazonas, pois embora fosse um clube esportivo, ganhara notoriedade devido as festas e recepções em suas dependências, que passaram a ser organizadas nos salões do Teatro Amazonas. Já o Grupo Cyclista Amazonense se desfez, pois seus ciclistas passam a correr em um novo velódromo da cidade, integrando o quadro de ciclistas da empresa que o gerenciava. Além disso, surgem outros clubes esportivos, dois jornais sobre o tema, há a construção de espaços específicos para determinadas práticas esportivas e começa a ser notada a estruturação de um comércio em torno da sua prática (oficinas de bicicletas, lojas com produtos para os esportes e até medicamento direcionado aos *sportmen*). Sendo assim, nesse tópico será feito um panorama geral da organização esportiva do século XX.

Segundo Normando:

As práticas esportivas espalharam-se pela cidade; converteram-se numa verdadeira febre entre os jovens e acabaram por propugnar uma ética do ativismo na qual as atividades físicas e o corpo em movimento eram essenciais para a constituição do homem do novo século. Através de diversas modalidades esportivas, ensejou-se que, pelo menos, uma parte da juventude manauara pudesse complementar sua instrução intelectual com a formação física, entendida na passagem para o século XX como

¹¹² **Commercio do Amazonas**, Manaus 17 de dez. de 1899, n.00089, p.1.

¹¹³ Não se sabe quem era Gomes, porém o Pinto se referia a José Joaquim Pinto de França que era funcionário público. Relatórios dos presidentes dos estados brasileiros (AM) – 1891 a 1930. Edição 1, p.24.

¹¹⁴ Grupo Ciclysta Amazonense. **A Federação**, Manaus 23 abr. 1899, n.404, p.2.

absolutamente vital para a otimização e preparação dos corpos visando uma nova realidade, cuja dinamicidade era moldada pelos avanços científico-tecnológicos típicos da modernidade¹¹⁵.

De fato, no século XX as práticas esportivas parecem expandir-se pela cidade. Vários outros clubes entram em cena nessa etapa, oferecendo novas modalidades esportivas aos seus sócios, que agora parecem não serem tão restritos quanto os do Sport Club Amazonense ou do Grupo Cyclista Amazonense.

É a partir de 1904 que esse movimento parece se organizar. Nesse ano, dois novos clubes aparecem nas folhas dos jornais, o Lawn Tennis Club e Cricket Club que faziam parte do mesmo grupo de sócios.

O Lawn Tennis Club foi criado para oferecer o lawn tennis que era tido como um esporte “elegante” e popular na Europa, América, na Austrália, Nova Zelândia e África. Ele era parecido com um antigo jogo da Europa chamado “La Longue Paume”, jogado com uma bola de cortiça, sobre um parapeito de terra, com 2 pessoas que encontravam-se em lados opostos, ferindo a bola com a palma da mão. A diferença desse jogo para o lawn tennis era a rede ao invés do parapeito¹¹⁶. Esse esporte estava sendo incentivado entre as mulheres que começavam a ganhar a cena em outros âmbitos, não apenas nas atividades sociais. O Lawn Tennis foi inaugurado em abril e realizava suas partidas no bosque da Cachoeira Grande, onde houve a sua inauguração. Já o Cricket Club, ao que tudo indica, foi inaugurado antes do Lawn Tennis Club, e tinha em sua composição pessoas ligadas ao comércio e a borracha¹¹⁷.

Alguns anos depois, inaugura-se outro clube de tênis na cidade, o Tennis Club que foi fundado no dia 1 de março de 1908. Seu *ground* era localizado na praça Floriano Peixoto, no bairro da Cachoeirinha¹¹⁸. Segundo consta, o Tennis Club contribuiu para a difusão do Lawn Tennis que chegou a gozar de fama entre as mulheres. Elas eram vistas nos bondes se dirigindo para a praça, trajando seus vestidos brancos. Embora o Lawn Tennis pareça ter alcançado certa fama, logo caiu no marasmo. Um dos motivos que apontavam para tal fato era que as mulheres preferiam gastar suas energias na dança, do que no jogo¹¹⁹.

Além desses clubes, outros aparecem, o Manáos Sport Club e o Club Desportivo. O primeiro foi fundado em 1908, tinha uma ligação com um dos clubes sociais da cidade,

¹¹⁵ NORMANDO, T. S. **Jogos de bola, projetos de sociedade**: por uma história social do futebol na Belle Époque manauara. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2003.

¹¹⁶ Law Tennis. **Correio Sportivo**, Manaus 13 maio. 1910, n.4, p.2.; A propagação do Law Tennis. **Correio Sportivo**, Manaus 12 jun. 1910, n.6, p.2.

¹¹⁷ Sport. **Jornal do Commercio**, Manaus 15 abr. 1904, n. 90, p.1.

¹¹⁸ Diversões. **Jornal do Commercio**, Manaus 22 mar. 1908, n.1434, p.2.

¹¹⁹ As nossas Sportswomen. **Correio Sportivo**, Manaus 13 maio. 1910, n.4, p.2.

onde se reuniam para tratar de assuntos do clube¹²⁰ e organizavam assaltos de esgrima¹²¹. Já o segundo, fundado no início de 1906 tinha como objetivo “cultivar os jogos athleticos e desportivos” e “propagar o gosto desses salutarres exercícius na sociedade amazonense.” O Club Desportivo era tido como uma sociedade “útil”, que iria afluir de modo “bemfazejo” nos usos e costumes de Manaus¹²². Ou seja, tinha a intenção de modificar os costumes tradicionais tidos como atrasados, em prol de outros. Além do mais, ainda no século XIX já havia um movimento realizado por médicos que utilizando “argumentos de defesa da ciência passam a determinar a melhor forma para cada um cuidar de seu corpo, em um projeto de mudanças de hábitos”¹²³.

O Club Desportivo funcionava em um prédio à rua do Andradas, próximo ao igarapé dos Educandos, juntamente com outra associação que ministrava ginástica, esgrimas e outros exercícius. Ao todo, haviam 40 sócios fundadores do clube, entre eles doutores, comerciantes e um major¹²⁴.

Aparentemente, os comerciantes assumiram um papel importante no desenvolvimento do esporte em Manaus. Em 1907 um grupo de “moços entusiastas” do comércio fundou o Sport Club de Manáos. Sua sede era um chalé no bairro da Cachoeirinha, onde havia um terreno para os jogos esportivos¹²⁵. Pelo que parece esse clube teve o funcionamento de aulas de ginástica e futebol, onde foi formado um time que disputava partidas com outros da cidade¹²⁶.

A fundação de clubes que tinham como foco principal o desenvolvimento de algum esporte específico também pôde ser observada. Tiro, ciclismo, remo e futebol eram os

¹²⁰ A agremiação em questão era o Club Internacional que foi fundado em 1901 em Manaus. Club Internacional. *Quo Vadis?*, Manaus 28 de abr. de 1903, n.127, p.1. Varias noticias. **Jornal do Commercio**, Manaus 3 maio. 1908, n.1475, p.1.

¹²¹ O dia de hoje. **Jornal do Commercio**, Manaus 21 jun. 1908, n.1524, p.1.

¹²² Club Desportivo. **Jornal do Commercio**, Manaus 21 maio. 1906, n.680, p.1

¹²³ JÚNIOR, E. G. Ginástica, higiene e eugenia no projeto de nação brasileira: Rio de Janeiro, século XIX e início do século XX. **Movimento**, Porto Alegre, v. 19, n.01, p.139-159, jan/mar. de 2013.

¹²⁴ Os sócios fundadores do Club Desportivo são: “A. Monteiro de Souza, Agnello Bittencourt, Aprigio M. de Menezes, Raymundo B. de Britto Pereira, Coriolano Durand, Dr. Satyro Marinho, José Francisco de A. Lima, Raymundo Nicolau da Silva, João Bessler, Felipe Schlee, Engen Bartholomeu, Alcides Bahia, Carlindo Machado e Silva, Gentil A. Bittencourt, Manoel V. Marinho, dr. Adalberto Pedreira, Deodoro Freire, Agostinho Cezar de Oliveira, dr. Adriano Jorge, Antonio P. Bittencourt, Francisco Tapajós, Raul Gastão, dr. M. Sá Antunes, Francisco Salles Vieira, Domingos de Queiroz, dr. Raphael Benayon, Cesar Silva, Silvio Nunes de Lima, Major Pedro H. Cordeiro Junior, João J. Baptista da Rocha, dr. Guilherme Catramby, dr. Pedro Sympson, Jose Maranhão, Joaquim Manoel do Passos, Frederico Menezes, Manoel Floriano de Britto, Antonio Bentes, dr. B. Lauro Bittencourt, Julio Verne Pereira e Raul R. Braga.” Desses nomes Deodoro Freire, José Maranhão e Raymundo B. Britto Pereira estariam na organização das corridas de bicicleta. Club Desportivo. **Jornal do Commercio**, Manaus 21 maio. 1906, n.680, p.1.

¹²⁵ Sport. **Jornal do Commercio**, Manaus 20 set. 1907, n.1162, p.2.

¹²⁶ Sport. **Jornal do Commercio**, Manaus 22 set. 1907, n.1164, p.2.

esportes tidos como especialidades desses clubes que começaram a serem organizados a partir de 1909.

A Sociedade de Tiro Brasileira no Amazonas foi fundada em 9 de fevereiro de 1908. Em 1909 ela foi incorporada à Confederação do Tiro Brasileiro sob o número 10, ficando conhecida como Sociedade Brasileira Tiro n.10. Sua finalidade era ministrar aos seus associados a instrução completa do tiro de guerra e o ensino elementar da arma de infantaria, além de realizar concursos de tiro¹²⁷. De acordo com Normando, o tiro ao alvo praticado no Brasil na primeira década do século XX, além de comprovar habilidades no manejo de armas de fogo, tinha um caráter ufanista, pois assim como era tomado como esporte, assumia-se como atividade cívica, alimentando “a digna preocupação de defesa nacional, transformando o praticante num cidadão-soldado pronto para defender a pátria nos momentos necessários”. Essa modalidade era praticada, principalmente, nas praças públicas e no bosque municipal¹²⁸.

O Velo Club Amazonense foi fundado no ano de 1909 e tinha como objetivo “desenvolver todos os ramos de sport, como Gymnastica artística, Athletica, Lucta Romana, Esgrima e com especialidade o Cyclismo”¹²⁹. Logo após ser fundado, o clube já organizava passeios ciclísticos pela cidade. Geralmente, esses passeios eram divulgados pelos jornais, que anunciavam o seu ponto de saída, trajeto e ponto chegada, como em uma ocasião onde o passeio teria início na Praça de São Sebastião indo para “avenida Eduardo Ribeiro, rua dos Remedios, Silverio Nery, até Nazareth, Estrada Dr. Moreira, Saudade e Luiz Antony onde debandar-se-há”¹³⁰. Seu fundador era Deodoro Freire, ciclista conhecido como Stoessel que era um verdadeiro entusiasta do ciclismo em Manaus.

Em 1908 são veiculadas notícias sobre regatas organizadas pelo Club de Regatas Amazonense. Esse clube costumava realizar regatas no Igarapé dos Educandos, do qual participavam mulheres e homens. Não se sabe ao certo a data de inauguração do clube, mas parece ter sido por volta de 1908.

Esse não foi o primeiro clube de remo de Manaus. A partir de 1906 foi introduzida na cidade de Manaus a primeira *outrigger*, embarcação para o remo, o que

¹²⁷ Projecto de estatutos definitivos para a sociedade n. 10 da Confederação do Tiro Brasileiro. **Jornal do Commercio**, Manaus 3 mar. 1909, n.1776, p.2.

¹²⁸ Ainda segundo Normando, essa sociedade possuía um dos maiores quadros nacionais de associados, 770 cavalheiros, com componentes oriundos não só da capital, mas de Borba, Parintins e Santo Antônio da Madeira. NORMANDO, T. S. **Jogos de bola, projetos de sociedade**: Por uma história social do futebol na Belle Époque manauara. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2003.

¹²⁹ Notas Sportivas. **Correio do Norte**, Manaus 20 dez. 1909, n.320, p.1.

¹³⁰ Sport. **Jornal do Commercio**, Manaus 30 dez. 1909, n.2066, p.2.

estimulou a criação do Grupo Allemão e do Nautic-Club-Amazonense. Essas duas sociedades passaram a realizar treinos e competições, além de importarem o material para a prática¹³¹.

Além do remo, outra modalidade era vista em Manaus. O yachting que em 1910 começa a ganhar adeptos. No caso destes, foram vistos navegando até Marapatá ou Piracatuba ou bordejando nas lagunas para além da Ilha dos Papagaios¹³².

De acordo com Harari, existe uma teoria que concorda que nossa linguagem evoluiu como uma forma de fofoca¹³³. Embora essa não seja a única teoria sobre a evolução da linguagem, é certo que em Manaus a organização do futebol teve a fofoca como um grande “ponta pé”. Em 1907 circulava no *Jornal do Commercio* uma crônica escrita por um tal de U.V. que contava sobre uma conversa que havia escutado na partida do vapor “Olindas” entre Luiz Paulino, um *sportman* paraense, e Sergio Ferreira. Segundo U.V. eles falavam da provável fundação de um *foot-ball association*, da qual pretendiam movimentar entusiastas “ardorosos da pugna” do *ballonround*. Ouvindo isso, U.V. começou a imaginar como seria uma partida de futebol em Manaus.

[...] Era Oxford contra Cambridge; Amazonas contra Pará, num MATCH de sensação! As linhas de FOROWARDS debatiam-se admiravelmente.

Os DRIKLINGS succediam-se de permeio com valente RUSHES, (e que rushes). A lucta renhida absorvia a atenção toda dos LISNEMENS. Ouvia-se o trilhar dos apitos dos capitães, e o BALLON surgia impulsionado pelo FOOT vigoroso, num imaginoso SCHAT, ora neste, ora naquelle campo, num jogo de sentidos, verdadeira e infernal dança macabra.

As opiniões dividiam-se.

De quando em vez um sussurro de vozes fazia-se ouvir entremeado de palmas e brados de encorajamento partidos da assistência. Era um GOAL vasado com pericia rara, ora por este para aquelle team, que desse modo se confirmava.

A hora porém epilograra-se. Além o REFEREE, que iniciara o torneio com o KICK-OFF de honra mettia o apito na bocca e fnalisava o movimentado *match*, annunciando o resultado: - 5, contra 0!

Victoria em toda a linha¹³⁴.

Ele prosseguia dizendo que foi até os *sportmans* de “maior evidência” que conhecia em busca de adeptos da ideia, porém não obteve sucesso. “Não desanimamos ainda. Admittimos que o calor da idéa se manifestasse entre elles latente, com reservas talvez, e esperavamos, quando procurando fallar com o Paulino qual tão foi nossa desillusão”¹³⁵.

¹³¹ NORMANDO, T. S. **Jogos de bola, projetos de sociedade**: Por uma história social do futebol na Belle Époque manauara. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2003.

¹³² Yachting. *Correio Sportivo*, Manaus 12 de jun. de 1910, n.6, p.1.

¹³³ HARARI, Yuval Noah. **Sapiens: uma breve história da humanidade**. Traduzido por Janaína Marcoantonio. L&PM, p.28, 2015.

¹³⁴ Foot-ball. *Jornal do Commercio*, Manaus 10 abr. 1907, n.999, p.2.

¹³⁵ Foot-ball. *Jornal do Commercio*, Manaus 10 abr. 1907, n.999, p.2.

Alguns dias depois, Paulino responde a crônica de U.V., afirmando a vontade de fundar um clube de futebol. Dizia ele, que o futebol era um esporte elegante de todos os países e que em Manaus “vivia e vive” adormecido. Apesar disso, Paulino assegurava não ter perdido as esperanças e que seria fundado, brevemente, um clube com o nome de Sport Foot-Ball Club Manáos, com as cores encarnado e branco¹³⁶. De fato o clube foi fundado no dia 19 de abril de 1907, entretanto não sendo o primeiro da capital¹³⁷. Um tal de Fred C. ao ler a notícia sobre a ideia de fundação do Sport Foot-Ball Club Manáos, informava que na cidade já existia um clube de futebol, que se chamava *Racing Club Amazonense*, formado por ingleses¹³⁸. Meses mais tarde, esses clubes se encontrariam em um match, no *ground* da praça Floriano Peixoto¹³⁹. Após o aparecimento desses clubes, outros foram fundados na cidade.

Tais notícias mostram o início da intensificação da organização esportiva que concerniu, também, o início da estruturação de um mercado em torno da prática. Esse comércio era formado por jornais e revistas que tratavam especificamente dos esportes. Revistas vinham de fora do país para a cidade, como a “Tiro e Sport” que era publicada em Lisboa e circulava em Manaus¹⁴⁰. Jornais sobre o tema passaram a ser produzidos em Manaus, tais como “O Sport” e o “Correio Sportivo”. “O Sport” foi fundado em 1907, dirigido por alguns do *sportmen* ligados ao *Racing Club Amazonense* e era um jornal de publicação quinzenal¹⁴¹. Esse jornal parecia se focar na apresentação de artigos sobre o futebol e diferentes jogos, além exaltar os *sportmens* manauaras, veiculando imagens¹⁴². Até o ano de 1910, esse jornal ainda estava em circulação na cidade. Porém, “O Sport” passaria a circular com um concorrente.

Seu rival no âmbito da divulgação das informações esportivas era o “Correio Sportivo”, que se intitulava um órgão de propaganda esportiva. Este foi inaugurado em março de 1910¹⁴³. O *Correio Sportivo* defendia o esporte em Manaus, baseado na premissa que este se prestava ao desenvolvimento físico da raça. De maneira geral, o jornal tratava dos acontecimentos esportivos de Manaus, dos clubes, homenageava *sportmans*, e trazia notícias do estrangeiro. Ele era vendido na Casa Itatiaya, comércio destinado à venda de cigarros. Para

¹³⁶ Foot-Ball. **Jornal do Commercio**, Manaus 12 abr. 1907, n.1001, p.1.

¹³⁷ Sport. **Jornal do Commercio**, Manaus 20 abr. 1907, n.1009, p.1.

¹³⁸ Sport. **Jornal do Commercio**, Manaus 19 abr. 1907, n.1008, p.2.

¹³⁹ Sport. **Jornal do Commercio**, Manaus 16 jun. 1907, n.1066, p.2.

¹⁴⁰ Varias noticias. **Jornal do Commercio**, Manaus 3 maio. 1908, n.1475, p.1.

¹⁴¹ Ver: Sport. **Jornal do Commercio**, Manaus 5 abr. 1910, n.2159, p.2.; Varias. **Jornal do Commercio**, Manaus 13 set. 1909, n.1959, p.2.

¹⁴² **Jornal do Commercio**, Manaus 10 ago. 1909, n.1925, p.2.

¹⁴³ **Correio Sportivo**, Manaus 27 mar. 1910, n.1, p.1.

ter acesso às informações contidas nesse jornal, era necessário adquiri-lo seja por assinatura, número avulso ou número atrasado. A primeira, que se referia a assinatura do ano, era 5\$000, o número avulso era \$200 e o número atrasado \$500¹⁴⁴. Comparando com o *Jornal do Commercio*, veiculado no mesmo ano, que custava 50\$000 por ano na capital e 60\$000 no interior. Como se pode perceber o *Correio Sportivo* tinha preços mais acessíveis.

Dentro desse comércio em torno dos esportes, também foram encontradas oficinas e lojas que ofereceriam produtos e serviços ligados aos mesmos. Isso, pois, “os negociantes mais perspicazes prontamente relacionaram o interesse pelos esportes com possibilidade de ganhos, independente do segmento comercial tradicional em que se estava estabelecido”¹⁴⁵. Como a “Alfaiataria Cosmopolita” que vendia roupas para os *sportmen* e a oficina Bourgeois & Comp. que além de vender peças para máquinas, vendia peças para as bicicletas¹⁴⁶. E não parava por aí.

A Livraria Clássica dizia ter, além dos livros e material de papelaria em geral, um sortimento completo de bicicletas para crianças. Já as próprias para os passeios e corridas eram destaques na loja Passe-Partourt. A drogaria Universal anunciava suspensórios especiais para esportistas e pomadas para massagens. A sapataria Mandarin prometia para breve os calçados especiais para o futebol. Os bazares Mendonça & Filho, Alemão e Prato Chinez vendiam alteres, luvas de boxe, trapézios e argolas para ginástica, bolas e raquetes de tênis, camisas e calções para ciclistas¹⁴. E claro, para não fugir ao preceito pseudo-blasé da Belle Époque, todos os produtos eram devidamente importados¹⁴⁷.

Além disso, cursos que tomavam a esgrima e a ginástica passaram a ser anunciados¹⁴⁸.

Curso de Gymanastica

Theorico e pratico

Pessoa competente pretende estabelecer nesta cidade um curso de gymnastica theorico e pratico por todo o mez de Junho. As pessoas, portanto, que se quizerem inscrever no dito curso, dirijam se desde já á rua dos Remedios n° 27 (sobrado), das 6 horas da tarde em diante. Nos domingos de 1 hora às 3 da tarde¹⁴⁹.

Em 1905 foi inaugurado em Manaus outro tipo de organização que tinha como foco os esportes. Porém, sua relação com os que tomavam parte de suas atividades se altera. Ou seja, para frequentar tal local não era necessário mais ser um sócio, não que esse tivesse deixado de existir, mas era preciso arcar com o preço de um ingresso. Esse ingresso daria

¹⁴⁴ Se faz necessário explicar, que foram encontradas 6 edições do jornal **Correio Sportivo** do ano de 1910, na Hemeroteca Digital, possibilitando uma abordagem mais detalhada.

¹⁴⁵ NORMANDO, T. S. Nas praças, nas ruas e nos rios: a Amazônia esportiva em sua belle époque. **Revista Digital - Buenos Aires** - Año 12 – n.112 – Sept. 2007.

¹⁴⁶ **Correio Sportivo**, Manaus 27 mar. 1910, n.1, p.4; **Jornal do Commercio**, Manaus 26 mar. 1905, n.392, p.3.

¹⁴⁷ NORMANDO, T. S. Nas praças, nas ruas e nos rios: a Amazônia esportiva em sua belle époque. **Revista Digital - Buenos Aires** - Año 12 – n.112 – Sept. 2007.

¹⁴⁸ Sport. **Jornal do Commercio**, Manaus 14 jan. 1908, n.1367, p.2.

¹⁴⁹ Curso de Gymnastica. **Jornal do Commercio**, Manaus 26 maio. 1906, n.685, p.2.

acesso a apreciação da prática esportiva, que antes era exposta aos olhares como um símbolo de distinção e agora é vendida como uma mercadoria aqueles que não tinham acesso a tal. Esse local era o Velódromo Amazonense que seria sucedido pelo Prado Amazonense.

3 VELÓDROMO AMAZONENSE

Um dos marcos mais importante para o ciclismo na cidade de Manaus, sem dúvida, foi a construção de um espaço para a realização de corridas de bicicleta, ou seja, um velódromo. O espaço utilizado pelo Grupo Cyclista Amazonense era adaptado e não tinha uma estrutura permanente. Com a construção do velódromo a cidade passaria a ter um espaço físico, construído para essa finalidade específica. O Velódromo Amazonense, ou Velódromo da Manáos Sport, ou ainda, Velódromo da Cachoeirinha, foi construído à Praça Visconde do Rio Branco¹⁵⁰ no bairro da Cachoeirinha.

O Velódromo Amazonense, como seria mais conhecido, foi feito a partir da associação entre dois coronéis, José de Albuquerque Maranhão e José Cardoso Ramalho Junior¹⁵¹. Essa associação foi realizada com o capital de 17:000\$000 contos de réis, o que equivalia, aproximadamente, a quatro anos de salário¹⁵² de um jardineiro do município.¹⁵³ Sua construção aconteceu durante o ano de 1904 e envolveu uma série de previsões de inauguração frustradas, como a que segue:

Vão muito adiantados os trabalhos de contrucção das archibancadas e pista do Velodromo, da empreza Maranhão e C^a. Uma das secções das archibancadas acha-se totalmente concluída, trabalhando-se activamente na outra. Na pista faltam apenas os trabalhos finaes de rectificação de nível, o que faz supor que a inauguração das corridas se poderá realizar no mez vindouro [...] ¹⁵⁴.

Além dessa suposição de inauguração do Velódromo Amazonense em outubro, foram realizadas mais duas, a primeira apontando o dia 15 de novembro e a segunda o dia 21

¹⁵⁰ Localizava-se entre as ruas Municipal, atual Sete de Setembro, Visconde de Porto Alegre, Ajuricaba e Duque de Caxias é hoje o **Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas – IFAM**. Manaus: entre o passado e o presente, v.1, p.58.

¹⁵¹ José Albuquerque Maranhão se envolveu ativamente em diversos negócios na cidade de Manaus, ele era um empresário daquela época. Para se ter noção, além de coronel, ele era dono de um “prédio” na Avenida Joaquim Nabuco com o valor locativo de 2:400\$000, foi empreiteiro de obras públicas, era sócio do contrato das carnes verdes e cunhado do coronel José Cardoso Ramalho Junior. Este último nasceu no Amazonas no dia 7 de abril de 1866, onde após terminar a escola primária foi para Portugal realizar os estudos preparatórios. Ao retornar para Manaus trabalhou no comércio, entrando para a política em seguida, ligado ao Partido Democrata. Foi deputado federal, coronel do Exército, vice-governador e governador do Amazonas. Ver: **Superintendencia Municipal de Manáos**. A Capital, Manaus 20 jan. 1918, n.185, p.3; A defesa e a resposta ao repto. **Quo Vadis**, Manaus 15 maio. 1903, n.146, p.3.; Que contraste. **Correio do Norte**, Manaus 7 abr. 1906, n.66, p. 1. Disponível em: < <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/RAMALHO%20J%C3%A9ANIOR,%20Jos%C3%A9%20Cardoso.pdf>>. Acesso em 21 maio. 2017.

¹⁵² Intendencia Municipal. **Jornal do Commercio**, Manaus 28 dez. de 1905, n.629, p.2.

¹⁵³ Contra a moral. **Correio do Norte**, Manaus 3 de mar. de 1906, n.36, p.1.

¹⁵⁴ Sport. **Jornal do Commercio**, Manaus 30 set. de 1904, n.236, p.1.; Jornal do Commercio de Manaus 08 jan. de 1905, n.326, p.2.

do mesmo mês, porém todas frustradas¹⁵⁵. O velódromo foi inaugurado de fato, em 1905 com a realização de uma corrida¹⁵⁶. Todavia, no final desse mesmo ano o local passou por reformas.

Menos de um ano após a sua inauguração, o velódromo passou mais dois meses em obras, entre 1905 e 1906, que visavam a sua reconstrução e aformoseamento. Sua pista foi acimentada, foram construídos coretos, levantados grossos paredões de alvenaria, construídos arabescos, lambrequins e bordaduras de madeira, além de ter sido pintado. Para essas obras foram necessários 3 mestres de obras e, aproximadamente, 100 operários.

Esse grupo de operários parece ter procurado o jornal *Correio do Norte* para relatar o que aconteceu durante a reconstrução e aformoseamento do velódromo. Contaram que realizaram duas greves durante as obras, devido ao atraso de seus pagamentos. E, que só finalizaram as obras, pois foram “seduzidos” pelos contratantes com gratificações em dinheiro e mais duas caixas de cerveja. Além disso, informaram que o dinheiro para o pagamento deles saía do tesouro e que a praça onde foi construído o velódromo era uma concessão ao José Albuquerque Maranhão. O jornal *Correio do Norte* a par dessa situação, indagou: “Pedimos ao Sr. Dr. Governador o obsequio de mandar-nos explicar a ligação, o laço de interesse que tem o Estado com o mesmo Velodromo para, assim, com tanto descaro, sem autorização orçamentária, pagar as despesas de seu aformoseamento.” Três dias depois, o jornal escreve outra notícia sobre essa situação. Dessa vez o cronista não indagava que as obras do velódromo haviam sido pagas pelo tesouro, ele praticamente afirmava, e pedia ao Estado que mandasse pagar os homens que já haviam executado os serviços, pois eles percorriam a cidade como miseráveis, “cheios” de fome, sem teto e sem luz¹⁵⁷.

¹⁵⁵ Manáos-Sport. **Jornal do Commercio**, Manaus 1 nov. 1904, n.264, p.4.; Velodromo. **Jornal do Commercio**, Manaus 23 dez. 1905, n.626, p.2.; Manáos Sport. **Jornal do Commercio**, Manaus 19 fev. 1905, n.362, p.1.

¹⁵⁶ **Jornal do Commercio**, Manaus 28 dez. 1904, n.316, p.1.

¹⁵⁷ Nesse mesmo ano aconteceram outras greves de trabalhadores em Manaus como, por exemplo, a greve dos cocheiros que paralisaram os serviços devido a leis arbitrárias estabelecidas pela Intendência. Dias, E. M. A ilusão do fausto. Manaus 1890-1920. p.161. Contra a moral. **Correio do Norte**. Manaus 3 mar. 1906, n. 36, p.1.; Contra a moral. **Correio do Norte**, Manaus 6 mar. 1906, n.38, p.1.

3.1 A organização das corridas e seus programas

Para tratar da organização das corridas, será necessário mostrar como elas eram apresentadas nos seus programas em cada uma das três direções gerais do Velódromo Amazonense, pois havia diferenças de direção para direção. Sendo assim, será feita uma apresentação geral da organização das corridas de cada diretor, mostrando os seus programas.

Como primeiro diretor geral do Velódromo Amazonense, José de Albuquerque Maranhão teceu a primeira base dos programas das corridas. Suas competições, que aconteciam no domingo à tarde, geralmente, tinham quatro ou cinco páreos. Estes costumavam ser compostos por um número de ciclistas que variavam entre três e seis. Os ciclistas, assim como nas corridas organizadas pelo Grupo Cyclista Amazonense e demais direções do velódromo, seriam tratados pelos seus cognomes, ou melhor, como eram conhecidos sportivamente - “Figaro”, “Gladiador” e Liberal, por exemplo¹⁶¹. Eles disputavam corridas com distâncias que variavam entre 676 metros, 2 voltas e 4.995 metros, 15 voltas no velódromo. Nessas corridas eram premiados apenas o primeiro colocado, que recebia dinheiro ou um objeto de determinado valor. Para participar das corridas de bicicleta era necessário fazer inscrição e pagar uma taxa, que não se sabe qual era seu valor. As inscrições eram realizadas no escritório da empresa Manáos Sport que se localiza na rua Deodoro¹⁶². Na organização das corridas de José Albuquerque eram relacionados seis tipos de juízes: o de partida; de confirmação; de raia; de chegada e de arquibancada. Em algumas dessas funções era necessário mais de uma pessoa, resultando em um total de onze juízes por corrida.

Para assistir as corridas no velódromo era necessário pagar a entrada. Essa cobrança era dividida em duas categorias: adulto e crianças. Quanto aos adultos, não foi encontrado o preço que pagavam, pois era informado nos programas que o valor da entrada era o de “costume”, essa maneira de divulgar o preço denotava certa proximidade com o espectador. Aparentemente, a entrada não era cara, pois era dito que no velódromo havia gente de “todas as classes, todas as idades, todas as côres, rico, pobre, honrado ou não”¹⁶³. Já as crianças “acompanhadas” não pagavam.

O programa das corridas de José Albuquerque Maranhão tinha, basicamente, a seguinte estrutura: logo no início havia o nome do clube que organizava as corridas, “Manáos Sport”; abaixo vinha o número da corrida, a data e o horário seguido da descrição das

¹⁶¹ Manáos Sport. **Jornal do Commercio**, Manaus 19 mar. 1905, n.386, p.1.

¹⁶² Velodromo. **Jornal do Commercio**, Manaus 23 dez. 1905, n.626, p.2. e Manaos Sport. **Jornal do Commercio**, Manaus 19 fev. 1905, n.362, p.1.

¹⁶³ Os bichos do jogo e a policia. **Jornal do Commercio**, Manaus 30 set. 1905, n.554, p.2.

informações dos páreos - o número e nome do páreo, voltas, distância e prêmio. Depois, eram colocados os números dos ciclistas e seus nomes. Após os juízes e suas funções.

Previno aos Srs. cyclists que, de hoje em diante só terão entrada no Velodromo, nos dias de corridas, o que apresentarem aos porteiros ingressos especiaes que lhes serão fornecidos pela Directoria, na véspera de cada corrida¹⁶⁴.

A apresentação dos “ingressos especiaes” para a entrada no Velódromo Amazonense foi a primeira mudança instaurada por Raymundo B. Britto Pereira. Ele era o dono do Prato Chines¹⁶⁵. Essa loja “vendia louças, vidrarias, candieiros, moveisera” e até “filtros “antesepticos” que tinha a vantagem de gelar a água na medida em que era filtrada”¹⁶⁶. Raymundo B. Britto Pereira era mais um comerciante que havia se aventurado na organização dos esportes em Manaus. Seu envolvimento com o velódromo não se deu apenas na direção geral, pois também foi o secretário da Manáos Sport no ano de 1905.

As corridas sob a direção de Raymundo B. Britto Pereira também aconteciam nas tardes de domingo e contavam com 6 ou 7 páreos. Esses páreos envolviam diferentes tipos de disputa, o *handicap*, o desafio, o *match*, o *match à trois*, e a corrida parada. Para agrupar os diferentes ciclistas que iriam disputar um páreo passou a se adotar a separação em turmas. Nelas os ciclistas passaram a serem distribuídos em diferentes turmas que tinham o objetivo de separá-los pelo “equilíbrio das forças”, ou seja, agrupar aqueles ciclistas que tinham um número de vitórias e derrotas parecidas.

Os ciclistas que tinham um desenvolvimento parecido, medido pelo seu progresso nas corridas, eram agrupados em quatro tipos de turmas diferentes. Essas turmas eram a 1ª, 2ª, 3ª e 4ª que norteavam a montagem de cada páreo. Com isso, era esperado que a “organização dos pareos dá-lhes a incertesa sobre a victoria”, o que se constituía para alguns adeptos do ciclismo “o verdadeiro entusiasmo em uma porfia”¹⁶⁷. Para disputar uma corrida, os ciclistas precisavam se inscrever no Prato Chines, casa comercial ligada ao Raymundo e não mais no escritório da Manáos Sport.

Os preços dos ingressos passaram a ser publicados em seu programa. Eles variavam entre os diferentes tipos de lugares disponíveis no velódromo e o público. Havia lugares mais caros que outros, como será mostrado adiante, e diferenciação do preço

¹⁶⁴ Velodromo Amazonense. **Jornal do Commercio**, Manaus 25 maio. de 1906, n. 684, p.2.

¹⁶⁵ **Jornal do Commercio**, Manaus 8 fevereiro de 1905, n.352, p.2

¹⁶⁶ Prato Chines. **Jornal do Commercio**, Manaus 26 agosto 1906, n.777, p.3; e **Jornal do Commercio**, Manaus 30 março de 1905, n.392, p.2.

¹⁶⁷ Sport. **Jornal do Commercio**, Manaus 22 abr. 1906, n. 651, p.2.

dependendo da faixa etária e sexo do público. Isso era um indicativo da distinção que se deseja entre os diferentes grupos de Manaus, que passava a ficar mais nítido, pelo menos no velódromo.

As corridas na gestão do diretor geral Raymundo B. Britto Pereira eram publicadas nos jornais, tendo longas crônicas sobre o programa e o resultado. Nos seus programas havia um novo padrão na estrutura do anúncio, onde se procurava destacar as “grandes atrações”. No final, geralmente, haviam pedidos da direção que procuravam “instruir” o comportamento do público e artigos do provável código das corridas, que buscavam orientar os ciclistas sobre algumas condições.

O programa das corridas organizado nessa direção tinha a seguinte estrutura. Logo no início havia o nome do velódromo e de uma das empresas que o gerenciava, “Velódromo Amazonense” e “Manáos Sport”. Eles eram seguidos pela data, horário e número da corrida. O nome da outra empresa que gerenciava o velódromo aparecia em seguida, Maranhão & Companhia. Na sequência era informado sobre o grupo, lugar, pessoa ou data que era homenageada na corrida. Uma das estratégias para atrair o público feminino eram os sorteios de brinde que ganhavam notoriedade pelo destaque que era dado ao seu anúncio. Em seguida, eram destacadas as “grandes atrações” da corrida. Nessa administração o número de juízes aumentou de 11 para 20. Eram anunciadas a função e o nome do juiz que iria realiza-la: 4 juízes de arquibancada; 1 juiz de partida; 2 juízes de chegada; 5 juízes “chronometers”; 1 juiz médico; 1 juiz telegraphista; e 6 juízes de pista. Além do diretor de corridas e do diretor geral.

Os páreos eram anunciados da seguinte maneira: nome do páreo; distância a ser percorrida, número de voltas que seriam efetuadas; o valor ou o objeto que seria entregue como premiação, neste caso havia prêmio para o 1º e 2º colocado; o horário da partida do páreo; e os nomes dos ciclistas que disputariam o páreo. Sobre os páreos existiam diferentes tipos de disputa que passaram a ser evidenciados. Posteriormente, era publicado um o pedido da diretoria ou instruções sobre a organização das disputas. Um desses pedidos que mais chamou a atenção foi a “campanha” para não vaiar os ciclistas que “distanciados, perdiam as corridas”.

Além do pedido foram anexados ao programa dois dos 24 artigos¹⁶⁸ que regulamentavam as corridas. O primeiro artigo tratava do início da corrida, onde após ser dado o sinal de partida nada mais determinaria sua invalidade. O segundo explicava os critérios de desempate. Essas situações, provavelmente, aconteceram em outras ocasiões, pois

¹⁶⁸ O acesso ao código de corrida ficou restrito ao que era divulgado nos programas.

essas mudanças (acréscimo de regra) eram observadas apenas quando havia algum tipo de necessidade. Ao final do programa eram apresentados os preços para assistir as corridas no velódromo. Sobre os preços, foram divididos em cinco categorias. Algumas eram referentes ao espaço que seria comprado e outros aos espectadores. Os preços eram assim: arquibancada custava 3\$000; geral - 2\$000; carro de luxo - 5\$000; cavalheiro - 5\$000; e famílias e crianças - entrada grátis. Famílias nesse caso podem ser interpretadas como mulheres. Para se ter noção do que representavam esses preços, um trabalhador ganhava em média na cidade de Manaus cerca de 6\$000 diários, em um lugar onde se dizia que os preços dos gêneros de primeira necessidade custavam os “olhos da cara” ¹⁶⁹. Em 1907, na última corrida da direção de Raymundo B. Britto Pereira, o preço das arquibancadas sofre um aumento, ele passa a custar 4\$000. Além disso, foi criada uma nova categoria chamada de “Popular” que custava 1\$000. Sua entrada era restrita a rua Duque de Caxias. A entrada de populares por essa rua era estratégica, pois ela dava acesso aos bairros, onde a população estava, de certo modo, “invisível” ¹⁷⁰.

Uma mudança aplicada sob a direção geral de Raymundo B. Britto Pereira era a divulgação de apostas, que também passaram a fazer parte dos programas. As apostas pareciam pela intervenção do acaso ser um meio de reverter os papéis e de reafirmar a crença geral na redistribuição das fortunas pela fortuna ¹⁷¹.

Além de todas as mudanças ocorridas no programa, a partir da corrida do dia 29 de julho de 1906, passou a ser utilizado um meio para comprovar as chegadas dos ciclistas que não se baseavam apenas no olhar do humano. Era a “chapa photographica” que vinha auxiliar na conferência do vencedor. Na primeira corrida que teve seu uso foi que “houve um desacordo entre o jury e os espectadores, desacordo terminado pela exibição da chapa photographica tirada á chegada dos dois cyclists á méta.” Com o uso desse recurso, foi possível sancionar uma vitória verificada pela diferença de “um pneumático” ¹⁷².

Diferente dos outros diretores gerais que eram membros da elite amazonense, Francisco d’ Assis de Souza Guimarães pertencia a outro grupo de Manaus. Ele fazia parte da

¹⁶⁹ DIAS, E. M.. **A ilusão do Fausto** - Manaus 1890 – 1920. Manaus Editora Valer, 1999, p.131.

¹⁷⁰ SCHWEICKARDT, J. C. **Ciência, nação e região**: as doenças tropicais e o saneamento no estado do Amazonas (1890-1930). Manaus: Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz, 2009.

¹⁷¹ ROCHE, D. **O povo de Paris**. Ensaio sobre a cultura popular no século XVIII. Tradução Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2004.

¹⁷² Sport. **Jornal do Commercio**, Manaus 30 jul. 1906, n.750, p.2.

classe caixeiral¹⁷³. Ele era um dos componentes da Associação dos Empregados no Commercio do Amazonas (AECA), mais especificamente, era o seu primeiro secretário.

Fundada em novembro de 1906 a Associação dos Empregados no Commercio tinha como objetivo defender os interesses dos caixeiros frente ao patronato. Todavia, essa articulação de defesa dos interesses da classe caixeiral tinha uma maneira de operar, onde se evitava o embate. Segundo Moura:

os caixeiros eram uma categoria de trabalhadores que primavam pela ascensão social. Por isso, o doutrinamento e o sonho de chegar ao patronato eram características inerentes à profissão. Sendo assim, optavam pelo diálogo e cooptação com os poderes constituídos e o patronato. A cooptação e o diálogo eram as estratégias utilizadas para ganhar a confiança do patrão e com o tempo poderiam chegar ao cargo de comerciante. Por isso, evitavam os embates diretos e adotavam uma postura política neutra nos confrontos políticos que fervilhavam em Manaus no início do século¹⁷⁴.

Essa vontade de ascender socialmente demandava uma participação dos caixeiros em atividades que iam além do trabalho, tais como, as corridas de bicicleta no velódromo, onde alguns caixeiros atuavam como juízes¹⁷⁵. Nesse lugar, os caixeiros demonstravam estarem ligados aos divertimentos que eram aceitos e incentivados por parte da elite e assim consolidavam mais a sua relação com o patronato.

Sob a direção geral de Francisco d' Assis Souza Guimarães houve modificações na forma de anunciar o programa, nos termos utilizados na descrição das corridas, nas atrações e nos preços dos ingressos, procurando trazer para o velódromo, principalmente, a classe caixeiral. No programa houve uma mudança no seu padrão, sendo incluídos novos elementos, como, por exemplo, a frase “festa familiar” (a partir do segundo programa) que passaria a ideia de que nesse lugar a festa não se restringia apenas aos homens, mas as mulheres e crianças também. Tanto que, além do sorteio dos brindes às senhoras e senhoritas, o velódromo passava a oferecer brinquedos às crianças que mais tarde foram trocados pelos bombons. Nas pistas era levado a cabo o confronto entre Stoessel e Alcebiades que representavam Manaus e Belém. Nas disputas eram incluídas noções de internacionalização, ou seja, do confronto entre países e criadas corridas com tons mais irreverentes. Para realizar as inscrições ou resolver algum problema o local não seria mais o “Prato Chinês”, mas o prédio da AECA.

¹⁷³ De acordo com Kleber Barbosa de Moura os caixeiros eram trabalhadores do comércio que atuavam nas diversas áreas, como balconistas, escriturários, administrativos, guarda-livros e estoquistas. MOURA, K. B. **Caixeiros: organização e vivências em Manaus (1906 – 1929)**, p.18.

¹⁷⁴ Idem, p. 54.

¹⁷⁵ Esse é o caso de Raymundo Tribuzy que também foi membro da AECA.

O programa das corridas continuava levando o título de “Velodromo Amazonense” e como subtítulo o nome da empresa, “Manaos Sport”. O que mudou da direção passada para essa foi a retirada do nome da empresa “Maranhão e C^a”, que não era mais utilizado. Logo em seguida, aos nomes das empresas, era anunciada alguma atração das corridas como: “Deslumbrantes corridas de bycicletas nas quaes tomarão parte os *Sprinters* nacionais e estrangeiros, actualmente em Manaos.” Depois, eram apresentados as informações como a numeração da corrida, o nome do diretor, o dia de realização, e o horário. Outros destaques da corrida são apresentados, eles aparecem com mais veemência, escrito em caixa alta, com fonte grande, quase no meio do anúncio. Em seguida, são destacados os sorteios de brindes para as mulheres e as crianças¹⁷⁶. Logo após eram anunciados os páreos. As turmas dos páreos mudaram de denominação, de 1^a, 2^a, 3^a e 4^a turmas que para “Seniors 1^a” e “Juniors 1^a”, “Seniors” e “Juniors”. Essa denominação não seria permanente. Quanto aos tipos de disputas colocados nos páreos, se mantiveram as formas adotadas na direção anterior. No programa as homenagens dadas pelo nome no páreo ou a dedicação da corrida, passaram a abranger uma nova classe, ou seja, os caixeiros ganhavam espaço em homenagens nos páreos e nas corridas. No quinto páreo da primeira corrida, por exemplo, o nome dado ao mesmo, era “Pheniz Caixeiral” que homenageava a classe.

Os juízes e júri também tiveram alteração em seu quadro. Houve mudança nas denominações de algumas funções, o acréscimo de funções e o aumento de seu número de envolvidos. Trinta e quatro pessoas passam a compor esse quadro. O jury passara a ter um presidente, vice-presidente e secretário. Os juízes começaram a serem compostos pelas funções de juiz de chegada, delegado junto aos ciclistas, diretores de arquibancada, *starter*, médicos, farmacêutico, chronographistas, fiscais de pista, diretor de corridas e o diretor geral¹⁷⁷.

Ao final do anúncio os artigos e avisos continuaram sendo publicados. Dos preços e lugares, apenas a arquibancada teve alteração. De 4\$000 ela passou para 3\$000¹⁷⁸. Os programas eram anunciados nas páginas comerciais do *Jornal Commercio do Amazonas*. Página essa que trazia informações de editais, avisos, protestos, anúncios de comércios, e de atividades culturais. Isso denotava a sua intenção de comercialização e visibilidade.

¹⁷⁶ Velodromo Amazonense. **Jornal do Commercio**, Manaus 25 jan. 1907, n.927, p.3.

¹⁷⁷ Velodromo Amazonense. **Jornal do Commercio**, Manaus 25 jan. 1907, n.927, p.3.

¹⁷⁸ Sport. **Jornal do Commercio**, Manaus 25 jan. 1907, n. 927, p.2.

3.2 As corridas de bicicletas e as estratégias de atração do público

Vamos ao Velodromo, ao “Manãos Sport”, roletar um bocado ao ar livre, triboflar outro bocado, que lá estaremos socegados.

Aquella atmospherá *selecta* em casa com estatutos e licença, não serve: - a polícia dá n’ellas.

O *chic* é roletar em publico e raso como gente desconhecida, em sociedade cosmopolita, de todas as classes, todas as idades, todas as côres, rico, pobre, honrado ou não¹⁷⁹.

Os primeiros anos de funcionamento do Velódromo Amazonense foram marcados por tribofes e por acidentes que resultavam no afastamento do público. De acordo com Melo, “tribofes eram as falcatuas, as confusões, as polêmicas, as brigas das mais diferentes que comumente aconteciam nos eventos de turfe”¹⁸⁰. Em Manaus esse termo era utilizado tanto no ciclismo, quanto no turfe e designavam a combinação de resultado que levava a confusões e polêmicas. Os acidentes na pista do velódromo ocorriam frequentemente na sua curva, pois se dizia que era muito ampla e não permitia a inclinação das bicicletas¹⁸¹.

Os tribofes eram comentados pela imprensa que apontava as disputas onde ele havia acontecido, levando, muitas vezes, os corredores a se defender, escrevendo cartas aos jornais. Como no caso de um corredor chamado Patagonia, que recorreu ao *Jornal do Commercio* para se defender de acusações de tal ato. Patagonia dizia que os jornais o “*Amazonas*” e o “*Ideal*” em sua “secção sportiva” haviam o acusado de ter atrapalhado seu concorrente, batendo sua bicicleta na dele, resultando a queda dos dois. Ele explicava que não era verdade e que quem havia jogado a bicicleta em cima da sua foi o outro ciclista, que o vendo na frente quis atrapalha-lo, para que um terceiro corredor ganhasse¹⁸².

Os acidentes na pista do velódromo também pareciam ser constantes, como explica o cronista do *Jornal do Commercio*:

Ainda está bem viva na lembrança de todos o formidável tombo de que foi victima Mattosinhos, tombo que lhe valeu quase um mez de cama.

Cyclo tambem passou doente mais de um mez por via de uma queda nas curvas, a qual, alem de lhe magoar seriamente um braço, ainda lhe arrebtou a bicycleta.

Do tombo que no penúltimo domingo apanhou, Patagonia que, com o cahir perdeu os sentidos, sahiu horrorosamente ferido, sendo obrigado a reconhecer-se ao hospital da Beneficente Portuguesa, de onde, há poucos dias, sahiu. E Liberal, Ubirajara, Espalhado, Hamburgo, todos cyclistas, em fim, excepto Stoessel que, por muito feliz tem escapado¹⁸³?

¹⁷⁹ Os bichos do jogo e a policia. **Jornal do Commercio**, Manaus 30 set. 1905, n.554, p.2.

¹⁸⁰ MELO, V. A. **Dicionário do esporte no Brasil**: do século XIX ao início do século XX. Editora Autores Associados, 2007.

¹⁸¹ Sport. **Jornal do Commercio**, Manaus 15 maio. 1906, n.674, p.2.

¹⁸² Notas Sportivas. **Jornal do Commercio**, Manaus 19 out. 1905, n.570, p.3.

¹⁸³ Velodromo. **Correio do Norte**, Manaus 20 mar. 1906, n.50, p.1.

Esses acidentes pareciam comprometer os resultados que eram esperados nas corridas, ou seja, a disputa acirrada e as apostas. Nesse sentido, a diretoria precisava buscar novas estratégias para evitar os tribofes e atrair o público. Algumas dessas estratégias serão apresentadas abaixo. Elas, basicamente, eram a inclusão de novos tipos de disputa e o acréscimo de novas atrações aos programas.

3.3 Corridas de sensação: as variações das disputas

No primeiro ano de funcionamento do velódromo, sob a direção geral de José Albuquerque Maranhão as disputas que eram realizadas nos páreos pareciam se basear em corridas onde os ciclistas largavam alinhados, sendo vencedor o que primeiro cruzasse a linha de chegada. Já nos anos seguintes, principalmente, na gestão de Raymundo B Britto Pereira, outras variações das disputas passaram a ser empregadas. Eram o *handicap*, o *match*, o *match à trois*, o desafio e a “partida parada” que traziam diferentes sensações para as corridas de bicicletas, organizadas no Velódromo Amazonense.

O *handicap* era uma disputa onde havia o *scratch* e o *limitman*. O primeiro era o corredor que cedia aos outros uma determinada distância de vantagem. O segundo era aquele que recebia a distância de vantagem. A disputa foi encontrada pela primeira vez em uma corrida de março 1906, onde ela seria realizada em um páreo que teria corredores a pé (o *limitman*) e de bicicleta (o *scratch*). Essa disputa foi considerada na época como “desastrada e inepta”, devido à desproporção na forma por que foi realizada, pois a vantagem de um lado era tão grande que era possível adivinhar, antecipadamente, o resultado da corrida¹⁸⁴.

Outro tipo de variação das disputas era o *match*, que era o confronto entre os ciclistas partindo da mesma distância, ou seja, era uma maneira diferente de nomear as disputas onde os ciclistas largavam alinhados, sendo vencedor o que primeiro cruzasse a linha de chegada. O *match* ainda ganhava uma nova variação, quando era disputado por três ciclistas. Nessa ocasião ele passava a ser chamado de *match à trois*. O *match* ainda podia ser disputado em duas *manches*, ou seja, uma disputa realizada em dois páreos.

O desafio era outra forma de disputa que se materializava no velódromo. Ele acontecia quando um ou mais ciclistas desafiavam outros a correr determinada distância.

¹⁸⁴ Velódromo. *Correio do Norte*, Manaus 27 mar. 1906, n.56, p.1.

Como na 24ª corrida de 1906, onde houve um “desafio de honra da equipe Hamburgo-Stoessel a Liberal, em 10 voltas [...]”¹⁸⁵.

A tentativa de bater um recorde também se estabelecia em algumas ocasiões, como uma variação da disputa. Nesse caso, a disputa era realizada em “partida parada” que se concebia em tentar superar sozinho (daí a ideia de parada) um limite de tempo estabelecido por outro ciclista em uma determinada distância.

A partir da direção de Raymundo B. Brito Pereira o velódromo incorporou a sua programação algumas atrações. Uma delas, que parecia causar mais interesse no velódromo, era o uso da motocicleta, mais um símbolo de ostentação da elite manauara. As bicicletas naquela época já eram tidas como possibilidade de poucos, o que se restringe mais, quando se pensa na motocicleta. De acordo com Gambeta, as bicicletas custavam muito caro, mesmo na Europa, para se ter um exemplo, em Paris a mais barata custava, em média, o equivalente a 1655 horas de trabalho de operário francês, em 1893. No Brasil esse valor era agravado por uma alta taxa da alfândega e os custos de importação, só mesmo os mais ricos conseguiam compra-las¹⁸⁶.

A motocicleta era uma novidade tecnológica que parecia trazer para o velódromo novas sensações, pois ela era utilizada para puxar os ciclistas, os fazendo alcançar maior velocidade. O seu uso fez surgir nas corridas uma figura tida como *entraineur*¹⁸⁷. De acordo com Melo essa palavra é de origem inglesa e designava os treinadores¹⁸⁸. No Velódromo Amazonense ela servia para designar os motociclistas que puxavam os ciclistas pela pista, soltando-os em determinado momento, como será ilustrado abaixo.

¹⁸⁵ Velodromo Amazonense. **Jornal do Commercio**, Manaus 3 ago. 1906, n.754, p.3.

¹⁸⁶ GAMBETA, W. R. **A bola rolou: o velódromo Paulista e os espetáculos de futebol (1895- 1916)**, Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, 2013.

¹⁸⁷ Os *entraineurs* nas corridas de bicicleta em Manaus também eram conhecidos como treinadores, eram os sujeitos que iriam treinar os ciclistas. Isso pode denotar um desconhecimento dos termos pelos cronistas, ou as modificações na grafia que a palavra foi sofrendo até adquirir a forma atual, treinador.

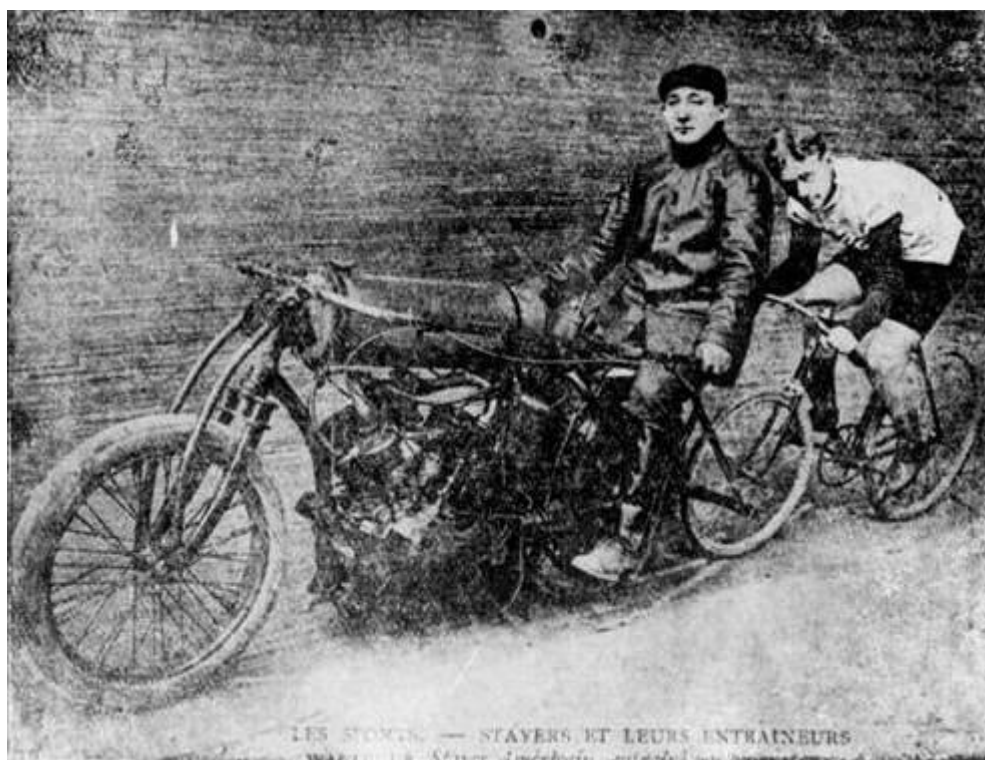
¹⁸⁸ DE MELO, Victor Andrade. **Dicionário do esporte no Brasil: do século XIX ao início do século XX**. Editora Autores Associados, 2007.

FIGURA 4 - Walthor e Lawson.



Fonte: **Correio Sportivo**, Manaus 23 abr. 1916, n.5, p.1.

FIGURA 5 - Offmann e Walthour.



Fonte: **Correio Sportivo**, Manaus 23 abr. 1916, n.5, p.1.

A primeira imagem era do ciclista americano Walthour e do seu *entraineur* Lawson e a segunda do *entraineur* Offmann e de Walthour. Ambas as imagens servem como um bom exemplo de como as motocicletas eram utilizadas nas corridas de bicicletas. O motociclista se posicionava a frente do ciclista, que por sua vez, tinha sua roda dianteira presa a motocicleta. Em seguida, o ciclista era puxado até um determinado percurso, onde ele era solto e terminava o percurso sozinho.

Em Manaus a motocicleta passou a fazer parte das corridas em 1906. Geralmente, ela era destacada nos programas e na descrição dos páreos. No programa era dedicado um espaço para comentar a participação do *entraineur* e a sua motocicleta.

O primeiro registro das corridas com a participação da motocicleta foi encontrado em uma crônica que descrevia o resultado da corrida do dia 15 de abril de 1906. Nesta, a motocicleta foi usada como *entraineur* dos ciclistas que estavam disputando o recorde dos 10.000 metros¹⁸⁹. Algo que não foi observado em outros lugares do Brasil¹⁹⁰.

A motocicleta era do seu *entraineur*, assim como a bicicleta pertencia ao seu ciclista. Foi Francisco Velosso a primeira pessoa a levar para o velódromo sua motocicleta, “Minerva”¹⁹¹. Sua participação parece não ter tido sucesso. Ele foi apresentado como uma das atrações da 10ª corrida que foi descrita pelo cronista com “desconforto invencível”, por causa do “desalento provocado pela estupefação” que ele diz ter causado o “mau” desempenho do programa. Esse “mau” desempenho foi justificado por vários fatores, estando dentre eles um problema ligado a motocicleta, seu pneumático furou, ficando impossibilitado a participação do *entraineur*¹⁹². Embora a motocicleta tenha apresentado problemas, ela continuou a figurar no velódromo.

Pouco tempo depois, a motocicleta apareceria em dose dupla no velódromo, ou seja, duas motocicletas passaram a compor o programa das corridas. Inclusive, seria dedicado um páreo com uma disputa entre as duas. A corrida seria no modelo *handicap*, onde um motociclista iria correr 30 voltas e o outro, 22 voltas. No programa era justificado essas distâncias pelas desigualdades nas forças das motocicletas. Além da corrida entre as motocicletas, elas seriam utilizadas como *entraineur* nos páreos de bicicleta. Porém, as motocicletas não galgaram sucesso novamente. Segundo o cronista, não seria dado o resultado

¹⁸⁹ Essa corrida será detalhada no tópico: Stoessel: campeão amazonense.

¹⁹⁰ Estudos sobre ciclismo no Brasil, ver: MORAES, Ronaldo. **O início da prática do ciclismo em Porto Alegre e sua relação com o jornalismo**, 2012. SCHETINO, A. M. **Pedalandando na modernidade: a bicicleta e o ciclismo na transição do século XIX para o XX**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008.

¹⁹¹ Velodromo Amazonense. **Jornal do Commercio**, Manaus 22 abr. 1906, n. 651, p.3.

¹⁹² Sport. **Jornal do Commercio**, Manaus 23 abr. 1906, n.652, p.2.

dessa corrida que não havia agrado, por se ter desconcertado uma das motocicletas¹⁹³. Novamente, por problemas no funcionamento das motocicletas, a sua utilização não pôde se concretizar, causando desagrado.

Quando os problemas mecânicos cessavam, permitindo a sua utilização uma polêmica surgiu. As disputas, onde apenas um ciclista era puxado pela motocicleta começou a ser visto com desconfiança. Quanto a isso, o cronista Jupiter do *Correio do Norte*, argumentava: “É incontestavel o desequilibrio que causa nas corridas este antipathico instrumento. O cyclistta que, correndo, tem a felicidade de colar a motocicleta adquire uma dupla força, auxilio artificial que só um aproveita dando vantagens de um folgado handicap.” Entretanto, o cronista propõe uma solução, que buscaria a equidade nesse tipo de disputa. Ele dizia que deveria “haver uma motocycleta para cada corredor que disputar um pareo”¹⁹⁴. Essa ideia foi levada adiante e realizada no dia 8 de julho de 1906.

Porém, o uso da motocicleta causava divergências. Dentre os não adeptos ao uso da motocicleta no Velódromo Amazonense estava Victor Breyer que publicou um artigo no *Jornal do Commercio*, transcrevendo um ocorrido em Paris.

Agora que entre nós está tomando um certo incremento os jogos de sportivos, é de toda a conveniencia que os nossos ciclistas conheçam o artigo que em seguida transcrevemos para nossas columnas. Esse artigo foi publicado pela importante revista parienne – “La Vie em Grand Air” - que só se occupa desses assumptos sportivos e tem como titulo – “O Treinamento mortífero” - O terrível accidente em que Právot perdeu a vida e a recente reabertura do Velodromo Buflalo, em que se vae, parece-nos, dar novamente asilo aos terríveis engenhos, chamou a atenção sobre o treinamento feito nos velódromos pelas poderosas motocyclettas. Attenção pouco benévola, aliás, convem dizer, si pensar-se na listta atroz dos delictos cuja culpa recahe sobre as monstruosas machinas. Uma quinzena de mortos e outros tantos estropiados de um todo seleccionado grupo de jovens cheios de vigor e saúde. É o caso de se perguntar porque o publico que tanto praser demonstra pelos espectaculos sportivos não manifesta seu profundo degosto pela exhibição desse gênero em vez de ir assistil-as em massa.

Porque está hoje admittido por motocyclettas monstruosamente ant-desportivas é desprovida de todo o valor athetico. De facto o concurrente nella fica rebaixado ao papel de simples accessorio e seu valor próprio desaparece quase inteiramente em proveito do motor em cuja colla elle vae ser aspirado até o poste de chegada.

Si além da corrida de pura velocidade que constitue o mais seguro criterium da qualidade do campeão cyclistta se deseja outra cousa para abrir os nossos programmas e permittir que todas as aptidões se mostrem – o treinamento humano corresponde a isso perfeitamente. E tem sobre o outro a vantagem de possuir um valor athetico e desportivo incontestável. – Porque então desprezal-o? Será unicamente porque não comporta os riscos mortaes”¹⁹⁵?

¹⁹³ A festa do velódromo. **Correio do Norte**, Manaus 1 maio. 1906, n.85, p.1.

¹⁹⁴ Velodromo. **Correio do Norte**, Manaus 23 maio. 1906, n.104, p.1.

¹⁹⁵ Sport. **Jornal do Commercio**, Manaus 3 maio. 1906, n.663, p.2.

Victor Breyer apresenta aspectos interessantes do uso da motocicleta. Ao citar uma revista francesa, demonstra o quanto esse país influenciava a cidade de Manaus, pois o uso desse exemplo procurava convencer os espectadores e os ciclistas do perigo do uso da motocicleta. Na sua declaração, também era possível notar que, de fato, os esportes pareciam ter tomado proporções notáveis na cidade, pois ele inicia o artigo chamando a atenção do leitor para esse fato e no decorrer do texto aponta que a assistência aos espetáculos esportivos, mais especificamente o ciclismo, eram assistidos em massa. Algo que ele não entendia, pelo seu desprezo ao uso da motocicleta nesse espaço. Para Victor Breyer a motocicleta era responsável por uma quinzena de mortos e estropiamentos que aconteciam nos velódromos, além de tirar do ciclista o valor atlético.

Dois dias após a publicação do artigo de Victor Breyer, um cronista que utilizava as páginas do *Jornal do Commercio* para defender os esportes na cidade de Manaus, especialmente o ciclismo, se manifestara. Seu nome era Coriolano Durand, juiz que fazia a cronometragem de diversas corridas da Manáos Sport e que a partir de 1906 passou escrever as crônicas esportivas do *Jornal do Commercio*. Coriolano Durand era conhecido pelo pseudônimo de Petit Breton. Ele era tido como um “distinto e fêrvido sportman amazonense”, além de ser um “esforçado” propagandista do progresso físico dos manauaras¹⁹⁶.

FIGURA 6 - Coriolano Durand.



Fonte: **Correio Sportivo**, Manaus 10 abr. 1910, n.2, p.1.

¹⁹⁶ **Correio Sportivo**, Manaus 10 de abr. 1910, n.2, p.1.

Coriolano Durand escreveu uma longa crônica contra argumentando os pontos levantados por Victor Breyer, onde ele considerou pouco racional as razões expostas para condenar o uso da motocicleta. Para Coriolano Durand,

os estropiamentos e mortes causados por estas poderosas machinas não são razões para que sejam ellas excluídas dos velódromos, sob pena de ficar o sr. Breyer intimado por força da coherencia a reprovar, como mortífero, o uso dos carros, automóveis e das locomotivas a vapor, que maiores registros de mortes e estropiamentos não existem no universo do que o de catastrophes verificadas por encontros e descarrilamentos de trens de ferro.

O mérito do homem que calvaga uma motocycleta está precisamente em o fazer de modo a que evite os desastres que, somente por imperícia, tanto susto estão levando no coração do sr. Breyer.

Não acreditamos que a morte lamentável de Henri Prévot – o celebre pedestrianista, figure no artigo que refutados, como facto que demonstre a necessidade de supressão dos entrainement por motocycleta, sinão sim como protesto para ser feita a reclamação contra o uso da poderosa machina; e isto pelo simples motivo de não haver Prévot sido morto montando uma motocycleta; mas por tel-o apanhado uma destas machinas por occasião de fazer o seu entrainement pedestre.

Poder-se-á allegar que as locomotivas, apezar das desgraças que promovem prestam importantes serviços ao commercio – o que já è bastante para se supportar o seu uso. (...) Discordamos da falta de valor athetico nas corridas puxadas por motocycleta. É verdade que o cyclista que lhe vae collado é como que arrastado; mas nem por isso elle deixa de ter os membros em movimento. Desde que o cyclista cesse de pedalar a motocycleta, ainda que traga cortavento e seja muito poderosa, não conseguirá delocal-o. A motocycleta é um simples auxiliar que, sob o ponto de vista em que estão os espectadores, maior interesse desperta pela vertigem da velocidade que pode adquirir.

(...) Si nestas disputas sportivas o cyclista perdesse o valor que lhe é próprio, em egualdade de circumstancias a victoria seria nulla pelo empate dos corredores.

Effectivamente assim não succede; porque em récord com a mesma motocycleta e a mesma bicycleta, em condições eguaes de hora etc, finalmente em egualdade de todas as circumstancias anteriores aos cyclistas, os tempos não são eguaes.

Com isto não queremos dizer em uma fucção sportiva sejam abolidas as corridas sem motocycleta, por menos interesse causarem: mas simplesmente que esta machina não seja abolida dos velódromos, porque, si não tem o total do valor athetico, tem pelo menos uma parcella que não deve ser desprezada¹⁹⁷.

Embora, a motocicleta tenha sofrido certa desconfiança, ela continuaria sendo utilizada no velódromo, pois o que de fato importava, eram as sensações que tal objeto parecia trazer aos adeptos das corridas.

3.5 A tandem

Outra atração que era utilizada nas pistas do Velódromo Amazonense era a tandem. Esse veículo que é definido pelo dicionário Aurélio como “velocípede com dois selins e outros tantos pares de pedais para ser montado e movido por duas pessoas”, parecia

¹⁹⁷ Sport. **Jornal do Commercio**, Manaus 5 maio. 1906, n.664, p.2.

despertar a atenção dos espectadores por envolver a participação de dois ciclistas no seu manejo¹⁹⁸.

Anunciada algumas vezes nos destaques, o *tandem* era utilizado em corridas com a motocicleta ou com outras bicicletas, chamadas de “corrida mixta”. Sua participação, assim como a da motocicleta, às vezes, era tida com muita frustração, pois a *tandem* também sofria com os problemas mecânicos apresentados durante as corridas. Isso fazia os cronistas terem que anunciá-las, explicando que aos espectadores que seu uso não seria frustrado.

Segundo informações que nos ministram, o tandem, em que, com Hamburgo, elle vae disputar o Liberal o ultimo pareo do programma de hoje, está em boas condições, pois passou por taes transformações, como adaptação de rodas de pista, substituições de esferas, etc, que o podem tornar capaz de auxiliar os esforços nos dous corredores¹⁹⁹.

A primeira referência do uso desse veículo foi em um anúncio de uma corrida de junho de 1906, onde era informado que o ciclista “Liberal” iria disputar em seis voltas (2.000 metros) um objeto de arte com os ciclistas Hamburgo e Espalhado em *tandem*²⁰⁰.

Mais tarde, em julho do mesmo ano, outro anúncio do *tandem* iria surgir. A ideia era a mesma da corrida anterior, um ciclista contra dois em *tandem*. Essa disputa foi anunciada nos destaques da corrida no sétimo páreo, onde os ciclistas disputariam 150\$000 em seis voltas, novamente²⁰¹. Essa disputa rendeu uma explicação de como Stoessel e Hamburgo deveriam conduzir o *tandem* para ganhar o páreo. Nessa explicação era dito que “para um tandem offerecer garantias de triumpho é preciso que machina e corredores formem um todo homogêneo”, ou seja, que os ciclistas tenham um plano “organizado” de corrida e que saibam “praticar com precisão e harmonia.” Para conseguir essa harmonia, diziam que era necessário longos treinamentos, onde os imprevistos poderiam ser extinguidos com um plano bem “delineado”. Algo que não poderia acontecer na corrida com o *tandem* era o “desacordo entre os dois ciclistas”, pois isso traria “sérios prejuízos ao êxito da corrida.” De fato, correr em *tandem* com alguém implicaria harmonia, uma vez que o inverso poderia dificultar a locomoção do *tandem*. Todavia, o cronista não apostou a vitória no *tandem*, mas no seu adversário, visto a dificuldade em conseguir um “*tour de force*” sobre o *tandem*²⁰².

O resultado dessa corrida confirmou a aposta do cronista. Para ele a corrida do *tandem* foi além da expectativa, pois Liberal venceu “só por dous pneumáticos.” A sua

¹⁹⁸ Acessado: <https://dicionariodoaurelio.com/tandem>, dia 29.

¹⁹⁹ Sport. **Jornal do Commercio**, Manaus 29 jul. 1906, n.749, p.2.

²⁰⁰ Velodromo Amazonense. **Jornal do Commercio**, Manaus 8 jun. 1906, n.698, p.4.

²⁰¹ Velodromo Amazonense. **Jornal do Commercio**, Manaus 27 jul. de 1906, n.747, p.3.

²⁰² Sport. **Jornal do Commercio**, Manaus 29 jul. 1906, n.749, p.2.

frustração foi o desenvolvimento do *tandem* que deveria “fazer” dez metros, porém estava desenvolvendo apenas seis metros e oitenta centímetros. Isso foi justificado, visto que

Hamburgo pedalo com menos velocidade que Stoessel, de maneira que ella é prejudicada por aquelle, ficando, portanto, este cyclista sobrecarregado do desenvolvimento que tem que dar á machina e do esforço que deve empregar para neutralisar a resistência da menor oscillação das pernas de Hamburgo, que por isso mesmo se oppõe á rotação velos dos pedaes²⁰³.

Utilizando de conhecimentos específicos, o cronista tentava explicar o motivo da derrota de Stoessel e Hamburgo em *tandem* para Liberal. O fato dos dois ciclistas disputarem uma corrida juntos, parecia ser uma atração que despertava a atenção dos espectadores. Porém, não era suficiente para manter a frequência no Velódromo Amazonense.

3.6 Corrida a pé

Outra atração que se fez necessária no programa das corridas de bicicleta da Manáos Sport foram os páreos a pé. Elas começaram a ser projetadas em maio de 1906, a priori, em disputas com as bicicletas em *handicap*. A sua organização gerou críticas, pois os corredores em bicicletas ganharam a prova sem gerar nenhum tipo de dúvida, o que estava contra a ideia de “equilíbrio das forças”. Segundo o jornal *Correio do Norte*: “foi uma desastrada e inepta desproporção na forma por que foi feito este pareo, cuja vantagem de um lado era tão grande que garantia juízo antecipado sobre o resultado da corrida”²⁰⁴.

Todavia, não se deixou de realizar as corridas a pé. Apenas se alterou a organização pela qual ela seria executada, dessa vez em páreos com corredores a pé, somente. Quem disputava essas corridas no velódromo, também eram ciclistas, que se despiam da bicicleta para correr em uma disputa de “perna contra perna”. Para essas disputas haviam prêmios e poderia serem realizadas apostas (poule).

Em páreos dedicados exclusivamente as corridas a pé, a aceitação das mesmas parecia aumentar. “As corridas pedestres começam a despertar interesse, pois temos visto nos ultimos programmas um pareo a ellas dedicado.” Esse “interesse” chegou a fazer o cronista sugerir que os corredores tivessem “uma pessoa que disso entenda, se occupar a ministrar aos nossos corredores pedestres regras essenciaes referentes á hygiene, á educação dos movimentos e sobretudo á respiração.” Prevendo que em um ano se tivessem em Manaus

²⁰³ Sport. **Jornal do Commercio**, Manaus 30 jul. 1906, n.50, p.2.

²⁰⁴ Velódromo. **Correio do Norte**, Manaus 27 mar. 1906, n.56, p.1.

“excellentes corredores de fundo e de velocidade.” Realmente, ao menos na imprensa, as corridas a pé despertavam interesse, pois se iniciou uma série de dois artigos que explicavam como deveria ser o desenvolvimento de um corredor, e podia ser observado certa expectativa pelas corridas pedestres. “Esperaremos pelo resultado do pareo pedestre de hoje, afim de podermos, fazer umas tantas considerações sobre o pedestrianismo” ²⁰⁵. De fato, o pedestrianismo parecia estar causando empolgação, ao menos no cronista (Petit Betron) que resolveu ensinar em dois artigos “técnicas” sobre como correr.

Outra ideia utilizando a corrida a pé, começou a ser instaurada no Velódromo Amazonense. Era o páreo a pé para crianças nos intervalos dos páreos dos adultos. Não se sabe se essa ideia surgiu a partir do sucesso dos páreos a pé. Dentro dessa mesma perspectiva também passou a ser utilizada a corrida de velocípede entre crianças²⁰⁶. Além dessas atrações que incrementavam os programas, um ciclista foi consagrado “campeão amazonense”. Essa ideia também concorria para tornar atrativas as corridas.

3.7 Stoessel: o campeão amazonense

O *sportman* Deodoro de Alcântara Freire, conhecido “sportivamente” por Stoessel, era filho de Pedro Freire, um doutor muito envolvido com as festividades da cidade, Stoessel era um engenheiro civil formado na Bélgica, onde diziam ter cultivado o ciclismo. Em Manaus a ele era dado dois recordes²⁰⁷. Embora se tenha a noção que Stoessel cultivou o ciclismo na Bélgica, nas notícias das corridas é possível observar sua presença em um páreo infantil da corrida do dia 15 de novembro de 1898, o que pode significar que o cultivo ao ciclismo também aconteceu no Brasil.

Desde a direção geral de José Maranhão, o nome de Stoessel figurava entre os corredores do Velódromo Amazonense. Ali, Stoessel ganhava destaque em uma confusão envolvendo outro corredor, onde era acusado de ter combinado o resultado²⁰⁸. Tendo combinado ou não esse resultado, Stoessel aumentava sua notoriedade nos jornais. Essa notoriedade se fazia transparecer pela cidade: “nas vitrines que a acreditada Photographia Alemã tem em frente ao seu prédio acham-se os retratos dos cyclists Stoessel e Hamburgo, dois dos mais valentes corredores do Manáos Sport” ²⁰⁹.

²⁰⁵ Sport. **Jornal do Commercio**, Manaus 22 abr. 1906, n.651, p.2.

²⁰⁶ Velodromo Amazonense. **Jornal do Commercio**, Manaus 20 jul. 1906, n.740, p.3.

²⁰⁷ A margem do “JC” de ontem. **Jornal do Commercio**, Manaus 31 dez. 1995, n.36.835, p.4.

²⁰⁸ Notas Sportivas. **Jornal do Commercio**, Manaus 19 out. 1905, n.570, p.3.

²⁰⁹ Varias noticias. **Jornal do Commercio**, Manaus 26 out. 1905, n.576, p.1.

Embora houvesse uma expectativa em ver Stoessel correndo, essa ficaria mais latente após a concretização de dois recordes, o dos 500 metros e o dos 10.000 metros. O recorde dos 500 metros aconteceu no dia 25 de março de 1906 em uma corrida descrita como “magnífica”, onde havia a presença de muitas famílias que ocupavam quase todos os lugares da arquibancada. Nessa corrida havia um páreo, onde disputariam o menor tempo, três ciclistas, Hamburgo, Patagonia e Stoessel. O primeiro a correr foi Hamburgo que fez o percurso em 42 3/5. O segundo foi Patagonia, que causou uma polêmica. Patagonia fez seu percurso em 43’’, alegando aos juízes que havia batido com um pedal na curva da pista, sendo assim prejudicado, fazendo um tempo maior do que deveria. Os juízes autorizaram Patagonia a correr novamente, depois de Stoessel. Em seguida, correu Stoessel que por sua vez, concluiu o trajeto em 41 3/5. Patagonia correu novamente, fazendo o percurso em 45’’, dois segundos a mais que na primeira corrida²¹⁰. O recorde de Stoessel parece o ter feito “de novo o senhor absoluto da pista”, fazendo com que se criassem dentro dos programas, páreos que tinham como objetivo a superação desse tempo. Sendo eles, inclusive, os destaques das corridas.

A outra corrida em que Stoessel batera o recorde dos 10.000 metros aconteceu no dia 15 de abril de 1906. Seu resultado foi descrito por Dangla, que não poupou elogios a essa corrida. Dizia ele, que com “elevadíssimo número de espectadores” o programa tinha como 2º páreo uma partida parada que consistia no ataque ao recorde dos 500 metros e no 7º páreo o recorde dos 10.000 metros. No primeiro, correram dois ciclistas que não conseguiram bater o recorde de Stoessel. Ao final desse páreo, Dangla concluía que: “por enquanto nenhum dos excellentes corredores da primeira turma está apto a bater este Record, porém não desgostáramos se algum desses cyclists nos fosse capaz de nos desmentir.” Conclusão essa que seria consumada no 7º páreo, tido como “a mais bela corrida do ano de 1906” que foi assim descrita:

A anciedade da multidão que enchia o velodromo era imensa, devido ao valor dos corredores e a importância do pareo: determinar o “Record dos 10 kilometros” entre os nossos cyclists.

Na hora exacta do programma e em meio de um silencio religioso partiram “Stoessel”, “Espalhado” e “Patagonia” habilmente puxados pelo motocyclista Velosso.

Ao principio ia na *colla* “Espalhado”, que depois teve que cedel-a a “Stoessel”, da 11ª volta, abandonando a corrida. “Patagonia” alcançou a meta de chegada com duas voltas e meia de diferença de Stoessel. Apesar disso nada justifica a vaia que alguns espectadores quizeram dar-lhe.

A brilhante victoria de “Stoessel” deu lugar **a extraordinária ovação do publico a esse valente corredor.**

²¹⁰ Velódromo. **Correio do Norte**, Manaus 3 abr. 1906, n.62, p.2.

[...] Logo em seguida a essa brilhante victoria Stoessel **foi conduzido triumphalmente a sua residência pelos seus admiradores** [grifos meus]²¹¹.

Por meio da utilização do recorde um campeão foi consagrado e se tornou motivo suficiente para reclamar a presença do público ao velódromo²¹². O “campeão amazonense”, como era insistentemente chamado, era uma figura comparada aos “melhores ciclistas do mundo”²¹³.

De acordo com Schetino “o ciclismo, assim como diversos outros esportes, cria a partir do espetáculo a figura do ídolo: o grande campeão, o atleta, responsável por grandes façanhas na modalidade”²¹⁴. E, em Manaus isso não foi diferente.

3.8 O grande clássico do ciclismo: Pará-Manaus

Uma das atrações de destaque dos programas realizados era o enfrentamento de Stoessel e Alcebiades²¹⁵ que representavam as suas cidades Manaus e Belém, respectivamente. Alcebiades chegou a Manaus no fim do ano de 1906 e logo em seguida disputara duas corridas com Stoessel, a primeira no dia 25 de dezembro, onde eles se enfrentaram no páreo “Campeões da Amazônia” e a outra no dia 30 do mesmo mês no *match* “Pará-Manaós”.

A disputa entre Stoessel e Alcebiades foi levada ao público como uma grande atração, estando vinculada nos destaques dos programas como “*A Belle do Match*”. No programa era apresentado que seria a decisão final dessa sensacional corrida entre Pará-Manaus. Para se ter uma ideia da importância dessa disputa, todos os demais páreos estavam sendo premiados de 20\$000 a 70\$000 ou medalhas e esse tinha o prêmio para o vencedor de 200\$000²¹⁶. Os dois iriam correr no terceiro páreo, três voltas ou 3.000 metros. Para a imprensa, esse páreo seria “a nota sensacional do dia”, onde um dos grandes campeões da Amazônia, Stoessel e Alcebiades, firmariam a “supremacia” de um sobre o outro²¹⁷. A disputa entre os dois foi colocada como a principal atração de várias corridas.

Dois dias depois da disputa, o *Jornal do Commercio* publica a crônica com o resultado. Foi explicado que “a belle do match entre Alcebiades e Stoessel foi o pareo

²¹¹ Sport. *Jornal do Commercio*, Manaus 17 abr. 1906, n.646, p.2.

²¹² Sport. *Jornal do Commercio*, Manaus 30 jul. 1906, n.750, p.2.

²¹³ Velodromo. *Correio do Norte*, Manaus 17 abr. 1906, n.00073, p.1.

²¹⁴ SCHETINO, A. M. *Pedalando na modernidade: a bicicleta e o ciclismo na transição do século XIX para o XX*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008. p.83.

²¹⁵ Era um ciclista paraense que viera competir no Velódromo Amazonense.

²¹⁶ Velodromo Amazonense. *Jornal do Commercio*, Manaus 25 jan. 1907, n. 927, p.3.

²¹⁷ Sport. *Jornal do Commercio*, Manaus 27 jan. 1907, n. 929, p.2.

principal.” Que os dois “arrojados campeões da Amazonia empataram depois de uma porfiadíssima luta.” Devido a isso, o regulamento do velódromo foi utilizado. Nesse caso os dois ciclistas deveriam correr mais uma volta de 333 metros como desempate. Sendo assim, na corrida de desempate o vencedor por “um quarto de toda” foi Alcebiades²¹⁸.

Stoessel e Alcebiades se enfrentariam novamente, porém dessa vez com um terceiro ciclista. Essa corrida era mencionada como o “requinte do bello na arte, os dois campeões do extremo Norte, Stoessel e Alcebiades, em lucta com o arrojado corredor Patagonia.” O páreo ficou chamado de “Luzo Brasileiro”, pois Patagonia era português²¹⁹. Eles iriam disputar 100\$000 em 1.000 metros. Dias após a sua execução, o jornal apresentaria o vencedor desse páreo: “Stoessel mais uma vez elevou bem alto o nome dos cyclistas amazonenses, dos quaes é o campeão acclamado e inconteste.” Ele “em brilhante e disputadíssima corrida bateu valentemente o campeão paraense, sendo por esse facto delirantemente victoriado pelo publico.” Nessa corrida Stoessel foi o primeiro colocado, Alcebiades o segundo e Patagonia o terceiro²²⁰.

Quando Alcebiades estava próximo de deixar Manaus, para retornar a sua cidade natal, Pará, os dois realizaram uma nova disputa. Dessa vez em 666, em dois páreos, ou seja, duas *manches*²²¹. Na imprensa era dito que Alcebiades queria “arrancar a palma da victoria” e que seria de “extraordinario valor se os campeões desenvolvessem a velocidade que são capazes”²²². Desta maneira, a corrida foi anunciada como “certamen de velocidade no qual os dous campeões nortistas patentearão suas forças, não desmentindo suas glorias reciprocamente obtidas”, era o “match sensacional entre Stoessel e Alcebiades” em duas voltas²²³.

Apesar de ter tido uma frequência nomeada de “bastante avultada” e “vivamente interessada nos diversos pareos”, o desfecho não foi o esperado. Pois, “Stoessel depois que a chuva diminui, bateu-se valentemente contra Alcebiades, mas, ao entrar na ultima volta da 1ª *manche* foi victima de uma desastrada queda que felizmente não teve graves conseqüências”²²⁴. Portanto, sendo interrompido o *match* entre os dois ciclistas, deixando Stoessel fora das outras corridas.

²¹⁸ Sport. **Jornal do Commercio**, Manaus 5 fev. 1907, n. 938, p.2.

²¹⁹ Velodromo Amazonense. **Jornal do Commercio**, Manaus 17 fev. 1907, n. 949A, p.3.

²²⁰ Sport. **Jornal do Commercio**, Manaus 18 fev. 1907, n.949B, p.1.

²²¹ Disputa decidida em dois páreos.

²²² Sport. **Jornal do Commercio**, Manaus 10 mar. 1907, n.969, p.2.

²²³ Velodromo Amazonense. **Jornal do Commercio**, Manaus 10 mar. 1907, n.969, p.3.

²²⁴ Sport. **Jornal do Commercio**, Manaus 12 mar. 1907, n.971, p.2.

Como Alcebiades estava perto de partir para o Pará a direção resolveu fazer uma corrida em seu “benefício” que foi dedicada pelo beneficiado a “novel e digna Sociedade Beneficente de Praticos do Amazonas”. Nessa corrida foi informado que o ciclista paraense iria procurar bater os dois recordes de Stoessel, o de 500 metros e 10.000 metros²²⁵. Visto que o “campeão amazonense”, Stoessel, estava machucado. Depois de uma tentativa falha de bater o recorde de Stoessel, Alcebiades alegou estar com “fortíssima dor de cabeça” o que o deixava o “impossibilitava” de correr os demais páreos²²⁶. Deixando Stoessel dono dos recortes.

No dia vinte e quatro de maio Alcebiades retornou para o Pará. Antes de partir, Alcebiades dizia aguardar o ciclista alemão Karl Schoeler para disputas no velódromo do Pará. A imprensa julgava como quase certo, a visita de Karl Schoeler ao Pará. Já Stoessel retornou para as corridas, porém como *entraineur*, visto não ter mais condições de correr²²⁷.

3.9 Corridas mirabolantes

A organização dos páreos com diferentes, ou melhor, “mirabolantes” tipos de disputas são colocados à tona, principalmente, sob a direção de Francisco d’Assis Souza Guimarães. Foram observadas cinco tipos de páreos diferentes que, possivelmente, eram o reflexo da necessidade de tornar a ida ao velódromo mais interessante. Corrida de *handicap* com quinze ciclistas em bicicleta e dois em tandem, por equipes (internacional), torneio das bonecas, de obstáculos, e de perseguição.

A primeira dessas corridas “mirabolantes” foi o “mixto handicap”, 15 ciclistas em bicicleta contra 2 em tandem, em 3.333 metros (10 voltas)²²⁸. Nessa corrida seriam premiados até o quarto colocado, os prêmios variavam entre 100\$000 e 120\$000. Ao que parece, todos os ciclistas estavam relacionados para essa disputa. No outro dia, o resultado dessa corrida era tido como “interessantíssimo”, com “luta entre todos renhidíssima”. O vencedor dessa prova foi o ciclista que tinha 333 metros de handicap. Os dois ciclistas em tandem ficaram em terceiro²²⁹.

Na tentativa de valorizar as corridas do velódromo, outro tipo de corrida foi inventada. Essa era a “corrida internacional por três equipes” mista. Pois, as equipes foram

²²⁵ Sport. **Jornal do Commercio**, Manaus 25 mar. 1907, p.1.

²²⁶ Sport. **Jornal do Commercio**, Manaus 9 abr. 1907, n.998, p.2.

²²⁷ Sport. **Jornal do Commercio**, Manaus 25 mai. 1907, n. 1044, p.2.

²²⁸ Sport. **Jornal do Commercio**, Manaus 15 fev. 1907, n.947, p.1.

²²⁹ Sport. **Jornal do Commercio**, Manaus 18 fev. 1907, n.949B, p.1.

divididas pela nacionalidade dos corredores em equipe alemã, portuguesa e brasileira. Nela iriam correr duas equipes em bicicletas e uma em tandem²³⁰. Nessa corrida, embora fosse em equipe, o corredor que primeiro chegasse a meta tornaria vencedora a equipe. A equipe vencedora dessa disputa foi a alemã, ficando em último lugar a brasileira²³¹.

Outra corrida que demonstrava a capacidade de criação dos organizadores foi a disputa chamada de “as bonecas”. A ideia dessa corrida era homenagear o “bello sexo”. A priori, os ciclistas que participariam da corrida, seriam nomes desconhecidos desse meio no velódromo, “diversos moços da sociedade em questão”. Porém, no dia da corrida pelo fato de ter faltado um dos corredores, Stoessel faria parte dessa disputa. Esse páreo foi organizado com quatro corredores, em 666 metros (2 voltas). Seu prêmio era uma surpresa. No programa dessa corrida havia uma nota explicando como se daria o páreo.

Nota: - A Directoria chama atenção dos apreciadores do Bello para este pareo que é dedicado ao que há de mais bello – O Bello Sexo.

Os corredores deste sensaccional torneio offerecerão á 4 senhoritas presentes, as bonecas com que têm de disputar a corrida. Uma vez acceito esse offerecimento, as senhoritas, pela gentileza que lhes é peculiar, acompanharão os corredores á pista, onde, depois de sentadas nos respectivos lugares, darão começo ao vestuário das bonecas.

Dado o signal de Partida, os corredores sahirão em suas bicycletas.

Percorrida a 1ª volta, as bonecas que estiverem promptas serão conduzidas pelos corredores, respectivamente. Se, porém, nenhuma estiver preparada, os corredores apoiar-se-ão afim de esperar o final das toilettes, depois do que receberão seus falismans, partindo em seguida em busca do triumpho que é a conquista do 1º lugar. A boneca vencedora, bem como as demais, serão pelo Jury examinadas e julgado o trabalho com que foram preparadas

A Directoria agradece antecipadamente o concurso das senhoritas a este torneio²³².

Como pode ser observado, cada corredor teria uma boneca que levaria consigo até o final da corrida. Essa boneca deveria ser indumentada por mulheres escolhidas na arquibancada. Quando finalizada a primeira volta, os ciclistas pegariam a boneca e disputariam o primeiro lugar. Sobre essa corrida foi dito apenas que “tomaram parte gentilíssimas senhoritas”, vencendo Stoessel que havia substituído um ciclista²³³.

Realizar corridas com obstáculos também passou a ser uma estratégia da direção. Esse tipo de disputa foi realizado mais de uma vez no velódromo. A ideia era colocar vários obstáculos pela pista como: barricas e sacos, por exemplo. Nesse sentido, os ciclistas

²³⁰ As equipes foram organizadas da seguinte forma: equipe Allemã 1: Karl Scholer e Adler (em bicycleta), equipe Portuguesa 2: Paiva e Patagonia (em bicycleta) e equipe Brasileira 3: Alcebiades e Stoessel (em tandem). Velodromo Amazonense. **Jornal do Commercio**, Manaus 24 fev. 1907, n.955, p.4.

²³¹ Sport. **Jornal do Commercio**, Manaus 26 fev. 1907, n.957, p.1.

²³² Velodromo Amazonense. **Jornal do Commercio**, Manaus 2 mar. 1907, n.961, p.4.

²³³ Sport. **Jornal do Commercio**, Manaus 4 mar. 1907, n.963, p.1.

deveriam saltar e procurar maneiras de conseguir avançar, para ganhar a prova. Essa prova não tinha uma distância a ser percorrida e o prêmio, dizia o programa, era uma surpresa²³⁴. Esse páreo chegou a ser chamado de “*great attration*” pelo cronista que via nele “um torneio de grande entusiasmo e hilaridade”²³⁵.

Além das corridas descritas acima, outras tiveram espaço no velódromo, como a corrida de “perseguição eliminatória” que parecia ter uma função: fazer com que os ciclistas não esmorecessem. Realizada com os ciclistas ditos de primeira e segunda turmas, esse páreo funcionária da seguinte maneira:

os corredores serão collocados a distancia iguaes, de accôrdo com o valor de cada um e deverão procurar passar áquelles que lhes estiverem na dianteira.

Conseguindo esse desideratum, fica eliminado o corredor batido, que deixará immediatamente a pista. Para que haja maior esforço por parte de todos é absolutamente prohibida a colla. O tempo maximo deste pareo é de 15 minutos e será vencedor, d’entre os cyclistas cujas distancias não forem batidas, aquelle que, pela ordem da sahida, estiver na frente²³⁶.

Essa corrida foi tratada no programa como “surprehendente e maravilhosa”, porém ao anunciar o resultado, apenas informaram o vencedor.

Todas essas atrações diferentes pareciam ter o objetivo de atrair o público, principalmente, pois, em 1907 o ciclismo ganhou uma concorrência de peso. Era o Prado Amazonense, que passara a funcionar, oferecendo as corridas de cavalo²³⁷. Mas não só as corridas de cavalo, as apostas também. Estas parecem terem sido abolidas das corridas sob a direção de Raymundo B. Britto Pereira, ao menos dos programas e resultados, onde já não era possível encontrá-las. Com isso, o Prado Amazonense toma o lugar de destaque das corridas de bicicleta que desaparecem das folhas dos jornais.

²³⁴ Velodromo Amazonense. **Jornal do Commercio**, Manaus 2 mar. 1907, n. 961, p.4.

²³⁵ Sport. **Jornal do Commercio**, Manaus 10 mar. 1907, n.969, p.2.

²³⁶ Sport. **Jornal do Commercio**, Manaus 17 mar. 1907, n.976, p.2.

²³⁷ Sport. **Jornal do Commercio**, Manaus 19 abr. 1907, n.1008, p.2.

4 PELO PRADO AMAZONENSE: O TURFE EM MANAUS

Em Manaus, o lugar para o lazer desportivo mais sofisticado na década de 10 do século XX era, sem dúvida, o Prado Amazonense, que ao lado do Teatro Amazonas, do Ideal Club e do Cine Odeon, constituiu-se no espaço por excelência da sociabilidade da elite gomífera²³⁸.

Em 1905 começa a veicular pelas folhas dos jornais a informação que se pretendia fundar um prado em Manaus. Este já contava com um projeto de estatutos e o capital²³⁹. Os prováveis responsáveis eram Luiz Travassos da Rosa e José de Albuquerque Maranhão²⁴⁰. O primeiro era coronel e contador-tesoureiro. Tinha uma firma chamada “Travassos e Maranhão”, juntamente com José Albuquerque Maranhão, que era o antigo proprietário do Velódromo Amazonense e também coronel. Juntos, eles foram concessionários dos Serviços Elétricos de Viação e Luz do Estado durante um período²⁴¹.

Pouco tempo após, seria informado que a sociedade Prado Amazonense estava fundada. Sua fundação foi anunciada no *Jornal do Commercio* que elogiava os esforços dos envolvidos nessa empreitada. “Fundada a esforços de varios cavalheiros da nossa sociedade, e principalmente do Sr. coronel Travassos da Rosa reúnem hoje os accionistas da sociedade Prado Amazonense, para elegerem a sua primeira directoria”²⁴². Dessa diretoria eleita se sabe apenas os nomes de dois membros: Silverio Nery²⁴³ que era o presidente da assembleia geral e um dos diretores, e Coriolano de Carvalho e Silva²⁴⁴.

O Prado Amazonense, ao que tudo indica, foi construindo durante o ano de 1906, onde aparecia nas páginas dos jornais devido a uma denúncia referente aos materiais utilizados na sua construção.

²³⁸ NORMANDO, T. S. **Jogos de bola, projetos de sociedade**: por uma história social do futebol na Belle Époque manauara. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2003.

²³⁹ Varias noticias. **Jornal do Commercio**, Manas 3 dez. 1905, n.609, p.1.

²⁴⁰ Prado amazonense. **Jornal do Commercio**, Manaus 16 dez. 1905, n.620, p.2.

²⁴¹ Os sorteios dos coupons da Viação. **Jornal do Commercio**, 2 fev. 1905, n.347, p.1. O carnaval. **Jornal do Commercio**, Manaus 13 fev. 1907, n.945, p.1. Relatórios dos Presidentes dos Estados Brasileiros (AM) – 1891 a 1930, Manaus 1907, n.1, p.42- 44.

²⁴² Varias noticias. **Jornal do Commercio**, Manus 28 dez. 1905, n.629, p.1.

²⁴³ Silvério Nery era mais um político que se envolvia ativamente na organização dos esportes em Manaus. Ele teve larga carreira na política. Ele foi Vereador Municipal da monarquia, várias vezes Deputado Estadual na república, Deputado Federal reeleito, Governador do Estado, Chefe de Partido e Senador Federal. BITTENCOURT, A. **Dicionário amazonense de biografias**: vultos do passado. Rio de Janeiro: Conquista, 1973, p.459. Obra parcialmente cedida, gentilmente, pelo pessoal da Biblioteca Virtual do Amazonas.

²⁴⁴ Prado Amazonense. **Jornal do Commercio**, Manaus 5 mar. 1907, n.964, p.1.

Assim, como aconteceu na reconstrução do Velódromo Amazonense, a construção do Prado Amazonense estava sendo acusada de irregularidades. As irregularidades eram denunciadas por um dito “cidadão brasileiro, no gozo de seus direitos civis”. Ele escreveu uma carta para o jornal *Correio do Norte* que foi publicada. Nela era informado que o governo do Estado do Amazonas havia despachado de Liverpool vários materiais e que embora a lei não permitisse, estavam sendo empregados na construção do Prado Amazonense, empresa particular, que estava sendo levantada no bairro da “Preguiça”²⁴⁵. Quanto ao local onde o prado foi construído, Dias explica que muitos trabalhadores que ali residiam, tiveram suas barracas destruídas em prol dessa modernização²⁴⁶.

A carta seria replicada, novamente, no dia 27 de julho levando o título “Contrabando do Governo do Amazonas” que resultou em reação²⁴⁷. Essa reação seria notada no próprio “*Correio do Norte*” que respondia as argumentações de outro jornal, nomeado de “jornal do beco”. Utilizando de um provérbio popular, onde era dito que “há ocasiões em que o silêncio é ouro”, o cronista do “*Correio do Norte*” explicou ter recordado desse provérbio ao ler o artigo do “jornal do beco” que defendia o auxílio do governo nas obras do Prado Amazonense. Ele dizia que “aquela gente”, provavelmente o redator do “jornal do beco”, ainda não havia se convencido de que não viviam mais em uma terra de bugres e que não escreviam para uma população “ingênua e boçal”. Isso, pois, o “jornal do beco” havia colocado em seu artigo que achava que os poderes públicos tinham o dever de auxiliar as associações que se organizassem para as indústrias e as artes, estando o Prado Amazonense dentre essas associações. O Prado Amazonense, de acordo com o “jornal do beco”, teria como fim o aperfeiçoamento da espécie cavalar, o que já era um melhoramento no Estado. Contrariando os argumentos do “jornal do beco”, o cronista do *Correio do Norte* apontava que havia necessidades mais “urgentes e úteis”. Como a proteção e auxílio aos credores do gado vaccum que estavam feridos de morte, auxílio à indústria agrícola e auxílio e proteção a indústria “extractiva”, principalmente a goma elástica que já estava sofrendo com a concorrência dos mercados africanos, asiáticos e outros. Porém não terminava aí, ele fazia críticas aos impostos cobrados a todos os gêneros de exportação e pedia para o governo ao invés de auxiliar o Prado Amazonense, a ir estudar as associações que se formavam na Europa para o plantio de goma elástica, onde já era utilizada a bicicleta e outro processo de solidificação do leite da seringueira, mais eficiente que o utilizado em Manaus. Ao final o

²⁴⁵ De palanque. *Correio do Norte*, Manaus 21 jun. 1906, n.129, p.1.

²⁴⁶ DIAS, E. M. *A ilusão do Fausto*. Manaus 1890-1920. Manaus: Editora Valer, 1999, p.139.

²⁴⁷ Contrabando do Governo do Amazonas. *Correio do Norte*, Manaus 27 jun. 1906, n.134, p.1.

cronista pedia para que o governo tratasse das coisas que são “mais úteis, mais urgentes”, pois delas dependeriam o futuro do Estado²⁴⁸.

Como ficou perceptível, havia um confronto entre os cronistas sobre a construção desse tipo de espaço, tido como necessários por uns e inúteis por outros. O argumento utilizado pelos defensores do Prado era semelhante ao encontrado no Rio de Janeiro. Nessa cidade os regulamentos e os clubes de corrida repetiam os argumentos para o desenvolvimento do turfe na França e, principalmente, na Grã-Bretanha, que eram: trazer uma diversão para a população e desenvolver a “raça cavalar brasileira”, considerada inferior a europeia e argentina. Todavia, o objetivo que de fato pareciam levar a tal empreendimento era a grande possibilidade de negócio que surgia ao redor das corridas²⁴⁹.

Apesar dessa denúncia, a construção do Prado Amazonense prosseguiria até o ano de 1907, onde seria encerrada. Porém, no início desse ano, outra polêmica seria instaurada. Dessa vez a polêmica estava relacionada à diretoria do Prado Amazonense, causada por um anúncio no jornal “*Amazonas*”. Nesse anúncio alguns acionistas e credores do Prado queriam saber quando e por qual número de votos havia sido eleita a direção que estava sendo anunciada no jornal, além de criticarem, dizendo que as eleições do Prado Amazonense não deveriam ser “as ocultas”. Com isso, os acionistas e credores informavam estarem aguardando um posicionamento da diretoria, provando, assim, que não eram “filhos do bico da pena”²⁵⁰.

Como a notícia que divulgara a lista dos eleitos estava no jornal “*Amazonas*” e o acervo da Biblioteca Nacional não tinha tal edição, o entendimento de tal articulação ficou limitado, pois ao que parece, até o ano de 1907 essa diretoria tinha nesse jornal o seu “porta-voz”, quando foi substituído pelo *Jornal do Commercio*, novo canal de comunicação do Prado Amazonense com seus acionistas, credores e espectadores. Algo que sustenta essa ideia são as seis primeiras corridas do ano de 1907 que não foram anunciadas no *Jornal do Commercio*, demonstrando que o meio de comunicação da diretoria responsável pelo Prado Amazonense no início de 1907 era outro. Todavia, isso seria modificado com a eleição de um novo corpo dirigente²⁵¹. Essa eleição aconteceu no *Club Internacional*, onde foram empossados os eleitos

²⁴⁸ As colunas da bibliotheca. **Correio do Norte**, Manaus 1 jul. 1906, n.138, p.1.

²⁴⁹ VOTRE, S. J.; SALLES, J. G. C.; MELO, V. A. **Representação Social do Esporte e da Atividade Física: ensaios etnográficos**. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto./INDESP, 1998.

²⁵⁰ Prado Amazonense. **Jornal do Commercio**, Manaus 1 jan. 1907, n.903, p3.

²⁵¹ Nessa assembleia comandada por Silverio Nery, foram eleitos os seguintes nomes para as seguintes funções: Raymundo da Silva Perdigão, presidente; João Leandro Hermes de Araújo, primeiro secretário; Julio Nogueira, segundo secretário; para a diretoria, Henrique Eduardo Weaver, Emygdio Pineiro, Antônio José da Silva Junior, Luiz Rodolpho Cavalcanti de Albuquerque e Antonio D. de Mattos Aersa; como suplentes da diretoria, Porfirio Nogueira, Eduardo F. de Azevedo, José Antonio Fernandes Guimarães, Eduardo Simões Ferreira e Aristides do Valle Guimarães; para o conselho fiscal, Carlos de Castro Figueiredo, Arthur Ferreira e W. Peters; para suplentes do conselho fiscal Lorival Muniz, Juvencio de Oliveira França e Avelino Augusto Martins.

e lido o relatório sobre as contas do Prado Amazonense, onde a administração anterior foi tida como “desastrosa”, pois se devia 232:047\$142²⁵².

Dias após a eleição e posse da nova diretoria do Prado Amazonense, começavam a circular pelas páginas dos jornais as notícias das corridas de cavalo. Notícias essas, que não se limitavam as dimensões do prado. Nelas eram anunciados os projetos das corridas, as inscrições, os resultados das inscrições, os programas, os palpites, os resultados de cada páreo e das poules, além de tratar do comércio que começava a surgir entorno dessa prática.

4.1 Organização do turfe em Manaus

As corridas de cavalo em Manaus aconteciam no Prado Amazonense, aos domingos, assim como no Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul, onde as corridas de cavalos eram atrações esportivas e de lazer²⁵³. As suas instalações contavam com guichês, secretaria, casa de poule e arquibancadas. É importante explicar que “esses lugares que eram tidos como apropriados para a prática do turfe, possuíam, em sua estrutura, arquibancadas ao redor da pista oval, circular ou elíptica, permitindo que toda a assistência pudesse visualizar as corridas em todo o seu percurso”²⁵⁴. O que, provavelmente, foi feito no Prado Amazonense.

A organização das corridas de cavalo era feita de 1907 a 1909, realizada por uma diretoria do próprio Prado Amazonense, a partir daí seria criado um clube para tal. Sua organização era parecida com a do ciclismo, onde as disputas se passavam nos páreos. Cada corrida tinha cerca de cinco páreos. Em cada páreo era percorrida uma determinada distância, anunciada no projeto da corrida, ou programa que variava entre 800 metros e 2200 metros. A partir do dia 14 de agosto de 1907 ficou estabelecido que nenhum páreo se realizaria sem que se inscrevessem e corresse, pelo menos quatro cavalos²⁵⁵.

A priori, a separação dos cavalos era realizada com o auxílio dos seus proprietários no momento da inscrição. Até que foi criado um conjunto de “categorias” para auxiliar nessa separação. Existia uma ideia, que também circulava no ambiente do ciclismo, que se baseava em tentar organizar os páreos com competidores “da mesma força”. Essa noção, inclusive, era utilizada, assim como no ciclismo, para avaliar se os páreos estavam

²⁵² Prado Amazonense. **Jornal do Commercio**, Manaus 5 mar. 1907, n.964, p1.

²⁵³ Ver: PEREIRA, E. L.; MAZO, J. Z. As práticas equestres e o lazer dos porto-alegrenses (décadas de 1920 a 1940). **Licere**, Belo Horizonte, v.17, n.4, dez/2014, p.7.

²⁵⁴ PEREIRA, E. L.; MAZO, J. Z. As práticas equestres e o lazer dos porto-alegrenses (décadas de 1920 a 1940). **Licere**, Belo Horizonte, v.17, n.4, dez/2014, p.7.

²⁵⁵ Sport. **Jornal do Commercio**, Manaus 28 jul. 1907, n.2008, p.2.

“bem organizados” ou não²⁵⁶. A separação dos cavalos passou a ser realizada baseada em categorias, que foram sendo modificadas no decorrer do tempo. Essas categorias, a princípio, eram: animais nacionais; animais da Amazônia e Ceará (animais de outros estados); animais de qualquer país; animais nacionais que não tenham corrido no Prado e animais nacionais que não tenham alcançado vitória; animais nacionais que não tenham ganhado grandes prêmios e nem o páreo Amazonas; animais de menos de meio sangue que não tenham tido vitória no prado; animais de menos de meio sangue que não tenham mais de uma vitória em uma determinada distância; animais de menos de meio sangue; animais de sangue; e animais estrangeiros. Sendo modificadas para as séries, 1ª, 2ª, 3ª e 4ª, que também levavam em consideração se o animal era nacional ou estrangeiro, se tinha vitória ou não, e se eram puro sangue.

Em cada corrida havia, aproximadamente, 20 cavalos inscritos. Esses cavalos eram montados ou pelo proprietário, ou por uma pessoa contratada, especificamente, para essa função – essa pessoa, muitas vezes, era alguém fora do círculo da elite política e econômica como, por exemplo, o jóquei Antônio Francisco Xavier que era talhador de carnes²⁵⁷. Isso acontecia, pois, “o típico *sportman* era um dono de cavalos parelhados que assistia aos páreos da tribuna de honra e recebia aplausos ao desfilar ao lado de sua cria vencedora”²⁵⁸. Sendo assim, não era sempre que o dono do cavalo montava o seu animal. Como os jóqueis podiam ser contratados, era possível ver nos resultados das corridas um mesmo jóquei ganhar diferentes páreos com cavalos diversos. Esses jóqueis, geralmente, disputavam prêmios em dinheiro que eram entregues aos primeiros e segundos colocados. Além de correr, os jóqueis também costumavam serem os *entraineurs*²⁵⁹ dos cavalos.

Nas corridas de cavalo eram permitidas as poules, principal atividade que diferenciava o ciclismo do turfe, ao menos de maneira formal. Sua aceitação no universo do turfe atraía diversos apostadores para o Prado Amazonense que se manifestavam em situações duvidosas. Esse tipo de atividade era algo que veio da Europa, onde o turfe, já convivía com as apostas como parte indissociável das disputas em páreos²⁶⁰. No caso de Manaus, essas apostas podiam ser simples ou duplas. As disputas entre os cavalos, em sua maioria, eram compostas por corridas, onde os cavalos estavam alinhados, ou seja, parecido com a ideia do

²⁵⁶ Sport. **Jornal do Commercio**, Manaus 12 set. 1907, n.1154, p.2.

²⁵⁷ **Jornal do Commercio**, 29 jun. 1905.

²⁵⁸ GAMBETA, W. R. **A bola rolou: o Velódromo Paulista e os espetáculos de futebol 1895-1916**. p.42.

²⁵⁹ Nas corridas de cavalo a palavra tinha o sentido de treinamento.

²⁶⁰ GAMBETA, W. R. **A bola rolou: o Velódromo Paulista e os espetáculos de futebol 1895-1916**. p.50.

match no ciclismo. Algumas vezes, era possível perceber, alguma variação na disputa dos páreos, isso acontecia com as disputas de *handicap* por peso ou corrida de velocidade.

Também fazia parte das corridas de cavalo, homenagens, “grandes prêmios” e páreos amadores, que eram realizados devido a uma data especial ou na tentativa de encurtar vínculos com determinados grupos.

Como as corridas de cavalo que foram realizadas em homenagem a colônia francesa de Manaus. Nelas teve a presença do cônsul da França e de “grande número” de membros da colônia francesa. Nessa corrida, um dos páreos foi nomeado de “República francesa”. Ao seu término, a “directoria convidou o consul francez para ir à casa da poule, onde lhe foi servida uma taça de champagne” e foram feitas saudações²⁶¹. No Prado Amazonense em algumas ocasiões especiais, tais como nas homenagens, era comum que uma banda de música tocasse, completando a programação.

A disputa do “Grande Prêmio” em 2200 metros foi realizada pela primeira vez em 1907²⁶². Ela era organizada quando havia uma data comemorativa como, por exemplo, o dia 5 de setembro, data que “elevou o Amazonas á cathegoria de província”²⁶³. Nessa ocasião se dizia que achavam-se inscritos os “melhores cavallos estrangeiros do nosso turf.” Na descrição do resultado dessa corrida foi dito que tiveram o “brilhantismo e foram concorridíssimas”, onde houve a participação do governador do Estado, acompanhado do comandante do distrito militar²⁶⁴. Já as corridas de cavalo com páreos amadores passaram a serem realizadas a partir de 1908. Elas eram tidas como outra atração que o prado oferecia, divulgadas como destaque pelos cronistas²⁶⁵.

Para participar das corridas era necessário realizar a inscrição, onde era cobrado um valor que não foi identificado. Quando o animal estava inscrito e acontecia algo que o impediria de participar, era preciso fazer *forfait*, esta era uma declaração a ser entregue na secretaria do Prado Amazonense até uma determinada data²⁶⁶. Ao que tudo indica até 1908 as inscrições eram realizadas na secretaria do Prado Amazonense, quando elas passaram a ocorrer no Café dos Terríveis, por causa da mudança de direção que houve nesse momento.

Inicialmente, as corridas de turfe eram anunciadas em meio a outras notícias de esporte, tais como futebol e o ciclismo, onde não havia um programa ou palpites, mas apenas a informação que aconteceria a corrida no Prado Amazonense. “Domingo proximo haverá

²⁶¹ Sport. **Jornal do Commercio**, Manaus 15 jul. 1907, n.1095, p.2.

²⁶² Sport. **Jornal do Commercio**, Manaus 28 ago. 1907, n.1139, p.2.

²⁶³ Sport. **Jornal do Commercio**, Manaus 27 ago. 1907, n.1138, p.2.

²⁶⁴ Sport. **Jornal do Commercio**, Manaus 6 set. 1907, n.1148, p.2.

²⁶⁵ Prado Amazonense. **Jornal do Commercio**, Manaus 21 jun. 1908, n.1524, p.1.

²⁶⁶ Sport. **Jornal do Commercio**, Manaus 2 maio. 1907, n.1021, p.2.

mais uma esplendida corrida no Prado Amazonense. Os pareos foram bem organizados e portanto é natural uma bôa concorrência aquella casa e que as corridas despertem real interesse ao publico”²⁶⁷. Com o tempo, passou a ser notado o anúncio das inscrições para as corridas, regras, palpites e os programas.

Nos programas haviam informações sobre os juizes e da composição de cada páreo. As corridas eram compostas por seis tipos de juizes: de arquibancada, de chegada, de partida, de pesagem, de encilhamento e de raia. Ao todo eram 15 pessoas realizando essas funções. Como havia apostas nas corridas eram necessárias várias informações sobre os cavalos. Devido a isso, os páreos eram anunciados divulgando o número, nomes dos cavalos, pêlo, idade, peso, naturalidade, cores das vestimentas e proprietário. Embora não esteja anexado nesse programa, havia taxas de entrada, que eram divididas em carro cujos valores eram 5\$000; carro com passageiro, 10\$000; arquibancada com direito ao encilhamento, 3\$000; geral, 1\$000; e senhoras que tinham a entrada grátis.

O comércio ligado a venda e compra de animais também surge nesse momento. Em meados de 1907 cavalos vindos do Rio de Janeiro começam a ser comercializados em Manaus. Esse é o caso do cavalo Asseguá de meio sangue. Nascido “no Rio Grande do Sul na estância do Sr. Jo e Antonio Soares de Preixo”, ele foi vendido para o Rio de Janeiro, onde corria no “Prado do Derby Club”, até que foi comprado pelo comandante do paquete Maranhão. Esse comandante levou Asseguá para Manaus, onde tentava vendê-lo.

Com o fim de vender n’esta capital, o seu proprietário, trouxe a bordo do navio ao seu comando, aqui chegando hontem.
Alguns dos nossos sportmens foram examinar o animal, havendo já algumas offertas.
O Asseguá correu pela ultima vez no Rio de Janeiro, no dia 23 de Julho no prado do Deby Club.
[...] Partindo com sensível vantagem, Jacy logrou vencer de ponta à ponta por dous corpos de luz.
Asseguá, que partiu em segundo, manteve a collocação, a Dante e Cavour, os favoritos, chegaram em condições de não poder ameaçar a egua da coudelaria Esperança²⁶⁸.

Nesse mesmo mês, outro cavalo chegara a Manaus. Era o cavalo inglês “Orel” que foi comprado no Rio de Janeiro, onde corria no Jockey Club. Ele chegou em Manaus pelo vapor Alagôas e seria batizado com o nome de Petropolis²⁶⁹. Esse tipo de transação, era visto pela imprensa como prova de que o turfe estava “enraizado” na cidade²⁷⁰.

²⁶⁷ Sport. **Jornal do Commercio**, Manaus 22 abr. 1907, n.1011, p.1.

²⁶⁸ Sport. **Jornal do Commercio**, Manaus 9 ago. 1907, n.1120, p.2.

²⁶⁹ Sport. **Jornal do Commercio**, Manaus 18 de ago. 1907, n.1129, p.2.

²⁷⁰ Sport. **Jornal do Commercio**, Manaus 22 dez. 1907, n.1345, p.2.

Entre proprietários de Manaus, vendas de cavalos também aconteciam, principalmente quando o Prado Amazonense sofria uma debandada dos espectadores, devido à desconfiança dos resultados das corridas. Esse é o caso de um proprietário que vendeu os cavalos “Albatroz e Malho” que faziam parte da sua coudelaria²⁷¹. Um foi vendido para a coudelaria “Triumpho” e o outro para um “despachante”²⁷². Além disso, os cavalos da cidade eram vendidos para outras capitais, como o cavalo Vinicins, que foi vendido para Rio Branco²⁷³.

Mas não era apenas o comércio de cavalos que movimentava os bastidores do turfe. A contratação dos jockeys também movimentava o comércio. Alguns contratavam jockeys em Manaus e outros iam buscá-lo fora do Brasil. Isso foi o que fez o senador Silvério Nery que contratou um jockei na França. Esse jockei se chamava A. Bergés e chegou a Manaus no pacote Antony em 1908. Ou do jockei Roselincker, também de nacionalidade francesa, que corria em Manaus. Em julho de 1908, ele partiu para a França, para ver sua família, prometendo voltar com dois cavalos²⁷⁴.

Durante 1907 e 1909 o que mais se destacava nas corridas de cavalo do Prado Amazonense eram as confusões e tribofes que pareciam contradizer a ideia das corridas serem diversões civilizadas.

4.2 Entre confusões e tribofes: as corridas de cavalo em Manaus

Assim como no ciclismo, onde aconteciam situações envolvendo tribofes, problemas mecânicos das bicicletas, tandem ou motocicletas, no turfe não era diferente. Tribofes, a postura de alguns jockeys e o desconhecimento das regras ou o seu não cumprimento por parte do público, juizes e diretoria levavam para o Prado Amazonense cenas ditas como de “selvageria”, que resultavam, muitas vezes, em uma concorrência diminuta por uma dita falta de moralidade naquele lugar.

²⁷¹ De acordo com a definição do dicionário Michaelis, coudelaria era um estabelecimento ou posto de criação, geralmente estatal, de cavalos, com o intuito de aperfeiçoar as raças. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?id=DXYa>>. Acesso em: 20 de abril 2017. No ano de 1908 era possível encontrar cerca de seis coudelarias em Manaus. A saber: Coudelaria Idealista, Coudelaria Cruzeiro do Sul, Coudelaria Brasil, Coudelaria Fortaleza, Coudelaria Rio Negro e Coudelaria Aliança.

²⁷² Sport. **Jornal do Commercio**, Manaus 31 out. 1907, n.1203, p.2.

²⁷³ Gazetilha. **Jornal do Commercio**, Manaus 20 jul. 1908, n.1552, p.1.

²⁷⁴ Gazetilha. **Jornal do Commercio**, Manaus 20 jul 1908, n.1552, p.1.

A dificuldade em emparelhar os cavalos para saída era uma dessas situações. Ela acontecia com frequência no Prado Amazonense, fazendo o público se manifestar²⁷⁵. Os motivos para tal, geralmente, eram a chamada incorreção dos jóqueis, plano especial de saída e o desentendimento entre o juiz que dava a largada e os jóqueis.

Logo na primeira corrida de cavalos em 1907, na qual estreava a nova direção do prado, ocorreu uma dessas confusões. Nela houve o que foi chamado de “incorreção dos jockeys” na saída do segundo páreo. Com quatro cavalos disputando os prêmios de 150\$000 ao primeiro e 25\$000 ao segundo, em uma distância de 850 metros, dois jóqueis tiveram que ser suspensos por terem ficado parados depois que a largada havia sido dada pelo *starter*, juiz de largada²⁷⁶.

Em maio do mesmo ano outra situação parecida voltaria a acontecer. No páreo de 900 metros entre animais nacionais com a mesma premiação da corrida citada anteriormente, houve demora na saída, mas dessa vez o motivo não foi a dificuldade em emparelhar os animais, mas o fato dos jóqueis terem um “plano especial para a saída.”

Este pareo, devido á maioria dos jockys ter um plano especial para sahida, ficou por isso a mesma demoradissima a ponto do publico, com grande frenesi manifestar-se, havendo necessidade do juiz de partida multar os jockys Manoel Archanjo e José Mendes. Depois de ½ hora conseguiu-se emfim, dar uma sahida regular, ficando parado o cavallo Boreas²⁷⁷.

Dessa vez, o público protestou fazendo com que os juízes tivessem que multar os dois jóqueis. Mesmo assim, um dos cavalos continuou parado após dado a largada.

Em outra corrida, a situação foi ainda mais comprometedora. No quarto páreo, disputa dos prêmios de 150\$000 e 25\$000 na distância de 1.000 metros, os jóqueis “castigaram” os animais e partiram em disparada. Quando perceberam que o juiz não havia arriado a bandeira, eles seguraram os cavalos. Porém, um dos animais não conseguiu parar antes dos 600 metros percorridos. Na nova saída, esse cavalo foi alcançado nos 700 metros, fazendo o cronista insinuar que isso aconteceu devido ao fato do animal estar muito cansado dos 600 metros percorridos por engano²⁷⁸. Essas situações faziam com que o público ficasse impaciente e indisposto, sendo um dos fatores que em determinado momento contribuiu para o distanciamento dos espectadores ao Prado Amazonense²⁷⁹.

²⁷⁵ Sport. **Jornal do Commercio**, Manaus 20 maio. 1907, n.1039, p.2.

²⁷⁶ Prado. **Jornal do Commercio**, Manaus 8 abr. 1907, n.997, p.1- 2.

²⁷⁷ Sport. **Jornal do Commercio**, Manaus 20 maio. 1907, n.1039, p.2.

²⁷⁸ Sport. **Jornal do Commercio**, Manaus 20 janeiro de 1908, n. 1373, p.2.

²⁷⁹ Gazetilha. **Jornal do Commercio**, Manaus 3 ago. 1908, n.1567, p.1.

Além dos atrasos na saída dos páreos, os tribofes também aconteciam. Uma dessas ocasiões em que ocorreu o tribofe envolveu o jóquei Raymundo de Castro. Ele disputava o quinto páreo da corrida do dia 18 de agosto de 1907 em 1.700 metros que tinha como prêmios 600\$00 e 90\$000. Os quatro cavalos que disputavam o prêmio haviam largado em uma partida dita como “optima”. Todavia, o jóquei Raymundo de Castro, que montava Albatroz, logo após ter corrido 50 metros, segurou e parou o cavalo, enquanto os demais animais “tocaram para o pau”. O vencedor desse páreo foi Manoel Archanjo. O cronista explicou que quando a corrida foi finalizada “o povo protestou energicamente contra o procedimento do jockey de Albatroz, que era o favorito”. Essa situação, fez com que a diretoria tivesse que marcar uma reunião para o dia seguinte com a finalidade de decidir a penalidade que seria aplicada ao jóquei²⁸⁰.

Quando aconteciam tribofes, geralmente, quem levava a culpa de tal ato eram os jóqueis. Porém existiam aquelas circunstâncias, onde os juízes também estavam envolvidos. Uma ocasião que retrata bem esse envolvimento dos juízes era a corrida de setembro de 1908, mais especificamente, no segundo páreo, chamado Animação, de 1.000 metros, que tinha como prêmio 25\$000. Seu primeiro colocado foi o cavalo Macuxy, de J. Emigdio, que de acordo com o cronista foi favorecido “vergonhosamente”. Nele o cronista dizia:

Crêmos que todos os pareos disputados, na presente estação, nas diversas corridas de nosso hippodromo, foi este um dos piores e que mais irregularidades deixou entrever.

A sahida foi má, favorecendo vergonhosamente Macuxy.

Além d’isso, D’ Artagnan, no qual estavam todas as esperanças de ganhar, com muitas probabilidades, correu preso de fio a pavio, chegando em 3º lugar, havendo, conservado, contudo, do começo ao fim.

É mister que se dêem por findas taes maroreiras, que não sabemos se partio do jockey L. Gomes, se de ordem do proprietário. O que não ha duvida, é que antes da partida já os magnatas sabiam os animais que deviam ganhar.

Se foi culpa do jockey, convém que a diretoria tome uma providencia enérgica, afim de que isso não se repita.

Era caso para multa e suspensão – não sabemos se isto se deu.

Todas as pessoas presentes reclamaram em altas vozes contra isso que só depõe em desfavor do Prado Amazonense²⁸¹.

Em sua crônica é possível perceber que havia uma cobrança pelo fim do que ele nomeou de “maroreiras” que não se sabia se partiam do jóquei ou dos proprietários dos cavalos. Ele pedia providências energéticas da diretoria e dizia que tudo isso depunha em desfavor do Prado Amazonense.

²⁸⁰ Sport. **Jornal do Commercio**, Manaus 19 ago. 1907, n.1130, p.2.

²⁸¹ Gazetilha. **Jornal do Commercio**, Manaus 7 set. 1908, n.1602, p.1, 2.

Situações por parte dos jóqueis que eram chamadas de “abusos” também faziam os cronistas exigirem providências da diretoria. Esses “abusos” praticados pelos jóqueis eram utilizados para ganharem as provas e se baseavam em segurar a rédea do concorrente, derrubá-lo ou até chicoteá-lo. Esse tipo de situação foi registrado em uma corrida que homenageava a colônia francesa de Manaus. Nessa corrida havia cinco páreos, sendo o terceiro o “palco” desse ocorrido. Os protagonistas desse acontecimento foram o jóquei Aggeu montado em A’batroz, e E. Rocha, montado em Bismarck. Quando eles estavam “na altura do poste do destanciado”, o jóquei Aggeu utilizou de um “expediente nada serio”. Ele pegou nas rédeas do cavalo Bismarck e com a mão esquerda prendeu os movimento do jóquei E. Rocha. Com isso, Bismarck perdeu a corrida “por cabeça”. No final o cronista dizia que “directoria do Prado compete reprehender severamente estes abusos, que com maior descaramento estão sendo praticados bem defronte das archibancadas. Este facto já não é o primeiro, pois no domingo passado houve a mesma scena em que o jockey “Rio Pardo” foi em cima de “Bismarck” ²⁸². Com isso, ficava claro que esse tipo de situação estava acontecendo no Prado Amazonense, não apenas nessa corrida, mas em outras.

Em 1908 aconteceu uma corrida de cavalos que culminou em uma grave confusão, se tornando caso de polícia. Havia cinco páreos e quatorze animais inscritos para participar das disputas. O programa era dito como “bem organizado”, tendo inscrito os “melhores pugnas” do turfe de Manaus²⁸³. Porém, apesar da expectativa, alguns imprevistos aconteceram. Isso tinha haver com as chegadas, onde houve dúvidas sobre o vencedor e um incidente envolvendo jóqueis e um dono de cavalo. O cronista dizia que “os pareos foram todos bem disputados, a ponto de haver chegadas em que era difícil classificar o vencedor.” O que levou a “protestos de diversos espectadores que se julgavam prejudicados com as decisões do jury”. Todavia, para o cronista os protestos “não tinha razão de ser”. Em seguida ele passava a narrar o fato ocorrido no Prado Amazonense:

corriam neste pareo os cavalos Rio Pardo, Tupy e Bysmarck, respectivamente montados pelos jockeys Manoel Archanjo, João Gonçalves e A. Bergés. Este ultimo de nacionalidade franceza, chegou a esta capital a bordo do paquete Antony, contractado pelo senador Silverio Nery e hontem pela primeira vez corria no hypodromo.

Logo que o juiz deu o signal de partida, pulou na ponta Rio Pardo, seguido por Tupy, correndo em ultimo Bismarck, que ia preso. Este valente animal estava habilmente dirigido. Ao passar a setta dos 600 metros, o jockey soltou-o e ele aproximou-se de Tupy, travando os dois renhida luta, da qual Bismarck sahiu vencedor. O jockey Bergés, na ocasião de fazer a passagem, deu umas chicotadas no seu animal, indo a ponta do chicote atingir o piloto de Tupy. Apesar da lucta, Bismarck conseguiu

²⁸² Sport. **Jornal do Commercio**, Manaus 15 jul. 1907, n.1095, p.2.

²⁸³ Sport. **Jornal do Commercio**, Manaus 19 jan. 1908, n.1372, p.2.

chegar ao vencedor junto com Rio Pardo, sendo por isso classificados ambos vencedores.

O jockey Gonçalves quando passou o poste do vencedor, deu uma forte chicotada em Bergés, que (...) [ilegível].

Quando os animais saíam da raia, com direção ao assilamento e passavam em frente às archibancadas, o tenente Paulo Silva, um dos proprietários do Tupy, ergueu uma bengala e deu forte pancada no jockey Bergés, que recebeu um ferimento na cabeça, derramando bastante sangue.

Como sempre, o povo alvorçou-se e o dr. Chefe de policia, que ali se achava, deu voz de prisão ao agressor.

O jockey Bergés foi transportado para a casa da poule onde lhe fizeram a lavagem da ferida, sendo depois conduzido à policia, para ser submetido a corpo de delicto.

O dr. Alvaro Maia, medico legista, classificou de leves os ferimentos, rasão por que o agressor prestou fiança para solto se livrar²⁸⁴.

Com isso, a diretoria do Prado Amazonense teve que se reunir no dia seguinte e decidiu expulsar o jóquei João Gonçalves que havia sido atingido pelo chicote de A. Bergés, não aceitando os animais que tinha ele como *entraineur*. Além disso, proibiu por tempo indeterminado a entrada nas dependências do prado de Paulo Emilio Pereira da Silva²⁸⁵. Já o jóquei da França, embora tivesse iniciado a confusão, não foi penalizado pela diretoria.

Acidentes envolvendo os cavalos e os jóqueis também marcaram o Prado Amazonense. Um desses acidentes marcou o fim das corridas com a participação do cavalo Petropolis que “ao ser dada a partida, pulou em 3º lugar; mas, ao passar pela curva, junto do ensilamento, cahiu e quebrou as pernas deanteiras.” Com isso, Petropolis não poderia ser mais utilizado. O jóquei que montava Petropolis, Edmundo Soares, “ficou muito maltratado, sendo tal o seu estado que foi transportado em braços para a casa da poule, onde o Dr. Sebastião Barroso Nunes lhe prestou os soccorros de que carecia, sendo depois transportado para um quarto particular da Santa Casa, por conta de seus patrões”²⁸⁶.

Situações que eram explicadas pela falta de conhecimento ou de aplicação das regras do “Código de Corridas” também ocorriam. O terceiro páreo de uma corrida realizada em setembro de 1907, um jóquei que estava com a silha frouxa foi “cuspidor por terra”. Todavia, o seu cavalo, Rayon d’Or, continuou correndo, chegando em primeiro lugar, distante dos outros cavalos. Isso fez com que algumas pessoas quisessem que Rayon d’Or fosse considerado o vencedor desse páreo, gerando confusão²⁸⁷.

Durante o período analisado, essas situações prejudicavam o Prado Amazonense de tal forma, que no decorrer do ano de 1908 teve uma mudança na direção, onde era iniciada a retórica que o prado havia se moralizado, de que a partir daquele momento valia a pena

²⁸⁴ Sport. **Jornal do Commercio**, Manaus 20 jan. 1908, n.1373, p.2.

²⁸⁵ Sport. **Jornal do Commercio**, Manaus 21 jan. 1908, n.1374, p.2.

²⁸⁶ Sport. **Jornal do Commercio**, Manaus 25 fev. 1908, n.1409, p.2.

²⁸⁷ Sport. **Jornal do Commercio**, Manaus 6 set. 1907, n.1148, p.2.

frequentar o prado. Essa retórica era propagada na tentativa de atrair o público novamente, porém, ainda ocorriam cenas que não agradavam²⁸⁸. Isso fez com que outra mudança fosse processada: a criação de um clube para gerenciar as corridas.

4.3 “Moralizando” o turfe: Derby Club

Em todos os Estados do paiz, existem sociedades sportivas onde o povo se diverte nos dias de festa, e é justo, portanto, que aqui em Manáos que é uma cidade bastante adiantada, também se mantenha uma ao menos nas condições do Derby Club que vem preencher uma grande lacuna²⁸⁹.

No final do ano de 1909 o Prado Amazonense foi arrendado por uma associação esportiva, o Derby Club²⁹⁰. Ela foi fundada no dia 13 de dezembro de 1909, tinha estatutos próprios, um presidente, um vice-presidente, um secretário, um tesoureiro e um orador²⁹¹.

Tida como a “reanimadora” do turfe em Manaus, o Derby Club procurava trazer novidades, pois apenas as corridas de cavalo e as apostas, pareciam não ser suficiente para voltar a atrair o público. Sendo assim, as homenagens seriam recorrentes, páreos de corrida a pé e o tiro ao alvo seriam incluídos as programações das corridas.

O programa das corridas do Derby Club trazia novidades. A primeira informação que podia ser observada era o nome do Derby Club que estava no início, em caixa alta e era praticamente da largura do programa. Abaixo do nome do clube estava uma figura composta por três homens sobre cavalos. Eles pareciam estar disputando uma corrida, porque cada um deles estava em uma posição diferente, ou seja, havia um que estava à frente, o outro no meio e outro atrás, simulando a disputa de um páreo. Além disso, havia uma “nuvem” abaixo dos cavalos que parecia representar a poeira que era produzida pelos animais em contato com o chão de terra nas corridas. Isso demonstrava o interesse em tornar o programa mais atraente, utilizando o uso de uma imagem.

No programa podia ser observado, que se tentava passar a noção que o Prado Amazonense estava organizado. Tanto que algumas regras foram anexadas ao mesmo. Essas

²⁸⁸ Gazetilha. **Jornal do Commercio**, Manaus 9 nov. 1908, n.1664, p.1, 2.

²⁸⁹ Divertimentos. **Jornal do Commercio**, Manaus 2 jan, 1910, n.2069, p.1.

²⁹⁰ Prado Amazonense. **Jornal do Commercio**, Manaus 5 dez, 1909, n.2042, p.2.

²⁹¹ O presidente era Dr. Gaspar Antonio Vieira Guimarães, juiz; o vice-presidente, Dr. José Maria Corrêa d’Araujo, Juiz Federal; o secretário, Cursino Gama, funcionário público; o tesoureiro, Manoel Vicente de Lima, comerciante; e o orador, Aristides do Valle Guimarães, tesoureiro da repartição. Informações retiradas de: Sport. **Jornal do Commercio**, Manaus 14 dez. 1909, n.2051, p.2.; **Diário Oficial**, 13 fev. 1900, edição 1792, p 5; **Jornal do commercio**, 25 maio. 1909, edição 2206, p 7; **Jornal do Commercio**, Manaus 21 out. 1911, n.2705,p.2.; Comerciante. **Jornal do Commercio**, 25 mar. 1905. Edição 391 , p 3; Relatorios dos presidentes dos Estados Brasileiros. 31 maio. 1902. Edição 2 p, 260.

regras diziam respeito ao momento de encilhamento dos cavalos, onde os que disputariam o primeiro páreo deveriam estar encilhados com uma hora de antecedência ao início da disputa e os demais no início do primeiro páreo. Além disso, os preços das entradas foram modificados. Esses continuavam variando de acordo com o lugar, sexo e idade. A arquibancada e encilhamento e a geral continuavam custando os mesmos preços, 3\$000 réis e 1\$000 réis, respectivamente. Os carros e automóveis passaram a ter a entrada grátis - nesse caso, o passageiro pagava de acordo com os preços de uma tabela que não foi identificada. Crianças e mulheres não pagavam a entrada. Os programas do Derby Club eram anunciados no jornal e distribuídos pela cidade.

Para competir era necessário realizar a inscrição que era feita no botequim Bolsa Universal situado na praça do comércio²⁹². As corridas tinham cerca de 4 páreos e 20 cavalos que eram organizados em séries (1ª, 2ª, 3ª e 4ª, como nos anos anteriores).

A primeira corrida realizada pelo Derby Club aconteceu no dia 2 de janeiro de 1910 e já apresentava novidades. Para a sua realização houve a distribuição de convites para a imprensa que agradecia ao Derby Club: “O jornal Correio do Norte agradecia o convite recebido para a primeira corrida de 1910 e estimava a concorrência de grande número de espectadores ao Prado Amazonense”²⁹³. E, contou com a participação de duas bandas de música²⁹⁴.

Essa corrida não obteve o público esperado. A imprensa justificativa essa baixa adesão por dois motivos: os bondes e o programa. Quanto aos bondes era dito que eles estavam passando de uma em uma hora, o que parece ter desanimado o público. Isso era um problema que a diretoria tentava resolver. Todavia, foi na 12ª corrida que ele foi solucionado. Nessa corrida o serviço de bonde foi ampliado, pois funcionaram “os reboques, com dous carros, o que muito auxiliou á frequência, que foi grande”²⁹⁵.

Importante ressaltar, que tanto para o Prado Amazonense, quanto para o velódromo, o serviço de viação pública, inaugurado no dia 1º de março de 1896 que ligava o perímetro urbano aos subúrbios foi fundamental, para que esses espaços pudessem galgar

²⁹² Divertimentos. **Jornal do Commercio**, Manaus 11 abr. 1910, n.2165, p.2 e Notas Sportivas. **Correio do Norte**, Manaus 18 dez. 1909, n.331, p.1.

²⁹³ Clubs e associações. **Correio do Norte**, Manaus 31 dez. 1909, n.322, p.1.

²⁹⁴ Divertimentos. **Jornal do Commercio**, Manaus 2 jan. 1910, n.2069, p.1.

²⁹⁵ Divertimentos. **Jornal do Commercio**, Manaus 23 maio. 1910, n.2204, p.1.

algum sucesso²⁹⁶. Esse, de fato, é um dos motivos da consolidação de tal prática, assim como no Rio de Janeiro²⁹⁷.

Já os programas não foram distribuídos, tendo a diretoria que pedir “mil desculpas” quanto a esse problema. Como a imprensa estava sendo homenageada e parecia que a diretoria queria estreitar seus vínculos com esse órgão, “no intervalo do terceiro pareo foi servido uma taça de *champagne* aos representantes da imprensa”, com direito ao pronunciamento do presidente do Derby Club e de um representante da imprensa. Ao final era desejado que a “directoria possa corresponder a expectativa geral, moralizando este gênero de sport que é um dos mais preciosos no nosso meio social”²⁹⁸. A imprensa parece ter aderido a uma nova postura diante da divulgação das notícias, evitando tratar de tribofes e confusões. Nesse sentido, a imprensa “divulgava exatamente uma representação do esporte no mesmo sentido da dos organizadores das competições”²⁹⁹.

Além da imprensa, políticos, a classe caixeiral e os operários também foram homenageados. Esse foi o caso do deputado federal e sócio do Desportivo Club A. Monteiro de Souza que estava sendo aguardado do Sul do Brasil e seria homenageado em uma corrida no Prado Amazonense³⁰⁰. Nessa corrida houve a participação de coronéis e doutores que pertenciam a classe de políticos da cidade, dentre eles o governador do estado³⁰¹.

Esse tipo de homenagem aos políticos aconteceria novamente em benefício ao Congresso do Estado, a Municipalidade, ao segundo aniversário do governo do coronel governador do Estado e ao senador Jorge de Moraes. Destas, cabe destacar a 14ª corrida em homenagem ao segundo aniversário de governo do coronel. Para essa corrida houve a distribuição de “convites especiaes aos membros do Congresso do Estado, municipalidade, Associação Commercial, imprensa, Gremio Familiar, associações sportivas e recreativas, autoridades civis e militares e consulados.” Nela haveria policiamento que seria feito pelo Tiro Brasileiro e tocariam três bandas de músicas.

²⁹⁶ MESQUITA, O. M. **La Belle Vitrine**: o mito do progresso na refundação de Manaus (1890/1900). 439 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005.

²⁹⁷ MELO, V. A. Esporte: uma diversão no Rio de Janeiro. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**. Belo Horizonte, v.2, n.3, p.49-66, 2015.

²⁹⁸ As informações correspondem as seguintes datas, edições e páginas: Notas Sportivas. **Correio do Norte**, Manaus 4 jan. 1910, n.2070, p.2 e Divertimentos. **Jornal do Commercio**, Manaus 4 jan. 1910, n.2070, p.2.

²⁹⁹ VOTRE, S. J.; SALLES, J. G. C.; MELO, V. A. **Representação Social do Esporte e da Atividade Física**: ensaios etnográficos. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto./INDESP, 1998. p.94.

³⁰⁰ Divertimentos. **Jornal do Commercio**, Manaus 18 jan. 1910 n.2084, p.1.

³⁰¹ Os nomes das pessoas que foram vista no prado: Srs. coronel Antonio Bittencourt governador do Estado, Dr., Monteiro, coronéis Publio, Lazaro e Agnello Bittencourt, Drs. José Duarte Sobrinho, Adelino Costa, Benjamin de Araujo Lima, coronéis Guerreiro Antony, José Gonçalves, Cyrillo Neves e muitos outros cujos nomes não podemos notar.

Na sexta corrida o prado mudou de nome. Ele passou a ser chamado de Prado de São João. Essa corrida, onde aconteceu a troca de nome do prado, foi dedicada a Associação dos Empregados no Commercio do Amazonas. Essa foi uma das corridas que levou ao prado um grande número de espectadores. Calculava-se cerca de duas mil pessoas presentes. Devido a isso, a imprensa considerava “renascente o sport hippico.” Nessa corrida a direção da Associação dos Empregados no Commercio do Amazonas compareceu em grande número, juntamente com a classe caixeiral. Essa diretoria “offereceu ao jockey vencedor do 5º pareo, dedicado a essa estimadíssima corporação, uma valiosa chatelaine de ouro”.

A partir da segunda corrida uma nova atração foi anunciada. Era o tiro ao alvo entre mulheres. Esta concedia a presença feminina não apenas nas arquibancadas, mas participando ativamente, sendo o centro das atenções. Nele as senhoras e senhoritas seriam posicionadas a cinco passos de distância do alvo e portando uma carabina “Winchester” calibre 22, automática, teriam cinco disparos para acertar o alvo. A que tivesse a maior pontuação ganharia um prêmio³⁰². O tiro ao alvo parecia ganhar notoriedade no prado, tanto que a partir da 9ª corrida ele foi anunciado para ter início às três horas da tarde, para que mais mulheres pudessem participar³⁰³. Em certa ocasião, em que a disputa teve a sua distância alterada, de 5 para 12 metros, foi registrada a participação de 11 mulheres e de 3 dirigentes do torneio³⁰⁴.

Após a realização do torneio em algumas corridas, o tiro ao alvo passou a ser realizado entre os homens, onde os prêmios seriam medalhas com dizeres alusivos³⁰⁵. Essa premiação era completamente diferente das mulheres que recebiam, por exemplo, uma “rica” boneca, elegantemente vestida³⁰⁶. Essa prática, posteriormente, passou a ser realizada no Prado Amazonense variando entre o clube Tiro n.10, a Infantaria e entre mulheres ligadas a clubes³⁰⁷.

Outras atrações também foram adotadas. Na décima terceira corrida uma das atrações utilizadas no velódromo foi adotada no prado. Era a corrida pedestre entre os jôqueis. Essa corrida seria realizada em 300 metros, onde o vencedor ganharia duas libras esterlinas³⁰⁸.

³⁰² Derby Club. **Jornal do Commercio**, Manaus 16 jan. 1910, n.2082, p.7.

³⁰³ Prado Amazonense. **Jornal do Commercio**, Manaus 20 abr. 1910, n.2174A, p.7.

³⁰⁴ Divertimentos. **Jornal do Commercio**, Manaus 10 abr. 1910, n.2164, p.2.

³⁰⁵ Divertimentos. **Jornal do Commercio**, Manaus 17 jul. 1910, n.2258, p.2.

³⁰⁶ Derby Club. **Jornal do Commercio**, Manaus 16 jan. 1910, n.2082, p.7.

³⁰⁷ **Jornal Commercio**, Manaus 5 fev. 1911, n.2444B, p.7.; Tiro Brasileiro. **Correio do Norte**, Manaus 10 fev. 1911, n.613, p.1.; Divertimento. **Jornal do Commercio**, Manaus 18 jun. 1911, n.2571, p.2.

³⁰⁸ Divertimentos. **Jornal do Commercio**, Manaus 5 jun.1910, n.2217, p.2.

Além disso, sorteio de brinde para as crianças começavam a fazer parte das corridas³⁰⁹. Ao sortear o brinde das mulheres era feito o sorteio de um brinquedo para as crianças.

Certa vez, o Derby Club fez um contrato com os senhores A. Reis&Ca. Esse contrato era para trazer ao prado a luta de um leão contra um touro. “No Prado Amazonense, às 4 horas da tarde, terá lugar a sensacional luta de um touro bravo com o leão africano Nero”³¹⁰. Essa atração inusitada aconteceria na 19ª corrida, onde o programa foi dividido em duas partes. A primeira era referente a disputa dos quatro páreos e a segunda entre a luta do leão contra o touro³¹¹. Com duas bandas de música, bilhetes sendo vendidos em diferentes casas comerciais a 5\$000 a corrida foi executada. Todavia, a expectativa se encontrava em ver a luta entre o leão e o touro. Foi levada para o prado uma “grande” jaula com o leão e o touro. No momento do confronto o touro foi colocado dentro da jaula do leão para que iniciasse a luta. Entretanto, nada aconteceu, pois “nenhum dos dois animais se hostilizaram”³¹².

Ao que tudo indica, mesmo com a criação de um clube para organizar as corridas no prado, este não conseguiu recuperar a “moralidade” nas corridas e trazer os adeptos ao prado. Isso pode ser notado na necessidade da criação dos juizes de apostas³¹³. Essa função foi criada a partir da 28ª corrida e tinha o objetivo de verificar o movimento da casa poule. Além do mais, o futebol passara a ganhar notoriedade, o que certamente concorria com a frequência desse local.

O Derby Club se desfez em 1911. O motivo que foi dado para tal, foi o aumento do aluguel do Prado Amazonense, considerado “excessivo” por seus membros. Com isso, eles planejavam criar uma nova associação, chamada Hypodromo Amazonense, onde estava sendo planejada a construção de um novo prado.

³⁰⁹ Divertimentos. **Jornal do Commercio**, Manaus 19 set. 1910, n.2321, p. 1, 2.

³¹⁰ Divertimentos. **Jornal do Commercio**, Manaus 7 ago. 1910, n.2279, p.2.

³¹¹ Notas Sportivas. **Correio do Norte**, Manaus 7 ago. 1910, n.510, p.1.

³¹² Divertimentos. **Jornal do Commercio**, Manaus 8 ago. 1910, n.2280, p.2.

³¹³ Derby Club. **Jornal do Commercio**, Manaus 23 out. 1910, n.2352, p.7.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O surgimento de práticas ligadas ao esporte em Manaus tem uma intrínseca ligação com o terceiro *boom* econômico da cidade, a comercialização da borracha. Nesse contexto aconteceram transformações que levaram a mudanças de ordem econômica, política, social e cultural. A cidade passa por um grande surto urbanizador, para atender as novas demandas, onde há a necessidade de substituição dos hábitos tradicionais pelos tidos como civilizados. Em meio a esse interim surgem os esportes que eram utilizados como indicadores de modernidade, fruto desses hábitos ditos como civilizados.

No final do século XIX são criados dois clubes que desenvolviam os esportes na cidade, o Sport Club Amazonense e o Grupo Cyclista Amazonense. O primeiro tinha como integrantes a elite local e se destacava pelas festas realizadas em seus salões. O segundo parecia ser formado por comerciantes portugueses e expunha para a cidade uma novidade, o ciclismo. Por meio desta, o grupo influencia a forma de se vestir dos homens.

A partir do século XX se tem a inauguração de outros clubes esportivos e o surgimento de novos gêneros do esporte. Nesse momento há o início da estruturação de um mercado em torno da prática. Além de haver a fundação de dois locais específicos para o desenvolvimento dos esportes. Eles eram tidos como lugares necessários para as pessoas se divertirem. Estes locais eram o Velódromo Amazonense e o Prado Amazonense, que instauraram uma nova relação com os apreciadores dos espetáculos esportivos - para assisti-los era necessário a compra de ingressos. Isso, certamente, influenciou na criação de várias estratégias para atrair o público, o que denotava que essas práticas ainda não estavam totalmente inseridas na sociedade.

A participação feminina no final do século XIX parecia estar restrita às atividades sociais promovidas por clubes. Já no século XX é possível notar o incentivo da participação feminina nas práticas esportivas tidas como adequadas, lawn tennis e o remo, por exemplo. Além disso, no velódromo e no prado sua participação era incentivada por meio dos sorteios de brinde e na disputa do tiro ao alvo.

É importante destacar o papel fundamental das praças no desenvolvimento do esporte em Manaus. Esses espaços eram palcos das práticas esportivas, os quais eram transformados em prol dos esportes, como nos casos do Velódromo Nacional e do Velódromo Amazonense que teve suas praças readaptadas para que fosse possível a prática esportiva. Esses locais eram utilizados também pelos clubes.

Os serviços de viação pública, ou melhor, os bondes também foram importantes nesse contexto, pois auxiliavam no deslocamento das pessoas para os lugares, onde aconteciam os espetáculos esportivos e a sua prática. Por meio de seu uso era possível se deslocar do perímetro urbano aos subúrbios, onde se localizavam alguns desses locais, tais como o velódromo.

A imprensa era um instrumento utilizado para propagar ideias ligadas ao desenvolvimento esportivo em Manaus, pois incentivava a prática, divulgava e reprimia comportamentos tidos como inadequados. A fundação de jornais, como por exemplo, o *Correio Sportivo* que tratava especificamente dos esportes, denotava a ideia de ter uma ampla divulgação sobre diferentes práticas, porém muito circunscrito do ponto de vista positivo, distinto do que os outros jornais faziam, contando as fofocas, denunciando armações e tribofes.

Ao final da primeira década do século XX há uma nova mudança na conformação do cenário esportivo de Manaus, se no início da organização esportiva se destacava o ciclismo e o turfe, a partir de 1909, essas modalidades passam a dividir espaço com o futebol, que tem uma ascensão com a criação de vários clubes. Isso fez com que houvesse uma intensificação da prática na cidade, onde as praças se tornam palco das disputas. O Quadro 1 exemplifica essa ideia.

QUADRO 1 - Clubes fundados em Manaus século XIX e XX

Nº	Nome do clube esportivo	Ano de inauguração ou do primeiro registro
1.	Sport Club Amazonense	1897
2.	Grupo Cyclista Amazonense	1898
3.	Manáos Sport	1904
4.	Lawn Tennis Club	1904
5.	Cricket Club	1904
6.	Club Desportivo Amazonense	1906
7.	Sport Club de Manáos	1907
8.	Sport-Club Foot-Ball Manáos	1907
9.	Club Inglez Sport Foot Ball	1907
10.	Bloco Mettre	1907
11.	Tennis Club	1908
12.	Derby Club	1909

13.	Club de Regatas Amazonense	1909
14.	Amerika Sport Club	1909
15.	Resbem Foot Ball Club	1909
16.	Brasil Foot Ball Club	1909
17.	Manáos Foot-Ball Club	1909
18.	Ideal Foot Ball Club	1909
19.	Guarany Club	1909
20.	União Foot Ball Club	1909
21.	Manáos Athletic Club	1909
22.	Independencia Foot Ball Club	1909
23.	Brasil Club	1909
24.	Republica Foot Ball	1909
25.	Racing Club Amazonense	1909
26.	Velo Club Amazonense	1909
27.	Club Estrella	1909
28.	Club Uruguay	1909
29.	Fluminense Foot Ball Club	1910
30.	Sport Club Victoria	1910
31.	Club S. Salvador	1910
32.	Club Itapagipe	1910
33.	Juvenil Foot-Ball Club	1910

Fonte: elaboração própria

Certamente essas questões não foram esgotadas nesse estudo, muito pelo contrário, vários problemas de pesquisa podem surgir para averiguações futuras. Como a investigação de figuras importantes para o desenvolvimento do esporte, tais como Deodoro Alcântara Freire e José Maranhão de Albuquerque, tentando entender a relação desses sujeitos com o desenvolvimento dos esportes. Ou ainda, sobre a rede de comunicação, formada pelos correspondentes dos jornais, que é criada para se manter as informações sobre os esportes nos jornais, as quais parecem ser fundamentais para a circulação de ideias referentes ao assunto esportivo e sua consolidação.

FONTES

1. Periódicos

A Federação (1895 a 1900)

Commercio do Amazonas (1870 a 1912)

Jornal do Commercio (1904 a 1979)

Correio do Norte (1906 a 1912)

Diario Official (1893-1900)

Quo Vadis? (1902 a 1904)

Correio Sportivo (1910, 1911 e 1916)

Diário de Manaus (1890 a 1894)

2. Outras fontes

Almanach administrativo, histórico, estatístico e mercantil da província do Amazonas para o anno de 1884.

Relatórios dos presidentes dos estados brasileiros (AM) – 1891 a 1930.

REFERÊNCIAS

- BAZE, A. **Luso Sporting Club-a** Sociedade Portuguesa no Amazonas. Manaus: editora Valer, 2007.
- BENCHIMOL, S. A. **Formação social e cultural**. 3. ed. Manaus: Editora Valer, 2009. p 85.
- BITTENCOURT, A. **Dicionário amazonense de biografias**: vultos do passado. Rio de Janeiro: Conquista, 1973. p.459.
- CAPRARO, A. M. **Foot-ball, uma prática elitista e civilizadora**: investigando o ambiente social e esportivo paranaense do início do século XX. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2002.
- DAOU, A. M. **A cidade, teatro e o “paiz da seringueiras”**: práticas e representações da sociedade amazonense na passagem do século XIX – XX. Rio de Janeiro: Rio Book’s, 2014.
- DAOU, Ana Maria. Instrumentos e sinais de civilização: origem, formação e consagração da elite amazonense. **História, ciência, saúde**, v.6 (suplemento), p.867-888, set. 2000.
- DIAS, Cléber. Esporte e cidade: balanços e perspectivas. **Tempo**, v. 17 n. 34, p. 33-44, Jan./Jun. 2013.
- DIAS, Cléber. História do esporte no sertão brasileiro: memória, poder e esquecimento. **Materiales para la Historia del Deporte**, v.x, p.24-36, 2012.
- DIAS, Cléber; LEITE, Marcos. História e memória do esporte em Jequié. **Recorde**, v. 7, n. 1, p. 1-23, jan./jun. 2014.
- DIAS, E. M.. **A ilusão do Fausto**. Manaus 1890 – 1920. Manaus: Editora Valer, 1999.
- DUARTE, D. **Manaus entre o passado e o presente**. Editora mídia ponto comm, v.1, p.57. 2009.
- GAMBETA, W. R. **A bola rolou**: o velódromo Paulista e os espetáculos de futebol (1895-1916), Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, 2013.
- HARARI, Yuval Noah. **Sapiens**: uma breve história da humanidade. Traduzido por Janaína Marcoantonio. L&PM, 2015. p.28.
- JÚNIOR, E. G. Ginástica, higiene e eugenia no projeto de nação brasileira: Rio de Janeiro, século XIX e início do século XX. **Movimento**, Porto Alegre, v. 19, n.1, p.139-159, jan/mar. de 2013.
- JUNIOR, E. G. O esporte e a modernidade em São Paulo: práticas corporais no fim do século XIX e início do XX. **Movimento**: Porto Alegre, v. 19, n. 4, p. 95-117, 2013.
- LUCENA, R. F. **O esporte na cidade**: aspectos do esforço civilizador brasileiro. Campinas: Autores Associados, 2001.
- MELO, V. A. **Dicionário do esporte no Brasil**: do século XIX ao início do século XX. Editora Autores Associados, 2007.

MELO, V. A. Esporte: uma diversão no Rio de Janeiro. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**. Belo Horizonte, v.2, n.3, p.49-66, 2015.

MELO, V. Mudanças no padrões de sociabilidade e diversão: o jogo da bola no Rio de Janeiro (séculos XVIII e XIX). **História (São Paulo)**, v.35, n.105, p.3.

MELO, V.; DRUMOND, M.; FORTES, R.; SANTOS, J. **Pesquisa Histórica e história do esporte**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013.

MELO, Victor. FORTES, Rafael. História do esporte: panorama e perspectivas. **Fronteiras**, Dourados, MS, v. 12, n. 22, p. 11-35, jul./dez. 2010.

MELO, Victor. Por que uma revista brasileira de história do esporte? Breves palavras sobre esse periódico. **Recorde**, v. 1, n. 1, jun. de 2008.

MESQUITA, O. M. **La Belle Vitrine: o mito do progresso na refundação de Manaus (1890/1900)**. 439 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005.

MORAES, Ronaldo. **O início da prática do ciclismo em Porto Alegre e sua relação com o jornalismo**, 2012.

MOURA, K. B. **Caixeiros: organização e vivências em Manaus (1906 – 1929)**, p.112.

NÉRY, F. J. S. **O país das amazonas**. Livraria Itatiaia Editora, 1979. Traduzido por Ana Mazur Spira.

NORMANDO, T. S. **Jogos de bola, projetos de sociedade: por uma história social do futebol na Belle Époque manauara**. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2003.

NORMANDO, T. S. Nas praças, nas ruas e nos rios: a Amazônia esportiva em sua belle époque. **Revista Digital - Buenos Aires** - Año 12 – n.112 – Sept. 2007.

PEREIRA, E. L.; MAZO, J. Z. As práticas equestres e o lazer dos porto-alegrenses (décadas de 1920 a 1940). **Licere**, Belo Horizonte, v.17, n.4, dez/2014.

PINHEIRO, L. B. S. P. Manaus na rota da Copa e o dilema de mudar com o passado ou contra o passado. **Revista Estudos Amazônicos**, p. 3-17, 2010.

PINHEIRO, M. L. U. **Folhas do Norte: letramento e periodismo no Amazonas (1880 - 1920)**. Edua, 2015.

RAMOS, E. H. C. L.; WEBER, R. Sociabilidades nacionalizadas: clubes sociais do sul do Brasil no contexto da Primeira Guerra Mundial. **Revista de História Regional**, v.20, n.1, p. 149-164, 2015.

RIBEIRO, P. D. Tavares. **Do burgo podre ao leão do norte: o Jornal do Commercio e a modernidade em Manaus (1904-1914)**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2014.

ROCHE, D. **O povo de Paris**. Ensaios sobre a cultura popular no século XVIII. Tradução Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2004.

SANTOS JUNIOR, Paulo. A imposição da modernidade na Manaus da borracha. **Cadernos de Pesquisa do CDHIS**, n. 36/37, ano 20, p. 119-131, 2007.

SCHETINO, A. M. **Pedalandando na modernidade**: a bicicleta e o ciclismo na transição do século XIX para o XX. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008.

SCHWEICKARDT, J. C. **Ciência, nação e região**: as doenças tropicais e o saneamento no estado do Amazonas (1890-1930). Manaus: Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz, 2009.

SOARES, P.G.; MORORÓ, A. Futebol e práticas corporais no final do século XIX e início do XX em Juiz de Fora/MG. **Recorde: Revista de História do Esporte**, v. 4, n. 2, 2011.

VOTRE, S. J.; SALLES, J. G. C.; MELO, V. A. **Representação Social do Esporte e da Atividade Física**: ensaios etnográficos. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto./INDESP, 1998.

WEINSTEIN, B.. **A borracha na Amazônia**: expansão e decadência (1850-1920). São Paulo: Hucitec/Edusp, 1993.